

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS - FFC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Mona Cleide Quirino da Silva Farias

**A SEMIÓTICA DA CULTURA NAS ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS DA
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO:
UMA ANÁLISE TEÓRICO-CONCEITUAL**



MARÍLIA/SP

2014

Mona Cleide Quirino da Silva Farias

**A SEMIÓTICA DA CULTURA NAS ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS DA
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO:
UMA ANÁLISE TEÓRICO-CONCEITUAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP, campus de Marília.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida.

Coorientador: Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães.

MARÍLIA/SP

2014

F224s

Farias, Mona Cleide Quirino da Silva.

A semiótica da cultura nas abordagens socioculturais da organização do conhecimento : uma análise teórico-conceitual / Mona Cleide Quirino da Silva Farias. – Marília, 2014. 184 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2014.

Bibliografia: f. 151-168.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida.

Coorientador: Prof. Dr. José Augusto Chaves Guimarães.

1. Cultura – Semiótica. 2. Pluralismo cultural. 3. Linguagem e cultura. 4. Linguística. 5. Análise de conteúdo (Comunicação) 6. Organização do conhecimento. I. Título.

CDD 025.4

Mona Cleide Quirino da Silva Farias

**A SEMIÓTICA DA CULTURA NAS ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS DA
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO:
UMA ANÁLISE TEÓRICO-CONCEITUAL**

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador

Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Marília

Membro Titular

Profa. Dra. Lígia Maria Arruda Café
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Membro Titular

Prof. Dr. Walter Moreira
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Marília

Marília, 16 de julho de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me deram apoio: Juarez Quirino da Silva e Maria das Dores da Silva.

Dedico também aos amigos que ficaram lá pelas Alagoas (Gustavo Barbosa, Natália Rodrigues, Lourdes Lima, Adriano Diamarante, Lisandra Pereira, Leandro Lima entre outros) e que sempre me encorajaram.

Dedico em especial ao meu filho Murilo e ao meu companheiro Ivo.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Carlos Cândido de Almeida, pela orientação deste trabalho, por sua perseverança e seriedade atuando sempre de inspiração desde os primeiros passos da minha trajetória acadêmica.

Ao Professor José Augusto Chaves Guimarães por aceitar a coorientação deste trabalho e ter contribuído com valiosas sugestões.

Aos Professores Lígia Maria Arruda Café e Walter Moreira por fazerem parte desde a banca de qualificação até a defesa deste trabalho, fornecendo grandiosas contribuições.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por ter financiado este trabalho e desse modo oportunizado a dedicação exclusiva à pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que no início da pesquisa ofereceu apoio financeiro.

Ao Grupo de Pesquisa “Fundamentos Teóricos da Informação- FTI” por proporcionar discussões e diálogos salutares que contribuíram com a configuração deste trabalho.

Ao Grupo de Estudo Formação e Atuação Profissional em Organização da Informação-FAPOI por ter me acolhido e contribuído com esta pesquisa fornecendo informações e valiosas reflexões.

À Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP de Marília, por dispor de espaços agradáveis de aprendizagem.

A todos aqueles colegas que conheci no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e demais pessoas que pude compartilhar ideias durante as disciplinas cursadas e os eventos que fizeram parte da trajetória e desenvolvimento deste trabalho.

Ao “Lar da Criança CMEI” em Marília/SP, por ter cuidado com muita dedicação e carinho do meu filho, para que eu me dedicasse a esta pesquisa.

À minha família de Maceió/AL pelo apoio e confiança.

Ao meu filho Murilo e meu companheiro Ivo pela compreensão, paciência e carinho.

“O valor do diálogo não está nas partes que se intersecciona, mas na transmissão de informação entre as partes que não se interseccionam. [...] quanto mais difícil e mais inadequada a tradução de uma parte não interseccionada do espaço à língua da outra, mais preciosa se torna, nas relações informacionais e sociais, o fato da comunicação paradoxal” (LOTMAN).

“Os limites da minha linguagem denotam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN).

FARIAS, M. C. Q. da S. **A Semiótica da Cultura nas Abordagens Socioculturais da Organização do Conhecimento: uma análise teórico-conceitual.** Marília: 2014. 184f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2014.

RESUMO

A Semiótica da Cultura é um campo de estudo cujas investigações estão para análise da linguagem, mais precisamente das linguagens da cultura. A Semiótica da Cultura trata dos sistemas de signos da cultura e reconhece que a cultura é elemento gerador de diversos textos, o que nos leva a entender que o contexto se apresenta como determinante para compreender o desenvolvimento dos signos da cultura, assim como para os processos de organização e representação do conhecimento. A concepção de linguagem e cultura são elementos que impulsionam as discussões na Semiótica da Cultura. Foi com base nesta premissa que buscamos a reflexão em torno da diversidade cultural e da diversidade linguística existente em diversos contextos da cultura. A questão que norteou a análise deste trabalho foi saber quais as relações teóricas e conceituais entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Para tanto, objetivamos traçar uma análise sobre relações teórico-conceituais entre a Semiótica da Cultura e a Organização do Conhecimento, mais precisamente às abordagens socioculturais com destaque aos autores: Begthol, García Gutiérrez e Hudon. Os procedimentos metodológicos tomaram como base uma abordagem qualitativa e de caráter exploratória. O *corpus* da pesquisa reúne materiais do campo da Organização do Conhecimento e da Semiótica da Cultura. O método de análise utilizado foi a *Análise de Conteúdo* que contribuiu na análise dos conceitos dos dois campos de estudo, tendo em vista o alcance dos objetivos. Desse modo, realizaram-se as análises sobre os conceitos que caracterizam as abordagens socioculturais e as concepções da Semiótica da Cultura. Com a análise feita sobre os textos apresentamos o diálogo entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais. Assim, consideramos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Portanto, entendemos que a Semiótica da Cultura pode contribuir com a Organização do Conhecimento com base em uma análise da cultura e dos contextos das comunidades.

Palavras-chave: Semiótica da Cultura. Diversidade cultural. Diversidade linguística. Abordagens Socioculturais. Organização do Conhecimento.

FARIAS, M. C. Q. da S. **The Semiotics of Culture in Socio Cultural Approaches to Knowledge Organization: A theoretical and conceptual analysis.** Marília: 2014. 184f. Dissertation (Master) Graduate Program in Information Science, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, 2014.

ABSTRACT

The Semiotics of Culture is a field of study whose investigations are to analysis of language, specifically the language of culture. The Semiotics of Culture deals with sign systems of culture and recognizes that culture is generating element of several texts, which leads us to understand that the context is presented as decisive for understanding the development of signs of culture, as well as the organization processes and representation of knowledge. The conception of language and culture are elements that boost the discussions in the Semiotics of Culture. It was on this premise that we seek the reflection on the cultural diversity and linguistic diversity that exists in many contexts of the culture. The question that guided the analysis of this study was to know what the theoretical and conceptual relationships between the Semiotics of Culture and socio cultural approaches to Knowledge Organization. Thereunto, we aim to draw an analysis of theoretical and conceptual relationships between the Semiotics of Culture and Knowledge Organization, more precisely to socio cultural approaches highlighting the authors: Begthol, García Gutiérrez and Hudon. The methodological procedures were based on a qualitative and exploratory character approach. The research corpus gathers materials from the field of Knowledge Organization and the Semiotics of Culture. The analysis method used was a Content Analysis that contributed to the analysis of the concepts of the two fields of study in order to reach the objectives. Thereby, the analyses were performed on the concepts that feature the socio cultural approaches and conceptions of Semiotics of Culture. With the analysis of the texts we present the dialogue between the Semiotics of Culture and socio cultural approaches. Thus, we consider that the objectives of this research were achieved. So, we believe that the Semiotics of Culture can contribute to the Knowledge Organization based on an analysis of culture and community contexts.

Keywords: Semiotics of Culture. Cultural diversity. Linguistic diversity. Socio cultural approaches. Knowledge Organization.

FARIAS, M. C. Q. da S. **La Semiótica de la Cultura en Abordajes Socioculturales de la Organización del Conocimiento: un análisis teórico-conceptual.** Marília: 2014. 184f. Disertación (Maestría) Programa de Posgrado en Ciencias de la Documentación, Facultad de Filosofía y Ciencias, *Universidade Estadual Paulista - UNESP*, Marília, 2014.

RESUMEN

La Semiótica de la Cultura es un campo de estudio cuyas investigaciones están para el análisis del lenguaje, más precisamente de los lenguajes de la cultura. La Semiótica de la Cultura trata de los sistemas de signos de la cultura y reconoce que la cultura es elemento generador de diversos textos, lo que nos lleva a entender que el contexto se presenta como determinante para comprender el desarrollo de los signos de la cultura, así como para los procesos de organización y representación del conocimiento. La concepción del lenguaje y de la cultura son elementos que impulsan las discusiones en la Semiótica de la Cultura. Fue basada en esta premisa que buscamos la reflexión en torno de la diversidad cultural y de la diversidad lingüística existente en diversos contextos de la cultura. La cuestión que orientó el análisis de este trabajo fue saber cuáles son las relaciones teóricas y conceptuales entre la Semiótica de la Cultura y los abordajes socioculturales de la Organización del Conocimiento. Para tanto, nuestro objetivo es trazar un análisis sobre relaciones teórico-conceptuales entre la Semiótica de la Cultura y la Organización del Conocimiento, más precisamente a los abordajes socioculturales con destaque a los autores: Begthol, García Gutiérrez y Hudon. Los procedimientos metodológicos tomaron como base un abordaje cualitativo y de carácter exploratorio. El *corpus* de la pesquisa reúne materiales del campo de la Organización del Conocimiento y de la Semiótica de la Cultura. El método de análisis utilizado fue el *Análisis de Contenido* que contribuyó en el análisis de los conceptos de los dos campos de estudio, teniendo en vista el logro de los objetivos. De ese modo, se realizaron los análisis sobre los conceptos que caracterizan los abordajes socioculturales y las concepciones de la Semiótica de la Cultura. Con el análisis realizado sobre los textos presentamos el diálogo entre la Semiótica de la Cultura y los abordajes socioculturales. Así, consideramos que los objetivos de esta pesquisa fueron alcanzados. Por lo tanto, entendemos que la Semiótica de la Cultura puede contribuir con la Organización del Conocimiento basada en un análisis de la cultura y de los contextos de las comunidades.

Palabras clave: Semiótica de la Cultura. Diversidad cultural. Diversidad lingüística. Abordajes Socioculturales. Organización del Conocimiento.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Descrição das categorias de análise	108
QUADRO 2- Conceitos das abordagens socioculturais	125
QUADRO 3- Conceitos destacados da Semiótica da Cultura.....	136
QUADRO 4- Diálogos teórico-conceituais.....	143

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	33
2.1 O campo da Organização do Conhecimento.....	33
2.2 Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.....	45
2.3 Organização do Conhecimento como mediação social.....	61
3 SEMIÓTICA DA CULTURA.....	71
3.1 Campo e Objeto.....	71
3.2 Linguagem e Cultura.....	79
3.3 Texto, Contexto e Diversidade Linguística.....	88
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	102
5 UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE SEMIÓTICA DA CULTURA E ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	110
5.1 Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.....	113
5.1.1 <i>Ética transcultural</i>	113
5.1.2 <i>Transculturalismo</i>	117
5.1.3 <i>Garantia cultural</i>	119
5.1.4 <i>Hospitalidade cultural</i>	121
5.1.5 <i>Multilinguismo</i>	122
5.2 Conceitos da Semiótica da Cultura.....	125
5.2.1 <i>Linguagem</i>	126

5.2.2 Cultura.....	129
5.2.3 Texto.....	130
5.2.4 Contexto.....	131
5.2.5 Tradução.....	132
5.2.6 Sistemas modelizantes.....	134
5.3 Diálogos teórico-conceituais entre as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e a Semiótica da Cultura.....	138
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS.....	151
APÊNDICES.....	169
APÊNDICE A – MODELO DA FICHA DE ANÁLISE DAS CATEGORIAS.....	170
APÊNDICE B – CATEGORIAS ANALISADAS EM ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....	171
APÊNDICE C – CATEGORIAS ANALISADAS EM SEMIÓTICA DA CULTURA... 	176
APÊNDICE D – GLOSSÁRIO DA SEMIÓTICA DA CULTURA.....	182

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento é uma construção coletiva e, portanto, reflexo de uma determinada cultura. Visto desse modo, o consideramos produto da sociedade. Com base nesse raciocínio buscamos refletir sobre os conteúdos construídos e compartilhados em diversas comunidades com culturas distintas e linguagens múltiplas. Nesse processo de construção encontra-se a cultura/texto e a comunidade/coletivo, pois sem essa relação seria impossível conhecer os contextos culturais. Assim, a cultura pressupõe que todo e qualquer conhecimento construído e compartilhado represente seu contexto. Diante disso, entendemos que a Organização do Conhecimento enquanto um campo mediador necessita entender a cultura, por meio de seus contextos, evidenciando assim as diversas linguagens e demais elementos culturais.

Nesse escopo, reconhecemos as abordagens socioculturais como um dos núcleos de estudo da Organização do Conhecimento que contempla estudos cujas investigações direcionam para um olhar sobre a cultura e o contexto. Neste estudo denominamos abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento uma linha de estudos que está orientada por discussões sobre os aspectos éticos, culturais, representacionais e linguísticos. Entre os teóricos podemos citar: García Gutiérrez (1998, 2002), Beghtol (2002), Guimarães e Fernández-Molina (2003), Hudon (1997), Hjørland (2007, 2013), Campbell (2000, 2010), entre outros.

Então, consideramos que as abordagens socioculturais são investigações cujos estudos revelam atenção para aspectos éticos e socioculturais no contexto da Organização do Conhecimento e desse modo contribuem para a análise das questões éticas, políticas, linguísticas, sociais e culturais que se direcionam para a configuração de sistemas de organização e representação do conhecimento.

Os estudos das abordagens socioculturais analisados nesta pesquisa tratam especificamente das seguintes temáticas: da “Garantia cultural e hospitalidade cultural” de Clare Beghtol; “Ética transcultural da mediação” de Antônio Garcia Gutiérrez e “Tesauros multilíngues” de Michèle Hudon.

A garantia cultural visa uma garantia de acesso. Vale mencionar que o termo garantia cultural deriva-se de outro termo que é a “garantia literária” destacada por Hulme (1911). A garantia literária se fundamenta na ideia de que os esquemas e a terminologia de um sistema devem estar baseados antes nos tópicos presentes na documentação que nos modelos das classificações científicas ou filosóficas (BARITÉ, 2011). A garantia cultural reflete sobre os conteúdos que serão submetidos à representação. Nesse sentido propõe uma ética sobre tais conteúdos na intenção de favorecer seu acesso. A hospitalidade cultural aparece como uma proposta estendida da primeira e discute a necessidade da recepção das diversas culturas e linguagens em consideração aos seus contextos.

Na “Ética transcultural da mediação”, García Gutiérrez desenvolve em torno dessa discussão o seu olhar crítico sobre os fenômenos culturais e enfatiza a necessidade de uma ética que se apresente sobre uma visão transcultural. A ética transcultural da mediação possui também relação com a noção de uma “epistemografia interativa”, onde esta visa além de considerar, como também integrar elementos éticos, culturais e políticos no conhecimento para sua posterior organização e representação.

Sobre os “Tesouros multilíngues” de Michèle Hudon, a autora revela sua atenção para um tratamento igualitário entre as línguas. Os tesouros multilíngues visam contemplar as questões da diversidade linguística, e de possibilitar um tratamento ético que prevê por meio de instrumentos de representação a possibilidade de conexão entre diversas línguas.

No contexto dessas discussões, entendemos a cultura como um elemento de reflexão no âmbito da Organização do Conhecimento, a qual se encontra em destaque pelas investigações propostas nas abordagens socioculturais desse campo. No entanto, consideramos que a cultura pode se tornar um elemento de significativa reflexão para a Organização do Conhecimento, se analisada com o objetivo de conhecer os contextos culturais.

Para tanto, consideramos que as abordagens linguísticas também são indispensáveis para a Organização do Conhecimento. Entendemos que a Organização do Conhecimento é um campo propício de reflexão para os contextos culturais tendo como ponto de partida as

abordagens socioculturais. Desse modo, a Organização do Conhecimento pode ser compreendida enquanto campo de mediação e, nesse sentido, podemos dizer que a linguagem assim como a cultura são conceitos que transitam nesse espaço.

A Organização do Conhecimento, como um campo de processos de mediação, reúne uma variedade de temas que discutem aspectos distintos. Segundo Dahlberg (2006), a Organização do Conhecimento compete tratar de aspectos voltados à teoria do conceito. Também, podemos citar os seguintes temas que compõem seus estudos, como: teorias semânticas, análise conceitual (CAFÉ; BRÄSCHER, 2011), aspectos éticos (GUIMARÃES, 2005), aspectos semânticos (HJORLAND, 2003), análise e discussões sobre linguagens documentárias e terminologias (LARA, 2011), representação (LÓPEZ-HUERTAS, 2008, 2006 e 2010) sistemas de classificação (MAI, 2004), entre outros.

Além disso, consideramos que as reflexões trazidas pelos estudos da Semiótica como “[...] ciência que estuda o signo em geral; todos os signos que formem linguagens ou sistemas” (BEUCHOT, 2004, p. 7) são entendidos como relevantes. Nesse escopo, consideramos a concepção de signo atribuída por Peirce (1990, p.4), onde diz que o signo é qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante). Para Coelho Netto (2010, p.56), na compreensão de signo dada por Peirce o signo é aquilo que sob determinado aspecto representa algo para alguém. Outra concepção de signo é atribuída por Saussure (1970, p. 81) quando explica que o signo linguístico constitui de uma unidade psíquica de duas faces que seria a união entre a imagem acústica e o conceito, ou significado e significante.

A Semiótica da Cultura, também conhecida como Semiótica Russa, desenvolveu suas discussões sobre os sistemas de signos, a cultura, texto cultural, códigos culturais e linguagens, em meados da década de 1960. Assim, entendemos que tais discussões podem se somar às discussões sobre linguagem e cultura que potencializem e contribuam com os estudos contemplados pelas abordagens socioculturais, a saber, as questões que envolvem a linguagem, os aspectos éticos e socioculturais da Organização do Conhecimento.

Desse modo, é necessário destacar o contexto no qual a Semiótica da Cultura emerge assim como seus teóricos. Logo, podemos dizer que o espaço que possibilitou isso foi a

Escola de Tártu-Moscú (ETM), na Universidade de Tártu, Estônia. Dos pioneiros responsáveis pelas discussões teóricas nesse campo de estudos da linguagem, podemos citar Yuri, M. Lotman (1999, 1990, 2003) com sua análise sobre semiosfera. A semiosfera é o espaço de desenvolvimento dos sistemas de signos da cultura, isto é, um espaço semiótico sujeito a processos de modelizações, e transcodificações, um contínuo semiótico.

Quanto à concepção de modelização, entendemos que este foi um conceito atribuído pelos semioticistas no campo da Semiótica da Cultura, cujo propósito foi buscar a distinção entre a língua natural enquanto sistema primário dos demais sistemas de linguagens culturais; que na Semiótica da Cultura, se considera, por exemplo, a música, a dança, a poesia etc., tendo em vista que ambos se originam de um sistema modelizante primário, com base em uma estrutura, que é a língua.

O termo transcodificação corresponde a “operação” (ou conjunto de operações) pela qual um elemento ou um conjunto significante é transposto de um código para outro, ou de “uma linguagem para outra” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 509). Para a Semiótica da cultura, por exemplo, os códigos culturais são denominados processos de transcodificações, e por isso não se trata de uma mera decodificação (MACHADO, 2003).

Outro nome que mencionamos neste estudo é Schanaiderman (1979) que se encontra entre os estudiosos da Semiótica da Cultura e em sua obra “Semiótica Russa” apresenta desde o contexto histórico, político e social das primeiras perspectivas da Semiótica da Cultura, ainda enquanto disciplina, até seu desenvolvimento como uma corrente de estudo da semiótica com foco nas discussões da linguagem na cultura.

Nesse contexto, cultura é um complexo de signos, atribuídos de textos culturais, códigos e linguagens, e, dessa maneira entendemos que a cultura não consiste enquanto objeto central de discussão da Semiótica da Cultura. Nesse caso, o objeto desta Semiótica são os sistemas semióticos da cultura desenvolvidos na própria, como, por exemplo, as linguagens. A cultura com base nos estudos da Semiótica da Cultura é considerada como um texto, criado a partir da conceptualização de códigos culturais e linguagens e, portanto, seu desenvolvimento se dá num espaço semiótico. A cultura nesse contexto compreende um sistema semiótico, isto

é, um sistema pelo qual os demais sistemas se relacionam, como por exemplo, os códigos, as línguas e as linguagens. Este relacionamento é denominado modelização.

Modelizar é ler e compreender os sistemas de signos. Os processos de modelização implicam na ação de interpretar e destacar os significados dos elementos da cultura. Sendo assim, cultura é um sistema semiótico, caracterizada por sua capacidade dinâmica transformadora sobre os textos criados e desenvolvidos por uma memória coletiva que possui uma dinamicidade crescente. A cultura possui uma dimensão maior, isto é, ela é definida como um campo dinâmico e plural no qual se apresenta domínios distintos de conhecimento.

O objeto da Semiótica da Cultura ganha uma dimensão maior por não tratar apenas da cultura, de suas características, instrumentos específicos, tipos de cultura. A ideia ou “cognição” (NÖTH, 1996), como se diria na Semiótica moderna, ressaltada também pelos estudos da Semiótica da Cultura, apresenta a cultura como um texto e visualiza este texto por meio de um espaço semiótico – uma semiosfera -, ambiente no qual são produzidos e organizados os códigos, as linguagens, assim como as semioses. Os sistemas de signos da cultura são compreendidos como dispositivos pensantes da cultura.

A cultura pode ser entendida também como um processo semiótico, onde as narrativas constituídas a partir das linguagens expressam o complexo de signos. Por meio dessas narrativas podemos perceber como ocorrem os processos interpretativos e de apropriação da cultura, isto é, a recepção e mediação de seus elementos simbólicos assim como suas linguagens.

As linguagens produzidas e organizadas a partir da cultura de um dado contexto sociocultural, compartilham de sistemas de signos com uma tendência ao desenvolvimento e constituição de outros signos, isto é, estabelecem-se um contínuo complexo de signos o qual desenvolve uma dinamicidade e hibridez que ao nosso olhar precisam ser ressaltadas nas discussões que envolvem a organização e representação do conhecimento.

Na Semiótica da Cultura, também é destacado a concepção de linguagens. As linguagens são processos comunicativos de múltiplas expressões. De modo geral, as linguagens revelam o contexto híbrido (CANCLINI, 2008) das culturas e, por conseguinte,

dos sujeitos que fazem parte destas atuando como agentes produtores de textos manifestados por múltiplas linguagens. Desse modo, compreendemos que “[...] todas as práticas humanas são tipos de linguagens, já aquelas têm a função de demarcar, significar e comunicar” (CINTRA, et al., 2002, p.26).

Nesse escopo, temos que a linguagem é um modo de expressão podendo ser expressa por diversos signos que não seja somente o signo linguístico (MACHADO, 2003, p. 163) e no contexto da Semiótica da Cultura é um elemento a que devemos destaque. No entanto, para que tenhamos outra definição de linguagem compartilhamos a compreensão de linguagem descrita por Semprini (1999) onde afirma que a linguagem é um instrumento cultural potencializador do conhecimento humano e por isso interfere na visão de mundo dos sujeitos. Em torno da discussão de linguagens, nossas reflexões também vão ao encontro da perspectiva de uma semiótica social, na qual considera a própria linguagem enquanto “semiótica social” (HALLIDAY, 1982, p. 9) revelada nos contextos da sociedade.

Então, o contexto representa o momento histórico, social e cultural vivenciado pelas comunidades e culturas. Também, mencionamos sobre a concepção de texto cultural, ou seja, as produções culturais manifestadas por linguagens, enquanto criações dialógicas no contexto das culturas. O texto consiste nesse aspecto, em mecanismos semióticos e atuam na geração de sentidos. O texto interage com o contexto. Compreendemos que o entendimento de texto depende também da noção de signo, pois no contexto sociocultural estamos em volta de uma diversidade sígnica que merece interpretações.

A noção de tradução com ênfase na tradução da tradição, termo explorado pela Semiótica da Cultura, consiste em um exercício interpretativo sobre os aspectos e elementos culturais e não condiz em uma mera reprodução. A tradução, por sua vez, é tratada aqui enquanto uma atividade semiótica que envolve necessariamente a interpretação e compreensão no objetivo de representar uma determinada realidade cultural. Por exemplo, em um determinado contexto cultural não necessariamente nos limitamos à tradução em um sentido de troca de códigos, mas sim em uma atividade que busca compreender a significação dos fenômenos culturais, como quando analisamos, por exemplo, um texto literário, uma

música, uma obra de arte. Nessa atividade interpretativa que é a tradução como entendemos é necessário um domínio, isto é, um conhecimento quanto aos fenômenos ou objetos culturais analisados, pois reconhecemos que nesse processo é relevante partirmos de um referente para traçar análises e interpretações.

Para a Organização do Conhecimento, tradução é entendida como uma passagem de uma língua para outra, no caso, da língua dos documentos para a língua do sistema. No contexto das Linguagens Documentais, por exemplo, a tradução “[...] é feita em unidades informacionais ou conjunto de unidades aptas a integrar sistemas documentários” (CINTRA, et al., 2002, p.35). A tradução sobre a qual refletimos nesta pesquisa é uma tradução de caráter intersemiótica ou de transmutação, isto é, na interpretação dos signos verbais via sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1995, p. 65). A tradução é um mecanismo que possibilita ultrapassar uma interpretação que esteja baseada somente em signos verbais. Por exemplo, a tradução de elementos simbólicos no contexto cultural pode apresentar uma variedade de elementos passíveis para análises interpretativas.

Mediante as concepções de cultura, linguagem, texto, contexto, tradução e modelização, desenvolvidas pela Semiótica da Cultura, consideramos sua pertinência, e entendemos que trazem uma perspectiva ampla de compreensão da diversidade linguística e cultural de determinados domínios do conhecimento¹, que nos leva à necessidade de destacar que há uma tendência em se discutir sobre as abordagens socioculturais na Organização do Conhecimento, principalmente pela constatação de determinados estudos desenvolvidos, o que nos impulsiona a compartilhar com demais pesquisas que possam vir a somar conteúdos aos estudos socioculturais da Organização do Conhecimento.

Nesse sentido, buscamos aproximações de ordem teórica e conceitual com os estudos da Semiótica da Cultura. Portanto, afirmamos de antemão, que o estudo da linguagem, visto por um viés semiótico, pode trazer contributos significativos para Ciência da Informação e de maneira mais específica ao núcleo de discussões socioculturais da Organização do

¹ Campos de atividades que compartilham de conhecimentos que se aproximam, tendo em vista interesses comuns como, por exemplo, a Semiótica da Cultura e os campos de investigações da Antropologia, Linguística estrutural, entre outras.

Conhecimento, pois consideramos que este campo, enquanto um espaço que desenvolve processos de mediação precisa cada vez mais estender seus estudos e reflexões tendo em vista dialogar com diversas perspectivas culturais e da linguagem que lhes favoreçam uma análise interdisciplinar sobre as questões socioculturais, da cultura e do contexto das comunidades.

Com base em alguns conceitos abordados na Semiótica da Cultura, é possível traçar uma análise que permita uma compreensão da cultura no âmbito da Organização do Conhecimento desde que o propósito seja refletir sobre os contextos culturais das comunidades. Assim, entendemos que as discussões que contemplam aspectos linguísticos, éticos, socioculturais e multiculturais no campo da Organização do Conhecimento poderiam favorecer diversas reflexões sobre o contexto cultural desde que desenvolva suas análises sobre a cultura na perspectiva de reconhecer e compreender os contextos culturais das comunidades.

Dessa maneira, este estudo se relaciona com a perspectiva da garantia cultural, a qual envolve a interpretação e manutenção dos aspectos da cultura que evidencie as particularidades culturais de uma comunidade (BARITÉ, 2011) que valorize os diversos contextos culturais na busca de desenvolver e utilizar de mecanismos de tradução, que auxiliem na compreensão da realidade cultural e ao mesmo tempo, identificar suas referências culturais para posteriores análises.

Em resumo, ressaltamos que a Semiótica da Cultura corresponde ao campo de estudo que trata de discussões sobre a linguagem na cultura e em sua abordagem teórica, parte de um discurso cultural onde são contemplados elementos como o texto cultural e as linguagens. A linguagem é compreendida como um dispositivo que se expressa por signos que não possuem relação direta com os signos linguísticos, mas que não impede o reconhecimento do seu potencial comunicativo no âmbito cultural. A linguagem pode ser expressa por variados mecanismos de comunicação, como, por exemplo, por meio de uma imagem, de um som, da fala, etc.

Em torno desta noção de linguagem, é coerente explicar também sobre a concepção de

língua². Para a Semiótica da Cultura, a língua é o mecanismo semiótico de transmissão de mensagens por meio de um conjunto de signos além de atuar como sistema. A língua natural é um sistema modelizante, pois se constrói por outros mecanismos como fonação, grafismo, convenções socioculturais. Os semioticistas definem a língua natural como sistema modelizante primário, pelo fato de ser dotada de estrutura codificada (MACHADO, 2003, p. 162).

Compreendemos que a linguagem atua como um elemento mediador e representativo do conhecimento, que ao ser construído no espaço da cultura, traz consigo um caráter híbrido e dinâmico. De modo geral, é necessário esclarecer que a cultura é entendida como um grande texto, isto é, um sistema complexo de signos. Logo, consideramos que a cultura é a própria natureza e por meio desta é possível entender que há uma multiplicidade de sistemas de signos, como, por exemplo, na arte, na literatura, na música entre outros, em volta do espaço cultural.

Defendemos que a linguagem está composta nos sistemas de signos da cultura. Para tanto, consideramos o caráter híbrido da linguagem, pois pensamos a mesma como formas de expressão que pode se revelar diante de um determinado contexto e por meio desse é possível refletir sobre a organização de um conhecimento no âmbito sociocultural, respeitando as peculiaridades linguísticas e culturais dos sujeitos e comunidades. Nesse aspecto, a linguagem pode propor reflexões em torno da diversidade linguística e cultural. A linguagem se torna elemento significativo para a organização e representação de uma determinada cultura em relação ao seu contexto.

As linguagens assim como a cultura estão inseridas nas reflexões das abordagens socioculturais, como núcleo de estudos da Organização do Conhecimento. Assim, entendemos que por meio das análises sobre cultura e linguagem traçadas pela Semiótica da Cultura

² Em termos linguísticos, conforme Saussure (1970, p. 17), “[...] a língua constitui algo adquirido e convencional [...]”. Para tanto, destacamos a concepção de língua, isto é, da língua natural, enquanto instituição social (SAUSSURE, 1970), é considerada como possibilidade de criação de linguagens, por isso compreendemos que, sob este aspecto, não podemos deixar de ressaltar sua relevância bem como seu caráter comunicativo no contexto das abordagens socioculturais.

somos impulsionados a refletir em formas de organização do conhecimento que consideram as linguagens bem como os textos desenvolvidos nos contextos socioculturais, ou seja, nos múltiplos domínios de conhecimento.

Para tanto, devemos ressaltar, por exemplo, que a *Classificação Decimal de Dewey* enquanto um sistema de classificação não contempla realidades e contextos culturais e simbólicos locais. Nesse contexto, a Classificação Decimal de Dewey segundo Olson (2002) possui suas partes arranjadas por disciplinas e não por temas. Desse modo, temas como raça, gênero, religião, entre outros, são apresentados de forma generalizada pelo fato da ausência de uma área que contemple tais temas, ou seja, que representem de modo mais significativo esses temas. Em torno disso refletimos em mudanças para tal contexto na qual requer um empenho e esforço por parte de pesquisadores envolvidos com as discussões no âmbito da organização e representação do conhecimento.

A partir das reflexões desencadeadas pela Semiótica da Cultura, supomos a hipótese de um diálogo entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais, no intuito de destacar as relações de ordem teórica e conceitual que mais se aproximem das análises sobre linguagem e cultura e que possam proporcionar uma reflexão por meio das abordagens socioculturais.

Para isso, necessitamos de uma “consciência semiótica”, ideia esboçada na história da semiótica que consiste na consciência do papel exercido pelo signo, isto é, o papel do signo explicitado e posteriormente desempenhado num determinado aspecto (DEELY, 1990).

Consideramos como hipótese deste estudo que a Semiótica da Cultura contribui para as reflexões no que corresponde às abordagens socioculturais na Organização do Conhecimento, e, sobretudo, para a análise de linguagens que considerem os contextos, isto é, que favoreçam a mediação e a representação do conhecimento, buscando evidenciar as questões culturais.

Entendemos que a partir da Semiótica da Cultura, a cultura possui uma característica dinâmica. Ela está sujeita a processos de modelizações, o que implica dizer que as discussões da Organização do Conhecimento podem dialogar com estudos que possam viabilizar um

olhar mais ampliado da cultura, que explorem cada vez mais, em suas análises, questões culturais e interpretativas. Assim, consideramos que a cultura é dinâmica e conforme sua perspectiva e seu complexo de elementos, como a linguagem, por exemplo, entendemos que as formas de organização do conhecimento devem considerar a diversidade cultural e linguística e, conseqüentemente, respeitar os contextos culturais.

Através da Semiótica da Cultura compreendemos que o conhecimento também se apresenta dinâmico; o conhecimento assim como as linguagens constitui o texto da cultura produzido em um determinado contexto. Assim, entendemos que tanto o conhecimento como as linguagens são construções dialógicas de uma cultura. Desse modo presumimos que o conhecimento, bem como os textos da cultura são organizados de modo que suas mediações e representações ocorram via linguagens.

Sob esse aspecto entendemos que o conhecimento passa por processos de modelização. Retomando a ideia de modelização sob o olhar da Semiótica da Cultura, esta consiste em um processo sógnico que visa possibilitar as manifestações, os produtos e as atividades culturais, organizadas por diversos tipos de linguagens, na construção de um texto, mais precisamente o texto cultural (MACHADO, 2003, p.51).

A mediação a qual nos referimos anteriormente é compreendida como um processo semiótico, que inclui ações interpretativas, das diversas culturas em inúmeros contextos. A mediação pode ocorrer em toda e qualquer representação de um determinado conhecimento. Consideramos, por exemplo, que as linguagens documentais são instrumentos mediadores do conhecimento. Desse modo, pensar a cultura no âmbito da mediação é compreender também a criação e desenvolvimento de uma diversidade de signos no objetivo de criar e representar novos textos, novos conhecimentos em contextos culturais diversos.

A representação é um modo de enxergar os textos culturais, além de uma única estrutura como, por exemplo, a língua. A língua é o ponto de partida de uma representação, pois ela identifica uma comunidade, um grupo de indivíduos, porém as linguagens em suas variadas formas de expressão também possuem a capacidade de identificação e representação de uma comunidade, de um contexto, pois elas não se limitam a um único código apesar de

reconhecer que a língua possui um caráter comunicativo. Assim, consideramos que a cultura se expressa por um complexo dinâmico de sistemas de signos, os quais não se encontram estritamente ligados à língua, mas relacionados a diferentes sistemas de signos como, por exemplo, a linguagem, seja esta visual, gestual, sonora e arquitetônica.

Para tanto, a análise e concepção do texto no campo de estudos da Semiótica da Cultura reconhecem que o texto constitui numa produção coletiva. O texto é um “mecanismo semiótico gerador de linguagens” (MACHADO, 2003, p.169), ou ainda podemos acrescentar dizendo que o texto, nessa perspectiva, é instrumento dialógico, entre os sujeitos que o produz e o contexto que toma como referência. Desse modo, o texto é constituído a partir de um contexto sociocultural e para isso requer de um mecanismo para sua manifestação e/ou representação, nesse caso, as linguagens.

Com base na Semiótica da Cultura, as linguagens são entendidas como dispositivos mediadores do texto e por isso são correspondentes a um contexto amplo da cultura que reconhece sua diversidade linguística. As linguagens são pensadas como sistemas de signos (MACHADO, 2007), cujas suas formas expressivas podem ser por meio de uma imagem, de um gesto, de um som, etc. Portanto, as linguagens não estão limitadas a uma estrutura, representadas por meio de uma única unidade como a fala, por exemplo, como pensada por Jakobson (1995), apesar de este ressaltar a importância da unidade fala no processo de comunicação e conseqüentemente reconhece a linguagem como um instrumento de comunicação. Entendemos que as linguagens no contexto cultural também são instrumentos de representação.

Consideramos que no campo da Ciência da Informação, mais precisamente a área que tem como foco o desenvolvimento de linguagens documentais, as linguagens servem como instrumentos instauradores na direção de propor uma interação e diálogo entre os sistemas de informação e o usuário (KOBASHI, 2007, p. 2). A partir disso, entende-se que as linguagens documentais são os mecanismos potencializadores na relação entre os sistemas de informação e o usuário.

Segundo Lara (1999), as linguagens documentais consistem na expressão de uma

determinada informação, no intuito de tornar possível a mediação entre o documento e os indivíduos. Nesse sentido, as linguagens documentais preveem a alteração, isto é, a mudança nos estoques de conhecimento dos indivíduos. Assim, consideramos que as linguagens documentais, enquanto formas expressivas da informação podem ser instrumentos de representação na medida em que é possível entender a dinâmica do conhecimento construído e alterado pelos indivíduos em diversos contextos socioculturais.

Para tanto, entendemos que as linguagens documentais possuem a função de representar um determinado contexto. Em se tratando da função para representar um contexto, uma cultura e/ou comunidade, destacamos conforme Cintra et al (2002, p. 35) que as linguagens documentárias³ são “linguagens construídas”. Desse modo, entendemos que nessa construção os contextos, nos quais são derivadas as linguagens, devem ser considerados.

Conforme Cintra, et al (2000, p. 15), enquanto elementos representativos as linguagens documentárias tomam como base a linguagem natural, isto é, se constituem da própria linguagem natural. Ademais, mesmo havendo um cuidado em neutralizar os traços presentes na linguagem natural os quais caracterizam esta como um sistema aberto, heterogêneo e multiforme, as linguagens documentárias assimilam algumas particularidades, pelo fato destas considerarem em sua base a linguagem natural e também por serem manipuladas por indivíduos que possuem algo nessa linguagem e este algo encontra-se naturalmente incorporado à sua existência.

Nesse sentido, entendemos que a configuração das linguagens documentais no contexto da representação não implica em uma atividade neutra que passe a desconsiderar contextos. A base da linguagem natural, neste caso, já permite o contato com um determinado contexto. Desse modo, compreendemos que é necessário atentarmos sempre para o contexto onde as linguagens são desenvolvidas, pois é preciso considerar o pluralismo linguístico que envolve a concepção de linguagens para a sua disposição num sistema de representação da informação e do conhecimento. Consideramos que uma análise do contexto, nesse sentido

³Apesar do termo “linguagem documentária” mencionado predominar na literatura da área da Ciência da Informação, consideramos a expressão “linguagens documentais” em destaque das abordagens de Gardin(1966).

torna-se válida, por dispor de uma garantia cultural, como enfatizada por Begthol (2002), isto é, uma garantia que prevê com base em questões éticas a representação de uma determinada comunidade/cultura que possibilite o acesso das informações dessa comunidade, ou seja, da cultura e do contexto na qual tal comunidade faz parte.

García Gutiérrez (2002) evidencia a valorização dos contextos culturais dos usuários e nos faz refletir sobre os sistemas de representação do conhecimento, nos quais é necessário também atentar para a postura dos profissionais envolvidos, pois consideramos que as decisões tomadas pelos profissionais mediadores implicam considerar a diversidade linguística e cultural que caracteriza os usuários, e ainda devemos atentar para uma postura ética que passe a considerar os valores éticos na representação do conhecimento (GUIMARÃES; PINHO, 2008).

É relevante mencionar que dos estudos desenvolvidos na Organização do Conhecimento, mais precisamente aqueles relacionados às abordagens socioculturais, Barát (2008), Begthol (1986, 1995, 2001, 2002 e 2005), Bravo (2006), Campbell (2002, 2010), Dal' Evedove (2014), García Gutiérrez (1998, 2002a, 2002b, 2002c, 2004, 2006 e 2008), Guimarães (2005); Guimarães e Milani (2010, 2011), Guimarães e Pinho (2008), Hjørland (2003, 2007, 2010, 2013), Hudon (1997, 1999, 2003), López-Huertas (2006, 2008, 2010), Milani (2010), Moura (2010), Pinho (2006, 2010) entre outros, embora tenham discutido sob o ponto de vista sociocultural, não tiveram como objetivo apresentar a relação da Semiótica da Cultura com as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.

Dessa maneira, destacamos que compreender e considerar os contextos linguísticos e culturais assim como a dinâmica de produção dos textos leva em conta repensar as formas e instrumentos de organização e representação do conhecimento nos diversos contextos.

Contudo, destacamos que há a necessidade em discorrer sobre a concepção de linguagens e de sua função mediadora mediante as abordagens socioculturais na Organização do Conhecimento, considerando uma perspectiva ampla de linguagem, pois entendemos que é preciso atentar para o pluralismo linguístico existente nos diversos contextos culturais dos usuários que recorrem a um sistema de representação da informação em busca de um

conteúdo que corresponda ao seu contexto, isto é, que de fato atue como referência e ainda disponha de uma hospitalidade cultural. É necessário reforçar que “hospitalidade cultural significa que um sistema de organização e representação do conhecimento pode idealmente acomodar os vários mandatos de diferentes culturas e refletir adequadamente os pressupostos de qualquer indivíduo, grupo ou comunidade” (BEGHTOL, 2005).

Diante destas discussões, tivemos como problema da pesquisa identificar quais contribuições a Semiótica da Cultura pode oferecer ao campo da Organização do Conhecimento, visto que essa linha de discussão da semiótica sistêmica considera a cultura como linguagem.

A linguagem é elemento mediador nos diversos contextos culturais. No campo da representação do conhecimento devemos atentar para o caráter híbrido da linguagem considerando o pluralismo linguístico existente nos diversos contextos culturais das comunidades que recorrem a um sistema de representação da informação em busca de um conteúdo que corresponda a sua realidade ao seu contexto. Com base nisso, estabelecemos os objetivos desta pesquisa.

Para tanto, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar conceitos das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento por uma perspectiva teórico-conceitual da Semiótica da Cultura. Para isso, traçamos os seguintes objetivos específicos: caracterizar os estudos de abordagem sociocultural no campo da Organização do Conhecimento; identificar os fundamentos teórico-conceituais da Semiótica da Cultura; estabelecer aproximação de ordem teórico-conceitual entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e; analisar e sistematizar os conceitos e elementos entre as duas linhas de discussão.

Nesta pesquisa procuramos investigar os elementos conceituais comuns entre os dois campos de discussão que é a Semiótica da Cultura com suas revelações quanto à cultura, linguagem, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes e a Organização do Conhecimento com as abordagens socioculturais e suas investigações focadas nos aspectos

culturais.

Entendemos que a Organização do Conhecimento e a Semiótica da Cultura podem dialogar com suas perspectivas de modo que as abordagens socioculturais sejam concebidas como elementos de reflexão não somente sobre a questão do conhecimento, mas também à área da Ciência da Informação tanto em uma dimensão nacional como internacional.

A pesquisa, do ponto de vista temático, pretendeu contribuir significativamente para o estudo das abordagens socioculturais desenvolvidas no contexto da Organização do Conhecimento na perspectiva de revelar possibilidades de diálogos interdisciplinares com este campo de estudo. Ademais, consideramos a relevância desta pesquisa pelo fato da mesma trazer elementos de comparação com demais pesquisas na área da Ciência da Informação, principalmente no campo da Organização do Conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa busca compartilhar com as abordagens socioculturais especificamente em análises das questões socioculturais.

Entendemos que a Organização do Conhecimento é um campo mediador e desse modo não se encontra distante de discussões que reflitam a cultura/texto e as comunidades tendo em vista a compreensão dos contextos culturais para uma análise precisa de diversas comunidades. Assim, sustentamos que ao aproximarmos as concepções da Semiótica da Cultura em relação aos conceitos e perspectivas das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento podemos traçar posteriores análises da cultura, da linguagem cujo objetivo seja a abertura para análises com caráter interdisciplinar no campo da Organização do Conhecimento e de modo mais abrangente para a área da Ciência da Informação.

Verificamos isso, por exemplo, a partir de uma análise dos aspectos de discussão do GT2 - Organização e Representação do Conhecimento nos Encontros Nacionais em Pesquisa em Ciência da Informação. Nos anais pudemos identificar, a partir da nossa leitura, a ausência de estudos semelhantes com o objetivo desta pesquisa na tentativa de refletir sobre uma relação teórico-conceitual entre a Semiótica da Cultura e o núcleo das abordagens

socioculturais da Organização do Conhecimento.

Analisando os títulos, resumos e palavras-chave dos trabalhos publicados, foi possível identificar a ausência de estudos semióticos como a proposta desta pesquisa. Em geral, os aspectos discutidos estão relacionados, em parte, com análises sobre linguagens documentais, tratamento temático, vocabulário controlado, entre outros.

Dessa maneira, a pesquisa implica no direcionamento e desenvolvimento de posteriores estudos, pois consideramos que a Semiótica da Cultura, pode proporcionar várias análises sobre questões que envolvem a organização e representação do conhecimento e por isso se revela como uma proposta potencial sobre a concepção de linguagem tratada nas atividades de organização do conhecimento.

Do ponto de vista teórico, com base no levantamento desta pesquisa evidenciamos que a área da Ciência da Informação, tanto no nível nacional como internacional, ainda não compartilha de pesquisas com esta proposta de estudo, cujas abordagens estejam direcionadas à concepção da linguagem, da cultura e do contexto cultural. Nesse sentido, buscou-se aproximar as reflexões trazidas da Semiótica da Cultura para a Organização do Conhecimento na perspectiva de traçar possíveis diálogos interdisciplinares.

Com base no nosso levantamento da literatura pertinente à temática da pesquisa, verificamos que estudos na área da Ciência da Informação, em específico no campo da Organização do Conhecimento não revelam o propósito de explorar uma aproximação de nível teórico-conceitual entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Por esse motivo, entendemos que esta pesquisa poderá contribuir com o desenvolvimento de estudos posteriores que queiram compartilhar com as diversas investigações iniciadas no núcleo de abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.

Frente a isso é que se justifica esta pesquisa pertinente por sua realização estar direcionada a uma análise da concepção da linguagem e cultura justificando a importância em atentar para a análise dos contextos culturais das comunidades. A partir disso, buscamos

identificar e discutir sobre as possibilidades de intersecção entre a Semiótica da Cultura e o núcleo de estudo que contempla os aspectos socioculturais na Organização do Conhecimento. Vale destacar que o desenvolvimento desta pesquisa partiu da necessidade em verificar diálogos entre a Semiótica da Cultura e a Organização do Conhecimento. O interesse foi favorecer uma análise crítica que aponte o grau de interação e diálogo entre os dois campos de estudo.

Sabemos que a Semiótica foi objeto de outros estudos na área da Ciência da Informação, como podemos verificar em Almeida (2010), Almeida e Sousa (2012), Mai (1997a, 1997b, 2001 e 2004) Monteiro (2006a e 2006b), Moura (2005, 2006b, 2007 e 2011), Hjørland (2007), Thellefsen (2002, 2003, 2004a, 2004b e 2009), Thellefsen e Thellefsen (2004) entre outros, mas nesses estudos não conseguimos evidenciar o enfoque especificamente da Semiótica da Cultura. Estas fontes só reforçaram o desenvolvimento desta pesquisa, cogitando nos contributos que a mesma poderá dispor tanto para a Organização do Conhecimento como à área da Ciência da Informação.

Sobre a organização dos capítulos teóricos dessa pesquisa buscamos apresentar a sistematização e o percurso de desenvolvimento dos conteúdos dos mesmos. Desse modo, no capítulo 1 buscamos a contextualização do tema apresentando, na sequência o problema da pesquisa, a justificativa assim como os objetivos geral e específico.

No capítulo 2, discorremos sobre o Campo da Organização do Conhecimento, destacando algumas perspectivas sobre a ideia de Organização e Conhecimento. Em seguida, traçamos a apresentação e discutimos sobre as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Após isso, apresentamos o campo da Organização do Conhecimento destacando nossa compreensão sobre o mesmo como um espaço de mediação do conhecimento, tendo em vista os aspectos culturais, éticos, dos valores que estão imbuídos nas ações do profissional e que interferem nas suas ações e atribuições mediante os processos de organização e representação do conhecimento.

No capítulo 3, traçamos uma apresentação da teoria da Semiótica da Cultura e para

isso, buscamos dar destaque aos teóricos dessa linha, além de pesquisadores que contribuíram e ainda se encontram realizando estudos com as abordagens desenvolvidas na Semiótica da Cultura. Na sequência, tratamos de comentar sobre alguns termos e conceitos correspondentes à discussão da Semiótica da Cultura.

No capítulo 4, os procedimentos metodológicos da pesquisa, apresentamos a configuração do *corpus* teórico, assim como a caracterização e tipo de pesquisa utilizada. No capítulo 5, buscamos apresentar os possíveis diálogos e aproximações entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Ao fim, apresentaremos nossas considerações finais.

2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Todos nós em alguma situação tentamos organizar nosso conhecimento, ou pelo menos o que denominamos ser conhecimento. Durante esse percurso, na busca de estabelecer uma organização, somos motivados pelo conhecimento do outro, um conhecimento compartilhado. “Organizar” e “conhecimento” são termos complexos de tratar pela abrangência. O objetivo deste capítulo é apresentar o campo da Organização do Conhecimento, destacando o papel das abordagens socioculturais.

2.1 O campo da Organização do Conhecimento

Para tratar da Organização do Conhecimento buscamos sintetizar algumas perspectivas sobre o conceito articulado no âmbito da área da Ciência da Informação. Optamos por utilizar o termo com as iniciais maiúsculas, em alguns momentos da discussão para enfatizar que estamos nos referindo à Organização do Conhecimento como um campo de estudos do conhecimento que engloba desde as suas formas diversas de organização e representação do conhecimento até a elaboração de instrumentos com o intuito de socializar o conhecimento processado e sistematizado.

Utilizamos minúsculo quando nos referimos aos processos ou à ação de organizar. Com isso, objetivamos discorrer sobre a concepção de alguns teóricos e pesquisadores da área da Ciência da Informação, mais precisamente daqueles envolvidos com a temática da Organização do Conhecimento.

Antes de introduzir os teóricos da Ciência da Informação consideramos a ideia de conhecimento apresentada por Burke (2003), o qual entende que o conhecimento representa algo que já foi “cozido”, isto é, processado e sistematizado. No entanto, não quer dizer que diante dessa perspectiva o conhecimento receba uma condição finalizada, pelo contrário, cada vez que modificado, o conhecimento atribui a si próprio outro valor e a partir disso, diante de sua comunicação continua susceptível a novas modificações na medida em que passa por

outros níveis de organização e sistematização.

O “conhecimento” é algo construído a partir das relações sociais, isto é, dos contatos estabelecidos pelos sujeitos num determinado contexto. Nesse instante, consideramos os diversos contextos, independente dos mesmos estarem em uma configuração acadêmica e científica como também nos espaços dinâmicos da sociedade, em que estão acomodados os hábitos, as diversas linguagens, os códigos e os símbolos, assim como demais formas de expressão do conhecimento disponibilizados, expressos de formas múltiplas tendo como base a diversidade cultural.

Para tanto, o conhecimento, constitui em uma operação *reflexiva e dialógica*. É reflexiva segundo Fogl (1979) *apud* Brascher e Café (2008, p. 4), na medida em que entende o conhecimento como “[...] resultado da cognição (processo de reflexão das leis e das propriedades de objetos e fenômenos da realidade objetiva na consciência humana)”. Contudo, é necessário frisar que o conhecimento não pode ser compreendido apenas no aspecto cognitivo do sujeito, outros aspectos externos a este como a diversidade cultural, linguagens, relações sociais, os elementos de referência, entre outros devem ser considerados.

Dizemos então que, o conhecimento entra no nível explícito, o qual não implica reprodução fiel, tal qual se apresenta no nível cognitivo do sujeito, pois ainda não possuímos elementos que nos possibilitem tal ação. Conseguimos apenas elaborar alguns modelos e formas de expressar o conhecimento de modo que este possa ser materializado e compreendido.

O conhecimento como uma operação organizada e dialógica em constante processamento, se trata de algo construído não somente pelo indivíduo, mas pelas relações com o coletivo. Sendo assim, entendemos que o caráter dialógico do conhecimento requer a compreensão do contexto no qual foi criado.

O conhecimento pode ser descrito como a soma de experiências, organizadas e sistematizadas, visto que tal conhecimento não é algo acabado e por isso devemos considerar que em cada contexto, por ocasião das relações estabelecidas entre os sujeitos, este possuirá características distintas e estará sempre se renovando, em constante desenvolvimento. Por

esse motivo, compreendemos que para entender e discorrer sobre conhecimento é necessário reconhecer que há diversos domínios do mesmo, isto é, existem várias formas de conhecimento, imbuídos de uma diversidade de signos que precisam ser respeitados.

É necessário refletir que as relações constituídas entre sujeitos e contextos são elementos potencializadores da criação de novos conhecimentos. Desse modo, entendemos que, o conhecimento é resultado de uma ação social e que acarreta em seu desenvolvimento a elaboração de produtos e conteúdos para serem posteriormente socializados. O conhecimento é uma ação de ordem individual e coletiva pelo fato de o homem, ser social, estar sempre construindo conhecimento em torno de suas ideologias como também em volta de seu contexto, assim como também do que lhe é externo.

Uma das dez premissas básicas do campo da Organização do Conhecimento apresentadas por Barité (2001, p. 42 tradução nossa) considera o conhecimento um produto social e uma necessidade social, ressalta que “[...], em suma, pode ser visto como o saber acumulado da humanidade, mas também fornecedor permanente que atenda às necessidades sociais e identifica “lacunas” onde novos conhecimentos são necessários para se regenerar”.

Dessa maneira, entendemos o conhecimento como um produto da sociedade e que compõe domínios diversos, na medida em que este pode ser constituído por uma determinada comunidade. A partir disso, consideramos que o conhecimento enquanto ação social está sujeito a constantes mudanças às quais podem ocorrer pelo fato de os sujeitos estarem em contato com uma diversidade cultural e linguística.

Vale destacar que se o conhecimento é entendido enquanto uma ação social é necessário dizer que no âmbito social tal conhecimento não está desprovido de anuências. Guimarães (2001) afirma que o conhecimento é “algo sobre o qual existe certo consenso social [...]”. Podemos perceber o conhecimento como algo complexo e muitas vezes de difícil compreensão, visto que depende de um consenso no âmbito dos contextos sociais.

Este modo de observar e compreender o conhecimento apresentado pelo autor parte da sua consideração sobre um conhecimento divulgado com uma predisposição a processos de organização e representação que propiciará o acesso a informação. Tendo em vista isso,

também consideramos a reflexão de Pinho (2010, p. 51) quando admite que

Os ideais e os valores de um determinado domínio do conhecimento é que auxiliaram na sua organização, possuindo uma terminologia identificável e que auxiliará na organização e manutenção de determinado domínio que, por sua vez, não se confundirá com outros. A organização oriunda da perspectiva de um domínio do conhecimento deverá refletir os valores por ela expressos, tornando-se eticamente aceitável.

Assim, o conhecimento encontra-se relacionado ao registro o qual necessita ser compartilhado entre os sujeitos de maneira que possa favorecer uma democratização do conhecimento. Para tanto, é necessário que tal conhecimento passe por um processo de organização e sistematização, tendo em vista respeitar os diversos domínios do conhecimento, correspondendo a uma ética frente aos valores contidos no próprio conhecimento.

Conforme define Fernandez-Molina (1994, p. 328), o termo conhecimento constitui-se na conversão de informação, em que esta última só pode tornar-se conhecimento na medida em que venha a provocar modificação na estrutura do conhecimento de um determinado receptor. Podemos dizer que o conhecimento implica um processo de alteração sobre um dado conhecimento anteriormente apresentado por um sujeito em um determinado contexto.

Campos e Gomes (2003, p. 151) apresentam o termo *Organização*, no contexto da ciência da informação/documentação, destacando que o mesmo implica no conceito de classificação e nenhuma outra área do conhecimento buscou desenvolvimento de bases teóricas da classificação como ali. O termo organização possui relação estreita com o conceito de classificação, bem como com processos de classificação, o que deu condições para o desenvolvimento de tais processos no âmbito da Ciência da Informação e da Documentação.

No que corresponde à organização do conhecimento e organização da informação, no contexto da Ciência da Informação, é necessário enfatizar que há uma distinção de ordem terminológica sobre a definição de ambos. A organização do conhecimento implica em processos de transformação do conhecimento para a representação. A organização da informação constitui em processos de descrição dos conteúdos documentais. Brascher e Café (2008) sustentam que esses termos são utilizados numa tentativa de caracterizar instituições,

assim como grupos e linhas de pesquisa, disciplinas e cursos.

Segundo Lara (2011, p. 94), é uma “dispersão terminológica” de ordem conceitual e denominativa na qual é possível perceber a dificuldade em estabelecer a comunicação e até mesmo uma compreensão diante das propostas existentes na área da Ciência da Informação.

O termo organização do conhecimento muitas vezes é utilizado como sendo a mesma coisa que organização da informação; além de, em muitas ocasiões, os termos serem empregados de forma conjunta, por exemplo, “organização da informação e do conhecimento”.

Não obstante, tratando-se da Organização do Conhecimento, consideramos que corresponde a um campo amplo e interdisciplinar. Observamos isso na medida em que numa mesma área do conhecimento podemos constatar diversas perspectivas sobre as formas de organizar o conhecimento.

Guimarães e Dobedei (2012, p. 13-14) comentam que a Organização do Conhecimento “encontra-se diretamente ligada a International Society for Knowledge Organization – ISKO, criada em 1989, na Alemanha tendo à frente Ingetraut Dahlberg”.

A International Society for Knowledge Organization (ISKO)⁴ é a principal sociedade científica responsável pela área da Organização do Conhecimento. A ISKO possui um escopo de caráter amplo e interdisciplinar. Sua missão é incentivar o desenvolvimento de trabalhos conceituais sobre a organização do conhecimento em diversas formas, para qualquer propósito como, por exemplo, banco de dados, bibliotecas, dicionários e Internet.

A ISKO possui o objetivo de promover a pesquisa, assim como o desenvolvimento de métodos para o campo da Organização do Conhecimento tendo em vista propor uma interação entre as diversas experiências evidenciadas pelos estudiosos envolvidos na área. Com esta proposta, a ISKO busca motivar a construção e o aprimoramento de instrumentos que auxiliem na organização do conhecimento.

Fujita (2008) destaca que a “ISKO é a sociedade científica da área de Organização e

⁴<http://www.isko.org/about.html>

Representação do Conhecimento responsável pelas principais ações em torno de sua necessária consolidação científica”. É relevante pontuar que a ISKO possui diversos capítulos.

Segundo Guimarães e Dobedei (2012, p. 15), existem atualmente 12 capítulos da ISKO em atividade, por exemplo, Brasil, Canadá/Estados Unidos, China, França, Alemanha/Áustria/Suíça, Índia, Itália, Maghreb (Argélia, Marrocos e Tunísia), Nórdico incluindo (Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Islândia e Faroé), Polônia, Espanha e Reino Unido (ISKO, 2013).

O campo da Organização do Conhecimento estuda os domínios do conhecimento com suas peculiaridades, isto é, em que se distinguem de outros, pois o conhecimento não é algo único e fechado.

O domínio do conhecimento é entendido como uma demarcação de determinado conhecimento, ancorado ou não em um ambiente profissional. Dessa maneira, domínio do conhecimento é um tipo de significado que organiza o conhecimento em relação a uma área específica sob uma determinada perspectiva. É sob essa perspectiva que se compreende a informação a partir de seu contexto ou de quem a produz (PINHO, 2010, p. 50).

No escopo dessa discussão compreendemos a Organização do Conhecimento como um campo de ampla discussão, pelo qual podemos desenvolver diálogos e reflexões que poderão desencadear metodologias que colaborem com o campo da Organização do Conhecimento, no âmbito de discussões desenvolvidas na área da Ciência da Informação.

De modo geral, necessitamos organizar e representar os conhecimentos no intuito de mediar os mesmos para o acesso à informação.

Para tanto, vale mencionar sobre a representação do conhecimento. Brascher e Café (2008, p. 6) destacam que a representação do conhecimento trata de temáticas que nos encaminham ao “mundo dos conceitos” e não meramente ao dos registros de informação. A representação do conhecimento busca refletir uma visão consensual sobre a realidade a ser representada. Em outras palavras é um processo reflexivo sobre os contextos em que estão inseridos diversos domínios de conhecimento.

Segundo Campos (2004, p. 24) a representação do conhecimento é em si um

mecanismo de raciocínio sobre o mundo. Um modo de reflexão sobre o mundo sem precisar agir diretamente sobre ele. A autora acrescenta que a representação

[...] é, fundamentalmente, um substituto para aquilo que representa. [...]. Deve haver alguma forma de correspondência específica entre o substituto e seu referente planejado no mundo. Esta correspondência é a semântica da representação. [...]. A única representação completamente precisa de um objeto é o objeto em si. Qualquer outra representação é imprecisa e, inevitavelmente, contém simplificações (CAMPOS, 2004, p. 24).

Há outras perspectivas e posicionamentos. Barité (2013, p.135) destaca que a representação do conhecimento corresponde a um ramo da Organização do Conhecimento e compete ao conjunto de processos de simbolização notacional ou ao que corresponde à concepção do saber humano no âmbito de qualquer disciplina.

Guimarães e Milani (2011, p. 1) consideram a representação do conhecimento como sendo uma tomada de decisão e atenta para que seus produtos devam figurar-se defensáveis. No contexto da discussão os autores reforçam sobre os problemas éticos das biases no universo da representação do conhecimento.

Pinho (2006, p. 27) menciona que a

[...] representação, no âmbito da Ciência da Informação, visa promover o acesso ao conteúdo dos documentos para uso e posterior geração de novos conhecimentos. Além disso, o termo 'representação do conhecimento' é adotado e reconhecido pela ISKO e, no mais das vezes, ligado a uma dimensão temática.

Guimarães e Pinho (2008, p. 4) enfatizam que a atividade da representação deve levar em conta o aspecto ético, e não se resume a uma atividade técnica, porém exige do profissional uma postura consciente e crítica, isto é, destacam que tal profissional deve ser conhecedor tanto dos aspectos históricos como dos sociais os quais envolvem o conhecimento registrado e socializado.

Tendo apresentado brevemente sobre algumas perspectivas da representação do conhecimento, retomamos a nossa discussão que envolve a Organização do Conhecimento, campo, e também sobre a organização do conhecimento como processo.

Consideramos a organização do conhecimento como o resultado de uma ação social,

que implica uma ação mediadora que integra tanto processos de ordem prática, envolvendo técnicas, modelos de organização do conhecimento, elaboração de instrumentos e produtos; quanto de ordem crítica e reflexiva, abrangendo discussões que possam envolver a atuação profissional, a questão ética, os aspectos socioculturais da organização do conhecimento, assim como um posicionamento crítico e também de caráter ético sobre a diversidade cultural, as investigações que envolvem temas como identidade cultural, os contextos e também as linguagens.

A organização do conhecimento como um processo que deriva de ações sociais de caráter ético, segundo Brascher e Café (2008, p. 6) possui dois tipos de processo de organização. O primeiro está voltado às ocorrências individuais de objetos informacionais, neste caso, trata-se do processo caracterizado como organização da informação. O segundo tipo corresponde às unidades de pensamento, isto é, conceitos, sendo desse modo denominado de processo de organização do conhecimento.

Brascher e Café (2008, p. 6) afirmam que a organização do conhecimento corresponde à construção de modelos que se constituem em abstrações da realidade. De modo geral, a Organização do Conhecimento como um campo articulado de reflexões apresenta uma dimensão ampliada das formas de organização do conhecimento humano em virtude de sua organização, representação e socialização entre os sujeitos, considerando para tanto os diversos contextos da realidade.

Para García Gutiérrez (2002b), a organização do conhecimento é uma operação sobre o conhecimento, sendo esta uma operação encadeada por um processo reflexivo. O autor destaca que enquanto operação, a organização do conhecimento não somente se responsabiliza por sua própria organização, mas cabe também a elaboração de esquemas que implicam a seleção de discursos, análise, decodificação, representação e acesso. Aqui destacamos um aspecto defendido pelo autor que corresponde à democracia do conhecimento, entendida em âmbito global e livre de particularidades.

A Organização do Conhecimento é um campo híbrido, por agregar uma diversidade de temas e estudos com abordagens distintas e que demonstra potencial para diálogos

interdisciplinares. Desse modo, tal campo exige dos profissionais envolvidos atenção no desenvolvimento de processos de organização e representação, cujo objetivo é articular processos críticos e reflexivos sobre todo o conhecimento criado, em destaque do caráter mediador desse campo.

Segundo Sigel (2000) organizar o conhecimento é uma atividade cultural de caráter interdisciplinar. Visto desse modo a Organização do Conhecimento se destaca como um campo de estudo com a potencialidade de desenvolvimento, análise e reflexão sobre os diversos modos do conhecimento humano, desde sua produção, tratamento, representação e disponibilização por meio dos sistemas de organização do conhecimento.

De acordo com Carlan (2010, p. 16), os sistemas de organização do conhecimento “[...] abrangem todos os tipos de esquemas os quais organizam e representam o conhecimento, como (as classificações, taxonomias⁵, tesouros e ontologias⁶)”. Assim, tais sistemas são considerados como sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos.

Brascher e Café (2008, p. 8) compreendem a organização do conhecimento como um processo de modelagem do conhecimento, numa perspectiva de construção de representações do conhecimento. A partir dessa concepção, a organização do conhecimento implica na elaboração de modelos cuja finalidade é representar o conhecimento de modo que este se torne compreensível e acessível para seus receptores. Diante disso, é que a organização do conhecimento visa à constituição de modelos de conhecimento que possibilitam a representação de determinado conhecimento.

Segundo Dahlberg (1993, p. 2011, tradução nossa), a Organização do Conhecimento é entendida como uma “ciência que estrutura e também organiza de modo sistemático unidades

⁵ “Ramo da Classificação da ciência que lida com o estabelecimento de princípios e desenvolvimento de classificações em diferentes disciplinas relacionadas com as ciências naturais, como a biologia, botânica e zoologia. // 2. Classificação hierárquica comumente usada para acesso à internet para sistematizar conteúdos ou websites. Por extensão, qualquer esquema ou representação que só estabelece relações hierárquicas entre conceitos” (BARITÉ, 2013, p. 154 tradução nossa).

⁶ “Representação de um domínio ou sistema com o objetivo de operar de modo eficaz para usuários. Nesse sentido, a estrutura proporciona conceitos, relações, funções, ferramentas, operações e restrições que permitem ações de desenvolvimento contínuo” (BARITÉ, 2013, p. 113 tradução nossa).

do conhecimento, isto é, conceitos, considerando assim seus elementos de conhecimento, características, as quais são inerentes à aplicação de conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos”.

Dahlberg (2006, tradução nossa) relata que a Organização do Conhecimento é uma ciência pela qual é possível ordenar a estruturação e sistematização dos conceitos. No mesmo trabalho compreende que o conhecimento possui uma natureza subjetiva e individual, intransferível.

Para Smiraglia (2002, p. 331), a organização do conhecimento é uma subdivisão do conhecimento que trata da construção de instrumentos, ferramentas para o armazenamento e recuperação de entidades documentais. Tal compreensão destaca as ações e atividades sistematizadas para o processo de organização e representação do conhecimento.

A Organização do Conhecimento segundo Dahlberg (1995) foi um termo empregado por Henry Evelyn Bliss. Dahlberg (1995, p. 9-10) ressalta que:

[...] 'knowledge organization' would more comprehensively include the entire frame of how knowledge can be understood, organized, described, and represented in such a way that it can be properly accessed and made available for anyone seeking it.

Hjorland (2003) entende que a organização do conhecimento envolve dois tipos de organização: uma organização de caráter cognitiva, vista por uma abordagem dos conceitos, os sistemas conceituais e teorias; e outra correspondente à organização do conhecimento social. Nesta segunda perspectiva, o autor destaca a organização mediante uma abordagem em profissões e disciplinas.

Destacamos outra compreensão a respeito da organização do conhecimento a qual menciona:

A Organização do Conhecimento, em particular, procura fornecer elementos teóricos (e retroalimentar-se) com todo o relativo ao *tratamento da informação*, particularmente o *tratamento temático da informação*, e de um modo menos específico – mas não menos importante – a *gestão do uso social da informação* (BARITÉ, 2001, p. 38 tradução nossa).

Vale destacar o conjunto de disciplinas que colaboram com a Organização do

Conhecimento, como a Linguística, a Documentação, a Informática, a Filosofia, a História das ciências e as ciências cognitivas (BARITÉ, 2001, p. 40).

Barité (2001, p. 41) considera que a organização do conhecimento é a disciplina cujo objetivo é a sistematização e a elaboração de técnicas tendo em vista a construção, gestão, uso e a avaliação de classificações científicas, além de taxonomias, a elaboração de nomenclaturas e linguagens documentais.

Campos (1996, p. 74) afirma que a organização do conhecimento pressupõe um sistema de conceitos. Diante disso, a autora afirma que o conhecimento é um conjunto de conceitos de um determinado campo do saber com capacidade para interagir entre si. No entanto, enfatiza que em qualquer campo, para organizar o conhecimento, é necessário investigar os conceitos que constitui o determinado campo do saber, bem como suas relações estabelecidas entre eles, tendo em vista a sua representação e recuperação de informações.

Na mesma discussão, Campos (1996) apresenta uma síntese sobre as teorias que compõem o campo da Organização do Conhecimento, a saber, a teoria da *Classificação Facetada*- desenvolvida por Shialy Rammarita Ranganathan na década de 30; a teoria da *Terminologia*- de autoria do engenheiro austríaco E. Wuster também desenvolvida na década de 30; e a *Teoria do Conceito*- de I. Dahlberg apresentada em fins dos anos 60. Essas três teorias, segundo Campos (1996, p. 74), “estabelecem um corpus teórico para o entendimento do conceito e suas relações”.

Segundo Campos (1996), na primeira teoria temos as bases que reúnem os conceitos em cadeias e renques, as quais estabelecem entre os conceitos as relações lógicas como, por exemplo, as relações de gênero e espécie, bem como as relações ontológicas e partitivas, num percurso que perpassa às facetas e segue até as categorias. A segunda teoria aprimora as questões referentes às relações entre conceitos, além de fornecer bases para um tratamento terminológico e não de caráter linguístico. O objetivo, nesse sentido, é compreender se o termo encontra-se conceituado em um determinado campo do conhecimento, o que implica na determinação de seu significado, isto é, aos vários sentidos no decorrer do tempo atribuído ao termo. A Teoria do Conceito incorpora as bases teóricas explicitadas anteriormente, mas com

sua atenção voltada à definição. Desse modo, explicita as características do conceito e é utilizada como um mecanismo para dispor o conceito nas classes, facetas e nas categorias.

Para Dahlberg (1995), a Organização do Conhecimento ressalta como o conhecimento pode ser compreendido, organizado, descrito e representado, evidenciando dessa maneira o caminho pelo qual tal conhecimento pode ser disponibilizado e acessado. Segundo Guimarães (2008, p. 85), o objetivo de investigação da Organização do Conhecimento, com base na afirmação de Dahlberg (1993, p. 214) do “conhecimento em ação”, corresponde a algo no qual se percebe um certo consenso social, mas precisamente um conhecimento registrado e socializado.

Diante de tal abordagem, a ideia de conhecimento está inclinada a uma perspectiva de gerar novos conhecimentos (GUIMARÃES, 2001) de modo que os mesmos também possam ser organizados e representados tendo em vista sua socialização.

García Marco (1995, p. 220) considera a organização do conhecimento como uma disciplina de natureza científica e também de natureza social. O autor complementa esse entendimento sobre a organização do conhecimento, enfatizando que, enquanto disciplina, ocupa-se dos princípios, dos métodos e dos instrumentos utilizados, tendo em vista a gestão do conhecimento humano, desde a perspectiva da organização, a representação até a atividade de comunicação.

O campo da Organização do Conhecimento possui um caráter interdisciplinar e que resulta da dificuldade em esboçar sobre o processo teórico e científico da área. Pinho (2006, p. 19) afirma que como há muitos pesquisadores envolvidos com a área de Organização do Conhecimento, e que os mesmos seguem em linhas de pesquisas distintas, acaba por fragmentar o campo e ocasiona a falta de uma fundamentação teórica consistente sobre a área. Diante disso, consideramos que o fato de existir várias perspectivas de estudos em distintas linhas de pesquisa, enriquece o campo da Organização do Conhecimento, dando abertura para diálogos interdisciplinares nesse campo.

Diante desse panorama apresentado, entendemos que o campo da Organização do Conhecimento, em particular no âmbito da Ciência da Informação, é algo abrangente e

complexo de se tratar, tendo em vista a diversidade de abordagens e posicionamento de vários autores e pesquisadores.

Nessa medida, entendemos que a Organização do Conhecimento enquanto campo de estudo interdisciplinar ganha concepções diversas. Muitos a consideram como ciência cujo objetivo é a estruturação e a sistematização de conceitos (DAHLBERG, 2006); outros como processo de organização da informação em registros bibliográficos, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação (HJORLAND, 2003); vista ainda como disciplina vinculada à Ciência da Informação, tendo em vista os fundamentos teóricos do tratamento e recuperação da informação (ESTEBAN NAVARRO, 1996).

Considerada ainda como ramo do conhecimento, tendo em vista a construção de ferramentas que auxiliem no armazenamento de entidades documentárias (SMIRAGLIA, 2002); numa perspectiva do ensino em Biblioteconomia, a Organização do Conhecimento a qual abarca a área do Tratamento Temático da Informação (GUIMARÃES; PANDO, 2006), entre tantas outras abordagens.

Ao compreender o “Conhecimento em ação” tal como destacado por Dahlberg (1993) também consideramos “a cultura, a linguagem em ação” as quais estão imbuídas na configuração do conhecimento.

Em suma, a Organização do Conhecimento é um campo que possibilita mediações entre o conhecimento representado e a comunidade usuária, visando a atuação crítica por parte dos profissionais da informação e seu papel social em consideração a diversidade cultural presente nas comunidades. Enquanto processo, a organização do conhecimento implica a reflexão por parte dos profissionais envolvidos para a mediação do conhecimento de modo que seja possível atentar para os contextos socioculturais das comunidades.

2.2 Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento

As abordagens socioculturais representam investigações que ressaltam a necessidade de compreender a cultura e o contexto das comunidades discursivas. É necessário destacar

que há estudos que enfatizam abordagens socioculturais. Um exemplo que podemos mencionar trata da tese desenvolvida por Dal' Evedove (2014) que destaca uma discussão sobre abordagem sociocultural. Nesse trabalho a autora resgata a abordagem sociocultural no campo da Informação considerando que esta é uma alternativa para observar as atividades informacionais tendo como base as pessoas e os seus contextos.

Com base nas abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, mais precisamente as reflexões de Beghtol (2002), Hudon (1997, 1999) e García Gutiérrez (1998, 2002a, 2002b, 2002c, 2004 e 2008), objetivamos apresentar os temas garantia, (hospitalidade cultural, multilinguismo e ética transcultural da mediação), que contemplam reflexões de ordem sociocultural na Organização do Conhecimento.

Estas investigações que desencadeiam questões de ordem cultural, ética e multilíngue são consideradas relevantes no contexto de discussão desta pesquisa. Entendemos que podem auxiliar a refletir sobre os processos de organização e representação do conhecimento sob uma vertente sociocultural.

Vale destacar que tomamos conhecimento de diversos outros autores como Barité, Fernandez-Molina, Guimarães, Hjørland, López-Huertas, Smiraglia, entre outros que, na Organização do Conhecimento, colaboram com análises no âmbito das discussões socioculturais, porém decidimos focar nos autores citados anteriormente pelo fato de identificarmos uma aproximação potencial entre as suas investigações e a temática geral desta pesquisa.

Os autores apresentam uma dimensão crítica e reflexiva sobre as atividades e práticas de organização e representação do conhecimento, tendo em vista as questões de ética, de diversidade cultural e abordagens multilíngues como, por exemplo, a proposta dos tesouros multilíngues de Hudon (1997).

As abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento revelam a necessidade de reflexão sobre a cultura, tendo em vista a diversidade cultural e demais aspectos que envolvem o conhecimento, tal como sua representação. Assim, refletem sobre a linguagem tendo em vista a questão da postura ética e de mediação dos profissionais da informação. Em

outras palavras, buscam priorizar a diversidade cultural de indivíduos e enfatiza para isso a necessidade em compreender os contextos das comunidades.

Nesse escopo, as definições trazidas por Beghtol, Hudon e García Gutiérrez podem nos auxiliar à elaboração de posteriores explicações no campo da Organização do Conhecimento que respeitem as diversas formas de conhecimento, bem como sua comunicação via linguagens e códigos culturais. Além disso, devemos incorporar a questão da língua⁷ a qual implica a compreensão dos contextos culturais e as barreiras linguísticas existentes (HUDON, 1997). Um exemplo é a constituição dos tesouros como instrumento na representação do conhecimento, tendo em vista a dinâmica existente em cada grupo de indivíduos.

Sobre a questão da diversidade cultural, tomamos como principais aspectos para esta discussão uma compreensão de cultura, assim como de linguagem⁸, sob um olhar transdisciplinar. Ambas são consideradas como relevantes para se pensar o conhecimento e suas formas de comunicação entre os sujeitos. Para tanto, consideramos que “a linguagem é o próprio objeto do conhecimento” (MENDONÇA, 2000, p. 65).

Vale ressaltar que a linguagem consiste de variados sistemas de signos com propósito da comunicação entre os seres humanos, entre homens e máquinas ou até mesmo entre máquinas estruturadas sobre um conjunto definido de regras, convenções, representações gráficas e/ou fonológicas (BARITÉ, 2013, p. 87). É prudente dizer que existem diversas formas de linguagens e em cada linguagem haverá uma manifestação distinta do conhecimento pelo fato de existir uma diversidade cultural.

Em defesa da questão, da diversidade cultural trazemos para este diálogo a compreensão de García Gutiérrez (2004, p. 113 tradução nossa) que parte da seguinte reflexão:

⁷ “fenômeno social”, a língua em termos linguísticos consiste em um “código” (DUCROT; TODOROV, 1988, p. 120).

⁸ “Linguagem caracteriza-se por seu aspecto sistemático. Não se pode falar de linguagem se se dispuser apenas de um signo isolado” (DUCROT; TODOROV, 1988, p.104). À utilização do termo no plural (linguagens) busca destacar a existência de uma diversidade de sistemas complexos de linguagens.

Para defender a diversidade cultural, também temos que defender a liberdade de uma cultura, ou seja, o direito fundamental das culturas evoluírem e não serem aniquiladas ou substituídas por propósitos externos da mesma cultura, mas o direito individual da escolha de um mapa identitário-cultural mediante a interação e adoção ou rejeição de culturemas próprios ou alheios.

A concepção de cultura não pode ser fechada e determinista. A cultura é em si diversificada e tal diversificação pode ser entendida a partir do contexto em que tratamos a cultura e a sua multiplicidade de elementos como os códigos, as linguagens e os símbolos, os quais caracterizam a própria cultura.

De maneira geral, temos a cultura enquanto o universo representativo de relações humanas, considerando junto a esta as diversas formas de linguagens como mecanismos de construção do conhecimento e comunicação dado por meio da mediação do homem e o meio em que está inserido. A cultura decorre de um processo de hibridização. A hibridização consiste de processos socioculturais, em que as estruturas ou as práticas discretas que existiam separadamente passam a se combinar, tendo em vista gerar novas estruturas. Assim como objetos e práticas (CANCLINI, 2008, p. XIV) e vista desse modo, a cultura implica nas relações de intersecção entre distintas culturas.

Enquanto universo híbrido e de relações mútuas, entendemos que as culturas, cada qual em seu contexto, fazem uso de linguagem que atuam como elemento de comunicação entre os indivíduos. Podemos inferir nesse sentido que uma determinada língua atua como veículo para o desenvolvimento e a utilização das linguagens. Nesse sentido, consideramos as linguagens como as formas mais expressivas de uma cultura. Segundo Coelho Netto (2012, p. 114), a cultura, em sua conceituação mais ampla, remete à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, ou seja, totalizante.

Vista por um viés semiótico, a cultura implica um processo de significação. De modo geral, a cultura “[...] é um fenômeno de significação e de comunicação [...]” (ECO, 2000, p. 16). A cultura enquanto um processo de significação pressupõe a configuração de linguagens que auxiliem nas diversas formas de representação da cultura e conseqüentemente na sua comunicação. Em linhas gerais, a cultura é entendida como um elemento integrador das

sociedades, a mesma é também um instrumento mediador no sentido de que a partir das trocas de experiências, do diálogo entre os sujeitos, e fazendo uso de determinadas linguagens, é possível construir e comunicar conhecimento.

O conceito de cultura também revela a diversidade multicultural existente nas comunidades. A ideia de multicultural implica um termo qualificativo cujo objetivo é a descrição das características sociais e dos problemas de governabilidade apresentados nas diversas sociedades, nas quais as distintas comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum ao mesmo tempo em que conservam sua identidade (CANCLINI, 2008, p. 52)

Partindo desse raciocínio, entende-se que o conhecimento surge da interação provocada pelo meio em que este é gerido, sendo necessária uma identificação do sujeito com este meio, isto é, o homem precisa conhecer-se culturalmente e socialmente, pois só a partir disso este poderá construir seu cotidiano em diálogo com outros indivíduos.

Portanto, insistimos em afirmar que a cultura é um todo híbrido, um complexo de signos, uma esfera aberta, em que transitam os códigos, as linguagens, onde surgem os textos culturais elaborados por uma determinada comunidade. Em suma, consideramos que a cultura é dinâmica e sua dinamicidade é determinada pelos sujeitos e que são parte da mesma. Mediante tal compreensão, entende-se que

[...] A cultura se estabelece mediante a adaptação de estruturas de transformação. Não podemos enxergar a cultura fora do social, nem tão pouco compreender a cultura fora do indivíduo. Ela está situada justamente na fronteira, na complexa mediatriz da demarcação entre o público e o privado. Seu destino é reforçar personalidades construídas como singularidades culturais em interação como condição da singularidade. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2004, p.109-110 tradução nossa).

Enquanto um complexo de signos que a todo o momento estabelece interação como o meio e os indivíduos que se comunicam com elementos de outras culturas e grupos sociais, a cultura também pode ser interpretada como antirreflexo das demais culturas, isto é, ao analisar outras culturas, os códigos, as linguagens e simbologias, a cultura pode agregar elementos de outras culturas.

García Gutiérrez (2004, p.94 tradução nossa) ressalta que para constatar as características de uma cultura é necessário estabelecer a (auto)-comparação, ou seja, o grupo atribui uns traços diferenciais em função de outras sociedades e grupos. Então, podemos dizer que a cultura é, em parte, um antirreflexo.

Uma cultura em comparação com demais culturas são construções dialógicas provocadas pelo que lhe há de externo e diferente. As culturas, mesmo estabelecendo suas diferenças em relação a outras, se completam e interagem. Tal interação se deve ao fato de cada uma possuir peculiaridades, as quais podem vir a propor os diálogos. Esse caráter dialógico da cultura, não implica dizer que uma determinada cultura irá assimilar tudo que seja externo a mesma. Além da autoavaliação, as culturas avaliam outras e podem ser vistas como antirreflexo.

A cultura potencializa o conhecimento humano e favorece a mediação de objetos a partir de signos como, por exemplo, as linguagens, os códigos produzidos a nível coletivo e individual. A cultura é complexa, principalmente quando fazemos uso de linguagens que não são usualmente consideradas próprias para a comunicação de um determinado conhecimento. Contudo, a cultura perpassa o nível coletivo da complexidade dos indivíduos, desmembrando-se em uma complexidade individual. Sobre isso, trazemos para o diálogo a seguinte reflexão:

A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora e regeneradora da complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos na complexidade social e condiciona o desenvolvimento da complexidade individual (MORIN, 2007, p. 166).

Nota-se que a cultura, elemento de mediação, é dinâmica no sentido de caminhar, de evoluir, modificar-se na medida em que o homem desenvolve-se. Assim, entendemos que o conhecimento não poderia existir isoladamente, sem que houvesse cultura. O conhecimento é compreendido em nossa abordagem, como uma construção dialética. Ainda, o conhecimento visto sob um ponto de vista cultural é desenvolvido num determinado grupo social, em um contexto específico de relações e interações humanas.

Os conhecimentos de uma cultura encontram-se em uma constante relação de busca

por sentido. Enquanto produto cultural, os conhecimentos são resultantes de inúmeras condições socioculturais que interagem em tempo e espaço da cultura. Entendemos que “[...] é na interação [...] onde residem o sentido, a cultura, o conhecimento e a memória” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2008, p. 42).

Ao direcionarmos nossa discussão, por meio de um viés mais reflexivo e interpretativo diante das abordagens socioculturais que abarcam as perspectivas culturais, das quais implicam a elaboração, a organização e também a representação do conhecimento que apresentam a relevância das linguagens no entendimento do que seja tido enquanto conhecimento, é necessário ressaltar também que há uma variedade de linguagens pelas quais o conhecimento possa ser expresso de modo que seja compreendido.

Para tanto, é necessário dizer que a compreensão de um dado conhecimento requer o domínio sobre alguns elementos culturais, como as múltiplas línguas, os códigos culturais e as linguagens utilizadas para entender os contextos dinâmicos da cultura. Assim, entende-se que o campo da Organização do Conhecimento deve discutir a respeito da cultura, diversidade cultural, línguas e linguagens.

Sobre a abordagem ética, que prevê a atuação dos profissionais em consideração as questões multiculturais, a qual destaca a diversidade multicultural em que o profissional, pode atuar, destacamos a existência de estudos como de Guimarães (2006; 2008), Fernández-Molina (2009) e Pinho (2006; 2010), tanto para o campo da Organização do Conhecimento como para a área da Ciência da Informação.

No aspecto das abordagens socioculturais desenvolvidas na Organização do Conhecimento, iniciamos por García Gutiérrez, e a ideia da ética transcultural da mediação, na qual podemos refletir sobre as questões que envolvem a concepção de cultura como um sistema aberto, dialógico e interativo.

Também destacamos Michèle Hudon, tendo em vista que sua contribuição para essa pesquisa encontra-se no seu enfoque sobre a questão multilíngue. A autora destaca a construção de tesouros multilíngues que descentralizem o conhecimento produzido, tendo em vista a diversidade linguística e cultural dos indivíduos.

Clare Beghtol, com a sua perspectiva da garantia cultural e hospitalidade cultural, com enfoque no acesso global e o local, prioriza uma garantia da informação para qualquer que seja o indivíduo. Assim, enfatiza sobre a questão do acesso à informação como também da recepção que as comunidades podem obter, tendo em vista a diversidade cultural e também os variados contextos por onde a informação transita. Segundo Campos (2001, p. 47), a princípio a noção de hospitalidade foi anteriormente considerada como a propriedade de um sistema de classificação para a recepção de novos assuntos.

Sobre as abordagens socioculturais, Guimarães e Pinho (2008, p. 4) apresentam um resumo das contribuições de Beghtol, Hudon e García Gutiérrez. Nessa medida, sintetizam as concepções desses pesquisadores na intenção de apresentar as aproximações e diálogos entre as ideias dos mesmos. A perspectiva da ética transcultural da mediação a qual considera a cultura como um sistema de diálogo e interação, busca superar visões dominantes e reducionistas iniciando pela substituição de uma abordagem multicultural para uma transcultural.

García Gutiérrez (2002a) comenta a concepção da ética transcultural da mediação, destacando que esta consiste no estabelecimento de uma conduta profissional que priorize a diversidade cultural. Nesse sentido, tal ideia está direcionada ao cuidado perante uma igualdade, que para tanto, passe a considerar o diálogo entre as culturas, de modo que, uma não venha a se sobrepor perante a outra; o que resultaria no desmerecimento sobre os aspectos culturais que estão imbuídos em cada uma das culturas.

A perspectiva que envolve a ética transcultural da mediação pressupõe a valorização dos contextos culturais nos quais os usuários fazem parte. Tal abordagem encontra-se refletida em sistemas de organização e representação do conhecimento. A ética transcultural da mediação implica também num posicionamento ético, crítico e reflexivo sobre o papel do profissional mediador que, por meio de sua atuação interpretativa e de representação do conhecimento, passa a considerar a diversidade multilíngue que há nos contextos dos usuários.

Sobre a hospitalidade cultural, tem-se que esta possibilita que em uma mesma notação

bibliográfica pode ser adicionada diversas garantias culturais. Segundo Barité (2013, p. 69 tradução nossa), a garantia cultural é a

Extensão da garantia literária, proposta por Lee (1976), que resgata a ideia de que os sistemas de organização do conhecimento devem considerar as perspectivas culturais de determinados assuntos, porque eles afetam a interpretação na avaliação e até mesmo na aceitação de termos e conceitos. Os indivíduos pertencentes a culturas diferentes possuem diferentes necessidades de informação e diferentes formas de uso e compartilhamento do conhecimento estabelecido.

Por último, em análise da discussão sobre o multilinguismo, refere-se ao tratamento igualitário entre as línguas como, por exemplo, de um tesouro multilíngue.

[...] Um conceito de ética transcultural da mediação na organização e representação do conhecimento, revela a necessidade em adotar uma nova estrutura epistemológica de princípios, sociais, éticos e técnicos em representação do conhecimento, onde nenhum discurso supere outros demonstrando a hierarquia dominante; onde nenhum processo cognitivo prevalece sobre o outro, exceto por necessidade própria, admitindo, nesses casos, a hierarquia; onde uma cultura não prevaleça sobre outra; e onde nenhum usuário seja privilegiado em relação a outro (GUIMARÃES; PINHO, 2008. p. 9 tradução nossa).

Segundo Fernández-Molina et al. (2009, p. 207), as concepções de uma ética transcultural da mediação e a concepção sobre os tesouros multilíngues encontram respaldo na abordagem da hospitalidade cultural de Beghtol (2002), em que é proposta como a “habilidade de uma notação incorporar novos conceitos e estabelecer relações semânticas e sintáticas apropriadas entre os conceitos velhos e os novos”.

Nesse escopo, a perspectiva é que os sistemas de organização e representação do conhecimento devem “fornecer acesso à informação global e localmente, em qualquer língua, para qualquer indivíduo, cultura, grupo étnico ou domínio, em qualquer lugar, a qualquer horário e para qualquer finalidade” (BEGHTOL, 2002 tradução nossa).

Contudo, as abordagens descritas também caminham a uma mesma perspectiva dos estudos destacados por Hudon (1997) apresentando a questão da diversidade cultural, assim como da necessidade de sua compatibilização apresentada nos tesouros multilíngues.

Compreendemos a partir disso que as concepções trabalhadas por esses autores se aproximam, apesar do foco atribuído a cada uma delas. Em síntese, temos as contribuições teóricas trazidas por esses pesquisadores, que tornam evidente uma tendência de ordem teórica no domínio da Organização do Conhecimento.

García Gutiérrez, por exemplo, além de sua dedicação sobre a questão do aspecto da ética transcultural da mediação, destaca em outro trabalho seu sobre a ideia de Exomemória (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2002c) que para o autor são as diversas formas de registrar o conhecimento, como por exemplo, os livros, as fotografias, as gravuras, os quadros, as esculturas, etc. Ainda, nessa discussão sobre exomemória, vale destacar a concepção do autor sobre conhecimento e memória, em que o mesmo trata tanto o conhecimento quanto a memória como sinônimos. Tal compreensão se deve ao sentido que ambos apresentam que é do registro, ou suporte, isto é, uma forma de reprodução e fixação (PINHO, 2006).

Outra discussão levantada no campo da Organização do Conhecimento é o conceito de que linguagem epistemográfica é um tipo de linguagem documental⁹. Destacamos que a linguagem documental consiste em

Estrutura de termos e / ou símbolos organizados de acordo com um plano conceitual desenvolvido por procedimentos de controle de vocabulário, a fim de serem representadas por símbolos ou termos o conteúdo temático dos documentos em busca de facilitar a recuperação pelos usuários. Toda linguagem documental é desenvolvida sob uma determinada lógica, que pode compreender tendências filosóficas ou ideológicas premeditadas ou não intencionais, pois a linguagem documental é sempre imposta e expressa pelo contexto sócio-cultural assim como o estado de desenvolvimento tecnológico de seu tempo (BARITÉ, 2013, p. 88 tradução nossa).

Nesse sentido, García Gutiérrez (1998, p. 14) apresenta algumas hipóteses sobre as linguagens epistemográficas, das quais mencionamos três:

É possível construir linguagens documentais avançadas sobre campos especializados do conhecimento que, por sua vez, substituam os tesouros convencionais, melhorando seu rendimento e aproveitando suas estruturas léxicas e oferecendo novas funções. Estas "linguagens epistemográficas" são representações cognitivas criadas a partir de construções lógico-

⁹ Linguagem documental ou também denominada de Langage Documentaire “[...] é uma linguagem artificial uma metalinguagem, constituída de conceitos em relação entre estes conceitos” (CACALY, S. 1997, p. 370).

semânticas e discursivas.

As Linguagens epistemográficas são linguagens documentais de estrutura associativa e cumprem duas funções básicas e dialógicas: a) normalizam o vocabulário, b) sugerem alternativas. Portanto, mantêm o papel instrumental e mediador de linguagens associativas, mas também c) servem de base de dados de resposta factual, ou seja, adicionam a função do produto final mediante suas construções epistemográficas e a informação obtida a partir do usuário.

As Linguagens Epistemográficas simulam enunciados do discurso mediante a macroestrutura de ordem lógico-semântica (nível teórico virtual) e a microestrutura, de ordem discursiva e pragmática.

Nesse sentido, destacamos que, para García Gutiérrez (1998, p. 15), linguagem significa um sistema sígnico sujeito a convenções estruturais, funcionais e pragmáticas e desse modo, tem um significado especial no âmbito da Documentação e da disciplina que se ocupa dos mesmos, a Linguística Documental.

A expressão linguagem epistemográfica, segundo García Gutiérrez (1998, p. 16), “representa mais uma tipologia dentro da classificação das linguagens documentais que um produto concreto (classificação enciclopédica, tesouro, glossário, etc.). Ainda, o mesmo autor enfatiza tal definição, ao mencionar que as linguagens epistemográfica são linguagens documentais avançadas” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1998, p. 17).

Sendo consideradas enquanto linguagens documentais avançadas, entendemos que nesse contexto de investigação o autor apresenta as linguagens epistemográficas como um tipo de linguagem sugerido para a definição de diversas categorias de linguagens. Vale ressaltar que para García Gutiérrez (2006, p.105), a epistemografia “[...] tem suas raízes em disciplinas positivistas como a Biblioteconomia ou a Museologia, das quais luta por se libertar.”

A partir da abordagem das linguagens epistemográficas, chamamos a atenção à outra discussão que trata da “Epistemografia transcultural e interativa”. Em seu artigo “Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006, p.1.) diz que a epistemografia interativa “[...] destaca-se, em primeiro lugar, a necessidade de incorporar ao conhecimento e à sua

organização as questões éticas, culturais e políticas.”

Dessa forma a ideia de epistemografia transcultural e interativa pressupõe uma visão transdisciplinar sobre o conhecimento na medida em que possibilita uma atuação ética por parte do profissional tendo em vista seu trabalho com os conteúdos representados (GUIMARÃES; PINHO, 2008, p. 10). Em outros termos a:

A epistemografia interativa pode ser entendida como uma nova corrente transdisciplinar que abriga os conhecimentos excluídos, representando-os numa multiplicidade de culturas e discursos como em uma organização horizontal. Também pode definir-se como um fluxo transdisciplinar, pois, traz uma nova prática representativa de mútuas interações entre os conceitos, onde os mesmos estão sempre em movimento, possibilitando a construção de um novo paradigma unificador (FRANCELIN; MARTIN; SOARES, 2013, p. 63).

A epistemografia interativa pressupõe numa necessidade de agrupamento, sobre uma visão de valor e ética com a capacidade de acolher os conhecimentos que se encontram excluídos, tendo em vista possibilitar a sua participação nos ambientes digitais em que, transitam os conhecimentos dominantes, devolvendo-lhes a legitimidade “perdida” mediante os processos tradicionais e dominantes de concepção e de organização do conhecimento (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2006).

Vale destacar que essa ideia de uma epistemografia interativa poderia ser aplicada não apenas em um espaço digital, mas também em espaços tradicionais os quais envolvem o cotidiano e as relações culturais das comunidades em diversos contextos, pois é necessário atentar para uma garantia e hospitalidade cultural em diversos espaços, em múltiplos contextos culturais que, de fato, favoreça uma garantia sobre a diversidade cultural de diversas comunidades.

O conceito de garantia cultural e o conceito de hospitalidade cultural de Clare Beghtol (2002) estabelecidos sob a perspectiva de um sistema de organização e representação do conhecimento buscam preservar a garantia de diferentes culturas, e auxiliar a refletir sobre a diversidade cultural de grupos e comunidades. Cada grupo em comunidade desenvolve e aprimora conhecimentos de maneiras distintas, o que implica dizer que a sua forma de

organização e representação possuirá caráter distinto segundo um variado repertório de linguagens.

Considera-se fundamental uma atuação ética por parte do profissional da informação, tendo em vista que a noção de garantia e hospitalidade cultural deve prezar pelo respeito a todos os indivíduos, grupos étnicos e culturas.

Nas abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, também destacamos o trabalho de Michéle Hudon, os quais discorrem sobre a necessidade de instrumentos de representação como os tesouros multilíngues que possam auxiliar no processo de indexação, permitindo que os documentos sejam indexados em várias línguas além a do documento original. Com isso, Hudon defende que, o tesouro multilíngue passa a atuar como um instrumento que propiciará a relação entre culturas, resultando na comunicação interlinguística (HUDON, 1997, p. 85).

A autora enfatiza que para a elaboração de um tesouro multilíngue, é necessário um tratamento igualitário das línguas, pois este instrumento reflete o universo de conceitos como também de termos utilizados em cada cultura e língua representadas (HUDON, 1997, p. 86). Desse modo, entendemos que, na elaboração de um tesouro multilíngue, deve-se considerar as múltiplas línguas para que se democratize o acesso aos conteúdos informacionais. O que não é tarefa simples, pois a diversidade de línguas existentes, embora se aproximem em alguns aspectos, carregam em si uma particularidade de signos que são necessários à comunicação, e que consideram também uma diversidade cultural.

Partimos da ideia de que, conhecer os instrumentos e elaborar os sistemas que organizem e representem o conhecimento é de fato uma atribuição do profissional que agrega valor, seja pela questão teórica como prática, imprescindível para o campo da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação.

Para chegar ao nível da construção de sistemas e ferramentas que subsidiem as atividades de organizar e representar um dado conhecimento, é necessário também refletirmos sobre os aspectos socioculturais que organizam o próprio conhecimento.

Tais abordagens socioculturais ressaltam a diversidade de elementos que podem

auxiliar o profissional na avaliação e aprimoramento desses sistemas. As abordagens socioculturais possibilitam análises, no âmbito da Organização do Conhecimento, sobre processos de comunicação que envolvem não somente os aspectos socioculturais das comunidades envolvidas, como também da diversidade cultural existente nos contextos e grupos distintos em uma sociedade.

Ao considerar o conhecimento produzido socialmente, como também as linguagens, os códigos, os textos culturais, entendemos que todos esses elementos não são neutros. Estes são construídos a partir de uma interação desencadeada num contexto híbrido, composto por diferentes domínios. Barité (2013, p. 57 tradução nossa), afirma que:

O âmbito do saber ou da experiência humana que se caracteriza por sua especialização, ou pela possibilidade de ser delimitado em função das práticas ou dos interesses de uma comunidade de usuários. Neste sentido, a ideia de domínio é mais extensa do que a de ciência ou de disciplina. O domínio se constitui assim em um universo autônomo e mais ou menos autossuficiente, que se apoia em uma estrutura de conceitos relacionados entre si sob uma perspectiva comum. Na Ciência da Informação, a delimitação de um domínio através da chamada "análise de domínio" permite desenvolver sistemas de organização do conhecimento especializado. Na terminologia, a noção de domínio é básica para estabelecer o universo temático que será estudado, com a finalidade de criar um repertório terminológico.

García Gutiérrez entende a cultura como um sistema aberto e com característica dialógica. Ainda ressalta que a cultura deve apresentar-se sem a presença de favoritismos. Esse raciocínio de García Gutiérrez (2002a, p. 520) propõe ao invés da ideia de multiculturalismo, o conceito de transculturalismo, que implica um olhar transversal devendo ser posto numa essência complexa e contraditória da demarcação metacognitiva, que há, por exemplo, na classificação da memória e do conhecimento humano.

Segundo García Gutiérrez (2004, p. 111, tradução nossa)

[...], só admito a teoria multiculturalista que considera a cultura como sistemas abertos e dialógicos que se nutrem e enriquecem de uma interação no presente e não exclusivamente de tradições e nostalgias, habitualmente reinterpretada e forçadas nos contextos evoluídos das sociedades.

A perspectiva do transculturalismo nos permite pensar a cultura não como algo estático, mas que transcende universos e espaços culturais em virtude da diversidade cultural.

A transcultura se concebe como o conjunto de interações desordenadas, "caóticas" e irracionais dos indivíduos e sociedades. É regida, algumas vezes, por caos deterministas e, outras, por atratores estranhos. Na mestiçagem e na fusão encontra-se o processo de construção de novas singularidades (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2004, p.97 tradução nossa).

Se pensarmos que há necessidade de analisar os aspectos socioculturais por uma perspectiva transcultural, visto que as linguagens, os códigos e a cultura são elementos que antecipam a organização e representação do conhecimento, estamos reconhecendo que necessitam ser analisados. Beghtol (2002, p. 509) atribui seu conceito de cultura a uma perspectiva transdisciplinar e destaca que, as discussões em torno da cultura se referem aos valores e compartilhamento da história, da língua, da memória coletiva, assim como das atitudes e práticas entre demais valores que se encontram imbuídos a uma cultura.

Um olhar transcultural poderia alargar os níveis de interpretação da representação de tal conhecimento, tanto enquanto profissionais, sujeitos mediadores, envolvidos na organização e representação de um dado conhecimento que, posteriormente, será comunicado. O conhecimento, compreendido por um viés sociocultural, está em volta de nós e se expressa por múltiplas formas, podendo ser adaptado, incrementado, isto é, sofre processos de transformação.

Na mesma linha Hudon (1999, p. 156) analisa o aspecto do multilinguismo, mais precisamente no campo dos tesouros multilíngues e das barreiras linguísticas. Tais barreiras desencadeiam um processo de dominação que consideramos ser influenciável na compreensão da própria noção de cultura. Posto isso, Hudon (1999, p. 156) considera que a língua seja um dos fatores influenciáveis sobre o ponto de vista tanto das propostas científicas como das culturais e de negócio. Nesse aspecto, entende-se que a língua predominante é aquela própria da nação dominante. Os interesses do grupo que domina passam a ser concentrados numa única língua e, dessa maneira, impossibilita a compreensão pelos demais grupos que não

possuem domínio do ponto de vista linguístico.

De modo geral, o elemento que nos chama atenção é a precisão com a qual a autora coloca a questão das línguas. Hudon (1999, p. 158 tradução nossa) considera que “as línguas são acima de tudo estruturas léxicas e conceituais organizadas, as quais refletem a forma como seus falantes veem e interagem com a realidade do mundo”. Assim, devemos valorizar a pluralidade de línguas existentes, de modo que possamos favorecer as garantias de acesso e de apropriação de um determinado conhecimento.

Esses conhecimentos são construções dialógicas motivadas por processos de interpretação e interferência em espaços culturais. A cultura enquanto um sistema complexo de signos interfere e também pode interferir em vários outros sistemas. Ao afirmar isso, não queremos dizer que tais interferências reduziriam as características próprias de cada cultura e nem mesmo impossibilitariam a sua capacidade interpretativa. Pelo contrário, as culturas que se combinam e intercambiam seus códigos e linguagens.

García Gutiérrez, 2004, p. 109 tradução nossa) considera que a cultura

[...] não é um conjunto de dogmas, percepções e proibições no sentido das religiões e culturas convencionais; nem é um sistema de regras sintáticas e semânticas, como no caso das línguas; nem uma estrutura de princípios organizada, aspirações e estratégias como ideologia, mas, na realidade, a cultura sofre interferência e interpretações favoráveis e combinações em todos estes outros universos.

Em geral, entendemos que em cada sociedade, haverá linguagens e códigos distintos, assim como traços culturais diversos, resultante da dinâmica do conhecimento humano. Nesse sentido, para cada contexto haverá uma linguagem própria que auxiliará a comunicação de um dado conhecimento, que poderá ou não ser agregado a outro, tendo em vista a criação de novos conhecimentos. As culturas não devem ser entendidas como estáticas “Entre as culturas se produz uma interação simbólica” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2004, p. 113 tradução nossa).

Estamos rodeados de diversidade cultural, podemos dizer ainda transcultural que necessariamente deve ser encarada como elementos de discussão na Organização do Conhecimento principalmente se pensarmos a representação de um determinado conhecimento

precedente de um contexto transcultural, e com potencialidade de agregar diversas culturas assim como diversos domínios do conhecimento.

A cultura foi definida como um complexo híbrido de signos, e um objeto norteador para a análise do conhecimento e seus dispositivos comunicadores, nesse caso, os códigos, as linguagens e a própria língua.

[...] A cultura como processo nunca é a mesma, como também é inseparável das personalidades e experiências cotidianas em transformação produzidas pelo indivíduo e difundida em relações com a comunidade (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2004,p.93 tradução nossa).

Em suma, a cultura é num processo de significação de elaboração de sentidos e produto das relações sociais, das interações estabelecidas entre os indivíduos em contextos transculturais. As linguagens são, dessa maneira, as formas dinâmicas de expressão da cultura, visto que abarcam a diversidade cultural existente nos grupos e comunidades.

O conhecimento enquanto resultante das interações socioculturais, mediado via as múltiplas formas de linguagens está suscetível a transformações, isto é, se altera dependendo dos interesses dos indivíduos, do espaço, e do tempo em que o próprio conhecimento é construído e comunicado.

Consideramos que, tratar de um ponto de vista transcultural que sustenta a hospitalidade cultural frente a um contexto multilíngue existente na sociedade, pressupomos ser o começo para uma trajetória crítica da diversidade sociocultural no campo da Organização do Conhecimento.

As abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento representam investigações que ressaltam a necessidade de atenção para a cultura e o contexto das comunidades, tendo em vista a socialização do conhecimento.

2.3 Organização do Conhecimento como mediação social

A mediação enquanto processo interpretativo e social desempenhada pelo profissional

seja este um bibliotecário, arquivista, documentalista etc. não é uma ação neutra, nem ao que corresponde os fazeres dos profissionais envolvidos nem dos sujeitos receptores. A mediação visa processos de interpretação e em tais processos estão imbuídos os valores, a ética e o conhecimento tanto dos sujeitos mediadores como dos que recebem e transformam o conhecimento com base em suas necessidades e interesses. Objetivamos nessa seção destacar que a Organização do Conhecimento envolve processos de representação do conhecimento que promovem mediações sociais.

A mediação deve ser encarada como um processo social de cunho interpretativo, e como tal requer posteriormente processos que visem a Organização do Conhecimento, isto é, que consigam abranger aspectos éticos e socioculturais para o tratamento e socialização do conhecimento, na medida em que considera os múltiplos contextos das comunidades, tendo em vista a produção do conhecimento humano. A seguir analisaremos a organização do conhecimento como sendo um processo de mediação social cujas atividades promovem a mediação do conhecimento.

A Organização do Conhecimento com o enfoque nos estudos socioculturais nos alertam para a prática do profissional, enquanto sujeito mediador no processo de organização e representação do conhecimento.

Guimarães (2005) ressalta a “dimensão profissional da ética enquanto conjunto de valores que um segmento social, caracterizado pela especificidade de um saber e de um fazer (profissão) estabelece como necessários e fundamentais ao exercício dessa profissão [...]”. Assim, compreendemos que no âmbito da Organização do Conhecimento já se evidencia um cuidado com questões que envolvem o fazer do profissional assim como sua atuação enquanto mediador.

Segundo Fernández-Molina e Guimarães (2002), no cerne de discussões tratadas na Ciência da Informação, os olhares sobre a temática do profissional vem sendo tratada com maior destaque as discussões em que estão relacionadas à prática profissional, ou ainda numa abordagem sobre os problemas dos direitos específicos, isto é, à especificidade, direito ao copyright, direito à liberdade intelectual, censura, entre outros.

A Organização do Conhecimento, como um campo de estudo pelo qual podemos entender uma tendência de abordagens relativas às questões sociais e culturais. Esses estudos revelam a necessidade de compreender os processos da Organização do Conhecimento como mediações.

A mediação trata de uma ação em conhecer os contextos, culturas, sujeitos e comunidades, no intuito de refletir e repensar os modos de conhecimento, pois o conhecimento é uma constante que se modeliza a todo o momento, possui características que persistem até certo momento, e ao longo de seu percurso agrega elementos de demais conhecimentos, isto é, condiciona diversos processos modelizantes e dessa maneira subsidia a construção de novos conhecimentos. Nesse aspecto é que entendemos que a Organização do Conhecimento é um campo mediador, onde é necessário conhecer os contextos.

Entende-se que o conhecimento não implica algo pronto e organizado. Conhecimento é o processamento complexo executado pelos sujeitos na utilização de vários elementos em desordem, principalmente se tratando dos contextos sociais e culturais. Dessa maneira, sua organização torna-se possível no instante da necessidade em representá-lo, tendo em vista a diversidade de elementos sógnicos como, por exemplo, linguagens e códigos que necessitam ser traduzidos.

O termo mediação é utilizado com variados sentidos, e por diversos autores, os quais o abordam sobre perspectivas distintas. Em textos publicados na área da Ciência da Informação, o termo mediação é acompanhado de vários outros termos, os quais compõem temáticas como, por exemplo: mediação de conflitos; mediação e conciliação; mediação e aprendizagem; mediação tecnológica; mediação pós-custodial; mediação da informação; mediação cultural, dentre outros existentes.

Conforme menciona Bortolin (2010) há uma “pluralidade” de definições feitas sobre o termo mediação, as quais dão margem a uma 'polissemia de definições', e por isso não apresenta um conceito científico que forneça uma base para reflexão de modo abrangente e coerente para as diversas áreas e linhas da Ciência da Informação. Para Malheiro e Ribeiro (2011, p. 156) “[...] falta à CI o uso conceptual da mediação, entendida como instância

articuladora entre diferentes partes sempre em determinadas situações e contextos.”

A mediação como um processo interpretativo de ordem social e cultural deve ser analisada a partir do contexto no qual a mesma propõe conhecer e interpretar. É por meio do contexto que podemos conhecer as culturas e comunidades e então estabelecermos representações que não desassociem da realidade. Neste sentido, a figura do profissional é justificada, pois este traz consigo todo seu referencial de conhecimento, crenças, ética, linguagens, o que influencia a ação de mediar no processo de representação do conhecimento.

Para tanto, a mediação deve ser também analisada como instrumento de transformação dos sujeitos. O profissional é o interlocutor de tal processo, tendo em vista a sua contribuição evidenciada por meio da organização e representação do conhecimento. A Organização do Conhecimento é dessa maneira considerada um campo cujos seus processos são mediadores do conhecimento.

Assim, a mediação é um processo dialético em constante mudança, visto que as relações entre os sujeitos e as inúmeras formas de conhecimento não consistem em algo estanque. No entanto, para representar, devemos levar em conta ideias, perspectivas de mundo, contextos, domínios de conhecimentos, experiências, a própria noção de cultura e todos esses elementos acompanhados das linguagens.

Dessa maneira, também é necessária a compreensão sobre os contextos culturais dos sujeitos, visto que há uma variedade de linguagens visual, verbal e sonora, as quais podem fornecer condições para entendermos a mediação do conhecimento.

Entendemos que toda forma de organização do conhecimento é uma mediação entre o conhecimento e as comunidades/usuários. Assim, uma classificação é produto de mediação, assim como o tesouro. A organização do conhecimento implica em um processo social.

A mediação é um processo interpretativo, comunicativo e dialógico, um estado de transformação e muitas vezes de superação frente aos conteúdos comunicados. A atuação do profissional não condiz numa ação neutra dentro do contexto da representação, o mesmo procede com os usuários dos sistemas de organização e representação do conhecimento. Na busca por conteúdos informacionais, esses usuários trazem consigo seus valores, culturas e

linguagens que fazem parte de seu contexto.

Dizemos isso pela forma como a mediação é compreendida frente essa perspectiva sociocultural, isto é, como um processo interpretativo, de interação e comunicação com a potência de construir sentidos.

A Organização do Conhecimento é uma atividade de análise interpretativa que interfere e representa uma comunidade e cultura. A representação do conhecimento é mediação segundo Fernández-Molina et al. (2009, p.216) e pode ser entendida

[...] enquanto atividade que visa disponibilizar informação para todo e qualquer tipo de usuário, deve atuar de forma à que todos, sem distinção, se sintam refletidos nessa realidade, pois caso algum desvio seja percebido, esse usuário, ou grupo de usuários, se afastará do sistema de informação como um todo, o qual além de não ter cumprido sua função, terá desrespeitado valores e direitos morais desses usuários.

No contexto multicultural “O processo de representação do conhecimento, assim como os instrumentos que o permeiam e os produtos que dele decorrem não são neutros, estando imbuídos de valores morais” (FERNÁNDEZ-MOLINA et. al., 2009, p. 204). A mediação no sentido é uma ação social do profissional frente aos contextos multiculturais.

[...] o multiculturalismo traz, à sociedade, a necessidade do reconhecimento e do respeito pelas diferenças na tentativa de promover a coexistência do respeito aos indivíduos e aos grupos cuja importância é ignorada e, conseqüentemente, pelo rechaço a atitudes monoculturais de grupos dominantes (FERNÁNDEZ-MOLINA et al. , 2009, p. 207).

No âmbito das questões multiculturais na Ciência da Informação, García Gutiérrez (2002), propõe a substituição de profissional da informação por mediador, considerando que esta denominação é mais abrangente, tendo em vista a atuação do mediador em contextos multiculturais. Nesse sentido, mediar é uma tarefa complexa, principalmente se tratando de um contexto multicultural. Para tanto, uma mediação multicultural

[...], assume uma efetiva complexidade na medida em que deve dedicar atenção ao momento da recepção (ou à lógica de recepção do usuário) e as possibilidades de sua 'fragmentação', de tal forma que um dos desafios do multiculturalismo reside em compreender como evitar situações de incomunicabilidade e encontrar novos terrenos de mediação e de tradução (FERNÁNDEZ-MOLINA et al, 2009, p. 208).

Os sujeitos, envolvendo aqui desde profissionais como usuários, no contexto dos sistemas de organização e representação do conhecimento utilizam instrumentos para a comunicação do conhecimento como, por exemplo, as linguagens. As linguagens por meio de um movimento dialético promovem mediações que se estendem tanto nos ambientes institucionais como na família, nas suas diversas formas e dimensões das interações sociais e culturais.

Assim, a mediação é uma ação social desencadeada pelo profissional mediador, junto ao processo de organização e representação do conhecimento imbuído de valores e sentidos diversos, numa composição entre experiências particulares e coletivas, que surgem em contextos da diversidade cultural e linguística. Guimarães e Pinho (2008, p. 6 tradução nossa) afirmam que o universo cultural

[...] não pode ser reduzido a um paradigma positivista, sob pena de não notar-se a realidade, senão a visão de uma posição dominante, que não pode passar despercebida ou alheia para um profissional que atue crítica e eticamente. Por isso, é necessário um alerta para possíveis discursos discriminatórios por parte do mediador que trabalha de forma ética e promove a confiabilidade do sistema e / ou do instrumento. [...] É necessário que os sistemas de organização e representação do conhecimento possuam em seus fundamentos os princípios éticos que promovam uma visão transcultural, e assim, proporcionem a divulgação dos variados aspectos relacionados ao conhecimento.

O mediador deve buscar compreender os múltiplos contextos e suas linguagens, assim como suas diversas formas de expressão representadas pelos sujeitos de um espaço sociocultural do conhecimento. Nesse aspecto, o profissional deve estar atento para as limitações de ordem linguística na busca de evitar o “imperialismo linguístico”, destacado por Michèle Hudon (1997).

Segundo Hudon (1997), a língua é vista como uma barreira nos processos de transferência de informação, mais precisamente na análise e representação de conteúdos. Nessa discussão, a autora considera que para enfrentar as barreiras lingüísticas, os tesouros multilíngues podem atuar de modo que possibilite aos usuários o acesso a informação

considerando as culturas e línguas distintas.

Assim, evidenciamos que há elementos norteadores para a mediação e implica a compreensão dos contextos, e conseqüentemente das linguagens. Vale destacar o posicionamento ético e multicultural do mediador frente às abordagens socioculturais que requer o uso de linguagens adequadas que atuem como referência aos contextos multiculturais. Para tanto, entendemos que a mediação é uma consequência da Organização do Conhecimento sendo necessário reconhecer os contextos para entender as diversas culturas, linguagens e contextos.

Ribeiro (2010, p. 66) explica que:

A mediação surge, portanto, através da emergência de uma linguagem, de um sistema de representações comum a toda sociedade, a toda a cultura, e, ao mesmo tempo, a emergência deste sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida – uma sociabilidade, entendida como o conjunto de condutas, de representações e de práticas pelas quais é reconhecida numa pessoa a sua pertença a uma sociedade ou que são comuns a todos os que pertencem a uma mesma comunidade.

De fato, a mediação ocorre por meio da manifestação de linguagens utilizadas num determinado sistema de representação elaborado por profissionais. No entanto, é necessário que tais linguagens possam possuir unidades distintas, isto é, podem ser expressas por meio de diversas formas como, por exemplo, a visual, o verbal e o sonoro. Todos os sujeitos envolvidos compreendem e se relacionam por meio de uma interação “face a face”, a qual requer um estado de copresença entre sujeitos e um espaço da mediação, e da “interação mediada” que se estende no espaço e no tempo (TOMPSON, 2011).

A construção de esquemas de conhecimento deve reforçar a garantia sobre as questões multiculturais que devem ser destacadas pelos profissionais no instante da mediação na representação.

As questões afetas ao multiculturalismo refletem, em sua essência, uma reflexão ética, na medida em que buscam defender um valor maior: a inclusão, ou seja, o resguardo dos direitos de todos os cidadãos, tal como expresso na Declaração Universal dos Direitos do Homem. [...] no âmbito das discussões éticas ligadas ao multiculturalismo corresponde ao conjunto de ideias, ações e expressões que contribuam para uma sociedade mais

inclusiva, ou em última análise, para um bem-estar social (FERNÁNDEZ-MOLINA et. al, 2009, p. 207).

García Gutiérrez (2004, p.83 tradução nossa) entende cultura como um sistema aberto, mais precisamente “A cultura, considerada como o imaginário simbólico e intangível do imaginário, é uma fenomenologia exclusivamente concebida como um sistema aberto, ou seja, pensá-la como um sistema fechado e formal é um erro”.

De acordo com esta perspectiva, os profissionais mediadores devem estar predispostos a perceber que no campo da cultura há uma diversidade de códigos, simbologias e linguagens que podem auxiliá-los no processo diálogo da mediação. Tal diálogo estabelece a relação entre *profissionais e sujeitos, sujeitos e contextos culturais, profissionais e sistemas de organização, e representação do conhecimento e sujeitos*.

Nas atividades de organização do conhecimento sublinhamos a preocupação de López-Huertas (2008), que ressalta sua preocupação, sendo esta evidenciada com a constituição e planejamento dos sistemas de organização do conhecimento, estando presente o cuidado para o uso dos ambientes multiculturais. Assim, é necessário considerar a diversidade cultural, tal como o contexto menciona Fernández-Molina et al. (2009, p. 215)

[...], a explicitação de valores e paradigmas, permeados por aspectos históricos, sociais e culturais, torna-se cada vez mais necessária na representação do conhecimento, de maneira a que atividades como a definição de descritores se coadune com determinantes de espaço e de tempo e se adéquem a contextos específicos (usuário e organização) de unidades e sistemas de informação.

Também há uma questão ética na ação de mediar. Guimarães (2000a, p. 65-67) categoriza cinco instâncias correspondentes às atribuições éticas que envolvem a atuação profissional: a instância relacionada ao usuário, a organização, a informação, com a profissão e com o próprio profissional. Tais instâncias são descritas de forma sucinta por Pinho (2010, p. 52 grifo nosso):

A instância relativa ao usuário trata desse indivíduo que não apenas recebe a informação, mas que se apropria dela para gerar novos conhecimentos. A organização é entendida como um contexto específico e um local com objetivos definidos que permitem o fazer do profissional da informação. A

informação, por sua vez, materializada através do documento é o meio pela qual o *conhecimento é transmitido para gerar novos conhecimentos*. A profissão revela uma dimensão agregadora de saberes e fazeres, cujo âmbito promove a atuação política de seus agentes. Por fim, tem-se o compromisso ético do profissional consigo mesmo, pois possui uma bagagem cultural, posições filosóficas e políticas que permitem sua expressão e sua auto-realização.

Vale destacar que a mediação é um compromisso ético como o usuário realizado na organização e na representação. A mediação no campo da Organização do Conhecimento é um processo interpretativo, que implica ação ética e dialógica sobre o conhecimento tomando como base contextos, linguagens e a compreensão de cultura de modo geral. Assim, a mediação é um processo sociocultural de caráter híbrido relacionado à prática dos profissionais na Organização do Conhecimento.

Segundo Fernández-Molina et al. (2009, p.216), o profissional da informação tem a responsabilidade de assegurar a diversidade de acesso às informações culturais. Nesse sentido, sua atuação concerne na projeção, avaliação, manutenção e revisão dos sistemas de representação.

O profissional é um ser social que reflete, dialoga e interage com os diversos contextos das diversas comunidades. No âmbito dos processos, assim como das atividades de organização do conhecimento, a representação implica

[...] uma atividade intelectual que exige do profissional uma postura consciente e crítica, além deste ser conhecedor dos aspectos históricos e sociais que cercam o conhecimento registrado e socializado (GUIMARÃES; PINHO, 2008, p.4 tradução nossa).

É relevante destacar que no âmbito dos sistemas de representação não há neutralidades por parte dos instrumentos, nem mesmo dos profissionais que gerenciam tais instrumentos. Em consideração a isso podemos mencionar as perspectivas de Hjørland (2003), Mai (2004), Olson (2002), entre outros. Desse modo, é necessário dizer que nos instrumentos de representação como, por exemplo, tesouros, sistemas de classificação facetada, linguagens documentárias estão contidos valores e em alguns casos posicionamento dos profissionais envolvidos.

A Organização do Conhecimento enquanto campo que estuda as ações de mediação do conhecimento pela representação, é um espaço crítico e interpretativo e que favorece a prática da mediação, tendo em vista uma atuação ética e também o olhar sociocultural.

Frente a esse olhar multicultural da mediação e a atuação dos profissionais no campo da Organização do Conhecimento, as abordagens socioculturais representam uma ampliação do ponto de vista teórico, destacando o papel social deste campo e dos sistemas de organização e representação do conhecimento.

No capítulo seguinte trataremos da Semiótica da Cultura e daí refletiremos sobre elementos que esse campo poderá propor às abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.

3 SEMIÓTICA DA CULTURA

A Semiótica da Cultura é uma teoria que busca a análise das linguagens existentes entre a natureza e cultura (MACHADO, 2003, p. 25). A Semiótica da Cultura possui um campo transdisciplinar que dialoga com diversas disciplinas como Teoria Literária, Linguística estrutural, Semiótica, Crítica da Arte, Cibernética, Teoria da Informação e da Comunicação, Antropologia, Neurolinguística, Etnologia entre outras.

Os estudos da Semiótica da Cultura, mais precisamente a perspectiva traçada pela abordagem russa, trata de discussões sobre a linguagem na cultura. A linguagem é considerada como um dispositivo que se expressa por signos que não possuem relação direta com os signos linguísticos. Nesse sentido, a linguagem é um dispositivo semiótico que pode ser expresso por meio da arte, de uma imagem, de um som, etc.

A cultura é tratada como um conjunto de informações não-hereditárias, isto é, de conteúdos armazenados e comunicados por grupos distintos. A cultura, para a Semiótica eslava é fruto da semiose, isto é, da própria natureza (MACHADO, 2010). De modo geral, a cultura é um sistema semiótico caracterizado por sua capacidade dinâmica e transformadora sobre os textos criados e desenvolvidos por uma memória coletiva (MACHADO, 2003, p. 157). A partir de tal reflexão, a cultura ganha uma dimensão maior, isto é, ela é um campo dinâmico e plural.

O objetivo do capítulo é apresentar a Semiótica da Cultura como um campo de discussão da cultura e da linguagem.

3.1 Campo e Objeto

Reconhecemos a existência de outras abordagens semióticas como, por exemplo, a semiótica da comunicação, semiótica da imagem etc. Esta seção objetiva apresentar o campo da Semiótica da Cultura em destaque do seu objeto de estudo, a cultura.

A Semiótica da Cultura desenvolveu suas discussões sobre os sistemas de signos

(cultura, texto cultural, códigos culturais e linguagens), em meados da década de 1960. O espaço que possibilitou isso foi a Escola de Tártu-Moscú (ETM), na Universidade de Tártu, Estônia. Consideramos que este tenha sido um local propício para iniciar tal estudo, tendo em vista o interesse e empenho dos pesquisadores envolvidos na busca em compreender o papel da linguagem na cultura. Uma ideia que deve ser destacada no surgimento da Semiótica da Cultura é que em meados do século XIX, ainda compreendida como disciplina, as reflexões em torno da Semiótica da Cultura dão início, nesse período, a uma ‘consciência semiótica’ (SCHNAIDERMAN, 1979).

As discussões sobre cultura e linguagem são levadas a uma visão globalizada. Tal visão não buscava entender a cultura de modo limitado, mas analisar os traços culturais e sógnicos. Assim, entendemos que como os códigos culturais e as linguagens favorecem a comunicação, interação entre os homens e todas as produções de signos mediante um espaço semiótico, o qual pode se estender para relações externas da cultura numa esfera, isto é, alcançar relações com culturas distintas.

A Semiótica da Cultura busca entender qual papel a linguagem exerce na cultura. A ideia de texto surge com a intenção de compreender a cultura de modo mais abrangente, isto é, como uma maneira em que transitam códigos culturais e linguagens diversas. A língua natural, enquanto instituição social (SAUSSURE, 1970), é considerada uma possibilidade de criação de linguagens, por isso compreendemos que não podemos deixar de ressaltar seu caráter comunicativo. O texto é um dispositivo que constitui uma diversidade de códigos e conseqüentemente de linguagens. Os textos caracterizam-se por mecanismos semióticos geradores de sentido (MACHADO, 2003).

Por sua vez, os códigos culturais são mecanismos reguladores complexos cuja função é controlar e transportar informações. São sistemas modelizantes que contribuem no controle e organização, assim como no desenvolvimento da informação. É prudente esclarecer que os sistemas modelizantes constituem de manifestações práticas e processos culturais e sua organização depende de modelos estruturais, a língua¹⁰. Diante disso, a língua passa a ser

¹⁰ “Uma língua, então, como um sistema de signos interligados, tem estrutura sintática de tal natureza, que entre

considerada um sistema modelizante de nível primário e os demais sistemas são de segundo grau, pois depende de uma base estruturada, nesse caso a língua (MACHADO, 2003).

Contudo, os códigos culturais não se limitam ao controle e armazenamento com o fim de processar informações. Os códigos culturais possuem uma natureza semiótica, são criadores de linguagens, isto é, sua natureza é dinâmica e transformadora. Em suma, para a Semiótica da Cultura, os códigos culturais são percebidos e analisados sob o olhar da modelização e, desse modo, são compreendidos como processos de culturalização.

A modelização é entendida como um processo de interpretação. Mais que isso, a modelização é o meio pelo qual é possível alcançar um conhecimento sobre o mundo (MACHADO, 2003, p.146). O termo modelizar é compreendido como um processo reflexivo e interpretativo que a partir do uso de linguagens possibilita a comunicação da cultura.

No entanto, vale ressaltar que a modelização não desconsidera elementos anteriormente admitidos na elaboração do conhecimento, pelo contrário, todo o conjunto de saberes envolvidos na constituição de um conhecimento torna-se elemento representativo para construção de outro conhecimento. Os códigos culturais passam por processos de transcodificação e não uma mera decodificação (MACHADO, 2003). Em suma, por meio da modelização podemos criar novos códigos.

O propósito norteador da Semiótica da Cultura é compreender a comunicação como um processo semiótico, enquanto a cultura é entendida como um conjunto unificado de sistemas sígnicos, constituídos por uma dinâmica de códigos e linguagens operados num contínuo semiótico. A cultura, nessa abordagem, é compreendida como um grande texto. Este é um aspecto elementar da semiótica moderna, principalmente pelo seu caráter dinâmico e dialógico.

A Semiótica da Cultura busca compreender os sistemas de signos criados, desenvolvidos e comunicados no espaço da cultura. Assim, pressupomos que a cultura constituiria a própria natureza dos signos. A cultura é também a natureza pela qual é possível

suas combinações de signos permissíveis, alguns podem funcionar como enunciados; e tem veículos de signos de tal natureza que eles podem ser comuns a grande número de intérpretes” (MORRIS, 1976, p. 23).

perceber os diversos sistemas sgnicos e ainda pode ser interpretada como um sistema complexo de signos, no qual se produzem outros diversos.

A cultura é o ambiente no qual os signos interagem, e por isso, enquanto espaço dialógico pode ser denominada de semiosfera. Sobre a semiosfera consideramos a seguinte afirmao: “[...] o que está sendo estudado na e como cultura e   também o método de estudo da cultura” (MACHADO, 2007, p. 50). Nessa perspectiva, a semiosfera atua tanto como objeto quanto método, para o desenvolvimento dos estudos da cultura na Semiótica da Cultura.

O conceito de semiosfera, tão destacado pela Semiótica da Cultura, pode ser compreendido sob perspectivas distintas. Irene Machado (2007) destaca, por exemplo, que Iúri Tyninov (1894-1943) contribuiu para o formalismo russo com seu estudo sobre “O fato literário”, obra datada de 1924, que trata da relao entre a série literária com outras séries como, por exemplo, da vida cotidiana, a cultura e a sociedade.

Outro nome que contribuiu foi Roman Jakobson (1896-1982) com seu artigo “Metalinguagem como um problema linguístico”. A reflexão de Jakobson enfatiza as mensagens veiculadas pelas linguagens. Nesse sentido, a abordagem do autor se aproxima da concepo de semiosfera e a relao com a diversidade de linguagens transmitidas pelos sistemas modelizantes, enquanto sistemas de representao da cultura.

Outro grande teórico que colaborou com a história da semiosfera foi Mikhal Bakhtin (1895-1975) e suas análises sobre a teoria do cronotopo, isto é, da construo e organizao do tempo e espaço utilizado para o estudo das diversas expressões culturais.

Além disso, vale destacar também a compreensão de Yuri M. Lotman (1922-1993) sobre a semiosfera. Lotman (1990) compreendia a semiosfera como o espaço semiótico, mais precisamente como uma esfera sígnica que só possuía sentido por meio da interao constante. Conforme o posicionamento do autor, a semiosfera consiste no ambiente no qual os diversos signos dialogam e ao mesmo tempo transformam o ambiente onde se encontram.

Diante desse panorama, percebemos que a cultura não é objeto central de discussão na Semiótica da Cultura. O objeto da Semiótica da Cultura consiste nos sistemas semióticos da

cultura desenvolvidos na própria cultura, isto é, um espaço semiosférico. Contudo, entende-se a cultura como um texto, criado a partir da conceptualização de códigos culturais e linguagens. Portanto, seu desenvolvimento se dá num espaço semiótico, isto é, num espaço propício a transformações, um contínuo semiótico. O espaço semiosférico permite pelas linguagens, dos códigos e dos símbolos a transformação da cultura.

Nesse contexto, a cultura é um processo semiótico, em que as narrativas constituídas a partir das linguagens expressam o conjunto de signos da cultura. Por meio dessas narrativas podemos perceber como ocorrem os processos interpretativos e de apropriação da cultura, isto é, a recepção e mediação de elementos simbólicos assim como suas linguagens.

A perspectiva dialógica da cultura, principalmente na intenção de uma análise interpretativa dos textos produzidos, retoma a obra de Geertz (2008) “A interpretação das culturas”, mas nos direcionamos não a ideia de apenas interpretar determinadas culturas, e sim de propor uma reflexão sobre as possíveis interpretações que as culturas em dialógico com outras distintas, e os textos produzidos podem proporcionar por meio de um diálogo num espaço que transita *o bio, o socius e semeion*. Com base nessa reflexão poderíamos propor análises sobre como uma cultura interpreta a si própria e a outras distintas.

Compreendemos que objeto da Semiótica da Cultura ganha uma dimensão maior, por não tratar apenas da cultura, de suas características, instrumentos específicos, tipos de cultura. A ideia ou “cognição” como diria na semiótica moderna (NÖTH, 1996), trazida pelos estudos da Semiótica da Cultura entende a cultura como um texto e enfatiza este texto como um espaço semiótico compondo uma semiosfera, em que são produzidos e organizados os códigos as linguagens, assim como as semioses¹¹, isto é, os dispositivos pensantes da cultura.

Assim, seria necessária uma reflexão sobre os sistemas de signos na própria cultura, isto é, de diversos outros textos que poderíamos tratá-los como textos com dimensões sógnicas menores (não por possuírem menor sentido) no espaço da cultura, mas tratam de criações com “peculiaridades substanciais” (SCHNAIDERMAN, 1979), que no instante da análise as

¹¹Nesse sentido, a semiose é entendida como: “O processo pelo qual algo funciona como signo podendo ser chamado de semiose” (MORRIS, 1976, p. 13).

interpretações serão diversas, porém requerem a compreensão prévia de um repertório de signos.

A concepção de sistemas de signos busca dar ênfase aos sistemas sígnicos constituídos por signos que transcendem o caráter verbal como, por exemplo, os signos não-verbais. Nesse sentido, entendemos que a ação do signo extrapola a linguagem verbal por esta constituir uma estrutura, a língua¹².

Contudo, as linguagens não-verbais possuem tipos de unidades diversas como, por exemplo, o gesto, a dança, a imagem, o movimento, etc. As linguagens não-verbais não se limitam a uma unidade como a palavra, por exemplo. Vale dizer que as linguagens não-verbais como, por exemplo, o som, a imagem etc., também compartilha uma estrutura que pode ser identificada pelos traços, as cores etc.. As linguagens não-verbais são a própria representação de ideias, assim como de pensamento, cujo objetivo é realizar a comunicação.

Compreendemos que o processo de comunicação não se finda, isto é, está em constante mudança, pois não corresponde apenas à passagem de um emissor a um receptor. A comunicação tem um caráter dialógico, e por isso não se evidencia o uso apenas de uma única unidade. Para esse caráter comunicativo, pensamos que as linguagens, por serem muitas e se expressarem por unidades diversas, são elemento essencial da comunicação dos signos humanos e não humanos.

Tal perspectiva nos aproxima da abordagem semiótica de Peirce (1990), quando esta se volta aos signos humanos e não humanos. No tratamento dado aos signos, as possibilidades sígnicas nos proporcionam, principalmente pelo fato de não se limitar aos estudos dos signos por meio de uma única linguagem. Para tanto, é necessário entender o que se compreende por signo de maneira mais específica.

Desse modo, compartilhamos da definição proposta por Peirce (1990) em que afirma que o signo é tudo que sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém, ou ainda, dirige-se a alguém, podendo criar na mente de uma pessoa um signo equivalente ou até

¹² Vale mencionar que a língua, do ponto de vista da linguística, constitui um sistema de signos estruturados, que permitem a transmissão de mensagens por dois elementos: o “significante e significado” (SAUSSURE, 1970).

mesmo um mais desenvolvido. Nesse sentido, pensamos que o signo requer processos interpretativos, assim também ocorre com o texto, mais precisamente com o texto cultural na Semiótica da Cultura.

Contudo, o texto cultural a partir de processos interpretativos, isto é, de processos modelizantes é desenvolvido no espaço da cultura tendo como fio condutor as diversas formas de linguagem. Portanto, a ideia é identificar e compreender uma variável simbólica na cultura (campo semiótico), e esta variável deve ser destacada no intuito de poder discorrer sobre as linguagens híbridas como, por exemplo, imagem, som, indumentária etc.

Vale ressaltar que, no âmbito de discussões da Semiótica da Cultura não se considera a estruturalidade da língua, mas a estruturalidade¹³ das linguagens criadas e desenvolvida na cultura, isto é, no espaço semiótico. Desse modo, a língua não serve como modelo para análise dos sistemas de signos na cultura; pelo contrário, atua apenas como um mecanismo pelo qual é possível desenvolver linguagens.

Destacamos a importância das linguagens que transcendem a linguagem verbal como, por exemplo, linguagem visual, sonora e gestual. Para tanto, não podemos deixar de considerar o contributo exercido por teóricos da linguística como Saussure (1970), assim como de Jakobson (1995), sobre sistemas de signos constituídos a partir de uma estrutura (língua).

Por conseguinte, a cultura é também um dispositivo pensante e dialógico, esta é uma característica agregada à cultura, por entendê-la como um texto. Como dispositivo pensante, a própria cultura (o texto) se utiliza de códigos culturais e linguagens, desenvolvidos mediante um contexto em que são estabelecidas relações entre os sistemas de signos conceptualizados culturalmente.

A cultura carrega em si uma dinamicidade por estar sempre em interação com o meio e com os indivíduos, isto é, com a natureza da qual a cultura é parte. Assim, natureza e cultura dialogam e é por meio desse diálogo que a cultura, o texto cultural, cria novos textos. É

¹³ Segundo Machado (2003, p. 158) a concepção de estruturalidade se refere ao “Dinamismo modelizante que garante a organização de um sistema semiótico como linguagem, ainda que não possua uma língua, ou seja, uma estrutura regulada por um código definido”.

necessário destacar que os textos só podem ser produzidos se houver a interação com os sujeitos que constituem parte da cultura. Caso isso não ocorra, a cultura pode vir a perder seu caráter dinâmico e heterogêneo, e conseqüentemente, os textos irão se resumir a produções limitadas e estagnadas no tempo e espaço.

Tendo em vista o caráter dinâmico da cultura, assim como os diversos textos produzidos na mesma, é que a Semiótica da Cultura preza pela geração de sentidos. A cultura possui a capacidade de gerar novos textos e essa atividade de geração de novos textos se deve a um processo de modelização, isto é, de transcodificação. É relevante destacar que a modelização não surge na Semiótica da Cultura apenas como um mecanismo interpretativo, mas como consequência da dinâmica da cultura que necessita de processos modelizantes para sua comunicação.

Diante desse panorama da Semiótica da Cultura, buscamos relacionar as formas de expressão e de organização de uma determinada cultura, ou ainda o meio pelo qual os indivíduos manifestam (tornam público) suas culturas. Vale destacar que em toda sociedade há diversas formas de manifestações culturais e o modo de expor os elementos simbólicos de cada cultura se dá por diversas linguagens e códigos. São estes sistemas sógnicos responsáveis pela comunicação entre uma cultura e outras distintas.

Por sua vez, os códigos culturais podem ser reconhecidos como dispositivos de identificação de uma determinada cultura. As linguagens, por sua vez, são os dispositivos de comunicação entre culturas particulares, e possuem um caráter dinâmico mediante os textos criados na cultura. No entanto, para compreender as linguagens é necessário o conhecimento de um repertório de signos estabelecido no espaço semiótico da cultura. A abordagem sistêmica da Semiótica da Cultura enfatiza a diversidade de signos existentes na cultura.

A Semiótica da Cultura é considerada uma teoria sistêmica cujas discussões se encontram inclinadas para os sistemas de signos produzidos em sociedade, isto é, aos textos produzidos pelos indivíduos de um determinado espaço cultural, o que implica dizer também que há uma tendência à transmissão dos conteúdos produzidos em uma cultura, para outras culturas distintas. Consideramos um movimento dialógico entre as culturas e seus modos de

organização, tanto das linguagens veiculadas como do conhecimento produzido.

Os sistemas sgnicos produzidos num dado contexto são imbuídos de elementos simbólicos, códigos culturais e linguagens os quais provocam o diálogo entre as comunidades e suas formas de organização. Em outras palavras, exigem estabelecer uma representação da cultura pela linguagem, além de atribuir sentido a cultura. No diálogo entre comunidades distintas é possível traçar significados, atentando sempre para o fato de que a cultura é heterogênea e por isso, devemos entender que os estudos da Semiótica da Cultura nos propõem outra análise sobre a cultura do ponto de vista do texto, mais especificamente do texto cultural, assim como de suas diversificadas formas de expressão.

Desse modo, a Semiótica da Cultura estaria aberta a análises não somente da cultura, mas também dos possíveis sistemas complexos de signos. A cultura é um texto aberto e carrega em si sistemas sgnicos diversos que dialogam e se transformam constantemente.

As culturas, assim como as expressões culturais, são textos desenvolvidos por meio dos diversos complexos de signos, os quais possuem caráter semiótico. Isso pode ser verificado quando nos dispomos a compreender as peculiaridades simbólicas da cultura representadas num dado contexto sociocultural.

Os códigos culturais criadores de linguagens atuam de forma dinâmica e, nesse sentido, são processos semióticos que se modelizam conforme a dinâmica dos signos existente no espaço e tempo da cultura.

Após a definição do objeto da Semiótica da Cultura, as subseções seguintes seguem com a mesma perspectiva de apresentação deste capítulo, com destaque a partir do vocabulário da Semiótica da Cultura. Assim, desenvolve-se, em um primeiro momento, a discussão quanto às noções de linguagem e cultura.

3.2 Linguagem e Cultura

Como apresentado anteriormente, a Semiótica da Cultura consiste numa teoria cujo foco se encontra nos estudos dos sistemas complexos de signos criados e desenvolvidos no espaço da cultura. A Semiótica da Cultura busca evidenciar os processos sgnicos, por uma

perspectiva sistêmica de cultura. A cultura que atua tanto como sistema complexo de signos e como espaço sógnico. O objetivo desta seção é apresentar a definição de linguagem e cultura para o entender a relação entre ambas na Semiótica da Cultura.

Consideramos que as linguagens são uma construção ilimitada de textos, isto é, desenvolvidas a partir da cultura enquanto espaço semiótico. Elas são motivadoras das transformações ocorridas nas diversas culturas e que dinamizam o conhecimento produzido.

A linguagem nem sempre é um termo de fácil compreensão, como afirma Lopes (1995, p.35)

O termo 'linguagem' apresenta uma notável flutuação de sentido, prestando-se aos usos mais diversos. Ele é comumente empregado para designar, indiferentemente fenômenos tão afastados quanto à linguagem dos animais, a linguagem falada, a linguagem escrita, a linguagem das artes, a linguagem dos gestos.

Podemos dizer que as linguagens, do ponto de vista da Semiótica da Cultura são produções coletivas e ilimitadas dos textos constantemente produzidos na cultura; são consideradas produções da cultura e, conseqüentemente, do espaço sociocultural do qual faz parte. Podemos, dizer que as linguagens são como “[...] texto dentro do texto [...]” (LOTMAN, 1999, p. 101).

Assim, é necessário entender que a cultura não é apenas “centro produtor de textos. Enquanto texto, ela própria se manifesta como texto para o observador (MACHADO, 2010, p. 160). A partir dessa concepção é que consideramos todas as linguagens como expressões íntimas da cultura, pelas quais, a cultura se manifesta (apresenta-se) para seu público e outros distintos que possuam alguma similaridade.

As linguagens são o instrumento potencializador para as expressões culturais. É a partir delas que podemos compreender os processos de comunicação entre os sujeitos e cultura, assim como com as produções da cultura, isto é, as múltiplas formas de manifestações culturais e de produção da cultura. As linguagens, mediante um trajeto social, são criadas e modelizadas pelas expressões culturais, isto é, pelos conteúdos criados e compartilhados no

espaço semiosférico da cultura.

No entanto, é também coerente entender o sentido simbólico das expressões culturais que requerem uma ideia do que é símbolo. No campo de discussões da Semiótica da Cultura, Lotman (2003, p. 2) define símbolo como algo que está ligado a um conteúdo, servindo de um plano de expressão para outro conteúdo, geralmente considerado mais valioso culturalmente.

Contudo, a ideia de símbolo nos revela que tanto num plano de expressão como no plano do conteúdo o símbolo sempre estará por representar um texto, onde tal texto será expresso por uma linguagem. Portanto, é sobre esse aspecto que consideramos essa ideia de símbolo, e ainda por compreender que as linguagens desenvolvidas e aprimoradas pelas expressões culturais, em sua dimensão simbólica, não apenas atuam com o papel de expressarem uma determinada cultura, mas também discorrem sobre seu conteúdo, isto é, o complexo de signos que forma o todo do texto cultural.

A Semiótica da Cultura abarca discussões que contemplam, por exemplo, disciplinas como a Antropologia e a Sociologia. Nesse sentido, a abordagem antropológica explicita que:

[...] se identifica a cultura com a própria vida que se pode dizer perfeitamente não ser ela tanto sobreposta à vida quanto uma extensão da mesma vida. Assim como o instrumento amplia e estende as capacidades da mão, assim a cultura acentua e estende as capacidades da vida (MONTAGU, 1969, p. 131).

Tal pensamento nos leva a compreender que a cultura como extensão da própria vida, que se torna o motor pelo qual a vida desenvolve suas capacidades amplas de sentido. A cultura é natureza, isto é, encontra-se na essência da natureza humana (MACHADO, 2010, p. 158). Nesse sentido, esta definição não se restringe à cultura de uma única espécie. Nesta concepção, podemos dizer que a cultura, assim como suas produções, são extensões da vida.

A cultura, percebida pela Semiótica da Cultura como um texto é destacada por sua capacidade dinâmica. Em outras palavras, a cultura caracteriza-se por um complexo de signos e consiste em um diversificado e infinito arranjo de textos, os quais podem ser expressos por vários dispositivos como, por exemplo, as linguagens.

As linguagens, por sua vez, possuem caráter híbrido e suas formas de interação entre

diversas culturas deixam evidente um enorme “hibridismo cultural” (CANCLINI, 2008), do qual podemos compreender os processos interativos e dialógicos estabelecidos entre os múltiplos sistemas sógnicos da cultura. A cultura possui a capacidade de transformação, e por isso pode transformar a entropia em informação. Tal mecanismo da cultura faz com que se criem dentro de si mesmas línguas e diversos textos novos (MACHADO, 2003).

De todo modo, entender cultura nesse contexto é exercer uma gestão semiótica, isto é, um modo para compreender como os diversos complexos sógnicos se relacionam mediante os espaços culturais e ainda como exercem significados a partir de um contexto de leitura, isto é, de análise dos signos da cultura (MACHADO, 2008, p. 66). A gestão semiótica atua como um dispositivo tradutório, pelo qual é possível analisar a mobilidade dos signos. No entanto, é preciso destacar que não se trata de perceber o transporte dos signos de um ponto a outro. A gestão semiótica é um processo de modelização, uma recodificação.

O propósito da modelização é considerar tanto as manifestações como os produtos e atividades culturais como organizações por meio de qualquer tipo de linguagem. De modo geral, como um texto (MACHADO, 2003, p. 51). Os processos de modelização não buscam uma análise superficial em torno dos complexos de signos da cultura. Não significa traçar codificações, pois o intuito é possibilitar processos de criação a partir dos signos da cultura.

Nesse sentido, a modelização possibilita a tradução da tradição, isto é, o mecanismo para compreender a intervenção semiótica na cultura. É partir da utilização de uma análise semiótica em torno dos complexos de signos produzidos na cultura. Portanto, consideramos que tal mecanismo “[...] decorre da análise da compreensão do encontro entre culturas como uma experiência dialógica e, portanto, semiótica” (MACHADO, 2003, p. 28).

A cultura seria um complexo infinito de signos, assim como suas expressões culturais (produções da cultura), práticas e representações que sempre estiveram presentes na história cultural dos sujeitos. É importante destacar, por exemplo, que a compreensão da história cultural (FALCON, 2002) nos possibilita uma análise da cultura e das linguagens, pois atenta para o fato de identificar que em lugares distintos, assim como também em momentos específicos uma realidade social é construída, refletida, isto é, modelizada, como se entende

na Semiótica da Cultura, para que dessa forma possamos alcançar um nível de interpretação que sabemos não é acabado.

Podemos identificar o modo como se constroem sentidos por meio das expressões, isto é, das representações da cultura, em uso das diversas linguagens. Segundo Chartier (1990, p. 17), as representações são como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, ou tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.

Segundo Lotman (1999, p. 109 tradução nossa) “a cultura em seu conjunto pode ser considerada como texto”. Em torno desse texto é que direcionamos nossas ideias sobre as linguagens e seus mecanismos de expressão como um texto representativo da cultura, criados no campo da semiosfera.

A cultura compreendida de modo amplo significa todo conjunto de obras humanas (BOA, 2005; MELLO, 1986). Não podemos deixar de mencionar as contribuições de Lévi-Strauss (1976) com sua ideia de que a cultura parte de um sistema simbólico. Destacamos também, Kroeber (1949) que compreendia a cultura como um processo acumulativo.

Um dos primeiros a definir cultura na antropologia foi Edwar Burnett Tylor (1832-1917) que a definiu como sendo um complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, ou ainda capacidade e hábitos adquiridos pelo homem enquanto parte de uma sociedade (LARAIA, 2009, p. 25). No entanto, as definições trazidas desde Tylor trabalharam na intenção de desenvolver um conceito comum.

No campo da Sociologia, nas discussões sobre sociologia da cultura, consideramos as reflexões trazidas quanto aos espaços por onde as linguagens podem ser percebidas, o que também nos permite reconhecer que assim como há diversas formas de expressão da cultura, há também públicos da cultura (FLEURY, 2009) e para estes, espaços distintos.

Nesse percurso, a Sociologia da cultura nos favorece compreender as relações e interação entre os sujeitos, isto é, o público, as linguagens comunicadas em contextos diversos, pois não seria coerente pensarmos em um espaço fechado da cultura e nem mesmo pensar a cultura sem os sujeitos, sendo estes parte da mesma.

Diante disso, a cultura possui peculiaridades que não impossibilitam sua relação com

as demais culturas. Compreendemos que a cultura e as linguagens são parte da natureza, ou são ainda a própria natureza e por isso seus espaços de expressões são múltiplos e interativos.

A cultura caracteriza-se por sua heterogeneidade, isto é, não se resume em um único texto; pelo contrário, é um complexo diversificado de textos que possibilita ainda a criação de novos textos. Um elemento indispensável na tarefa de produção e criação de texto na cultura é a linguagem que possui a função de movimentar os textos elaborados na cultura, tanto nas esferas interna como externa.

Conhecer diversas abordagens da cultura torna-se um exercício de aprendizado constante, que não se finda, pois só a partir de um referencial podemos traçar novas propostas, que posteriormente poderão ser discutidas e recodificadas. E isso deve ser admitido como um processo natural.

Não obstante, compreendemos a cultura como um campo vasto, dinâmico e predisposto a mudanças, pois a cultura consiste num universo aberto. Portanto, a cultura possui uma pluralidade de complexos sógnicos, os quais impulsionam a uma constante busca por significados. A cultura é um texto em processo contínuo, que transborda elementos diversificados e as linguagens nesse aspecto são dispositivos pelos quais o homem é orientado no campo semiótico, dialogando com os signos produzidos na cultura e por ele mesmo. Só por meio desse diálogo podemos pensar em geração de significados.

Portanto, nos interessa reconhecer que:

Do ponto de vista semiótico, a cultura pode ser considerada como uma hierarquia de sistemas semióticos particulares, como a soma dos textos e o conjunto de funções, ou como um certo mecanismo que gera tais textos (MACHADO, 2003, p. 119).

Para gerar significados em torno dos textos produzidos na cultura o homem requer de um repertório de signos produzido individual e coletivamente. Tal reflexão nos faz refletir sobre o processo pelo qual os homens orientam e atribuem significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é própria de toda prática humana (DURHAM, 2004).

Os significados produzidos pelos sujeitos necessitam que estes compartilhem de

experiências provocadas na relação com o coletivo e por meio dessa relação, isto é, com base em um referencial é possível desenvolver significados.

Nesse sentido, a Semiótica da Cultura nos fornece uma visão global sobre ela mesma por dispor de um apanhado geral de inúmeros estudos, e ainda por deixar evidente que podemos traçar inúmeras análises sobre o universo da cultura enquanto campo semiótico e ainda desenvolver “mediações semióticas” (MACHADO, 2010, p. 97) em torno dos complexos de signos da cultura.

Os espaços pelos quais as linguagens e também as manifestações culturais são mediadas consistem em espaços semióticos, onde a busca de sentido e de significados se dá num contínuo. Tais espaços são considerados campos da cultura, em que são desenvolvidos os signos da natureza, no qual os sujeitos interagem e produzem conhecimento. Portanto, seguindo a lógica do contínuo dos signos na cultura, o conhecimento construído é o resultado de um processo que se caracteriza pelo ato de “aprender-conhecer” (MERRELL, 2008), pois o conhecimento não é algo fixo, ao contrário, é fruto de um estado de incompletude do ser.

Sobre a compreensão de cultura e linguagem evidenciadas pela Semiótica da Cultura, podemos destacar ainda as contribuições da perspectiva dialógica introduzida por Bakhtin (2006). A proposta do dialogismo é resgatada para perceber que linguagem é um dispositivo potencializador da cultura. Nesse sentido, compartilhamos da ideia de que a linguagem, em essência é sempre dialógica (SCHNAIDERMAN, 1970).

As linguagens como dispositivos dialógicos e as manifestações culturais são produções da cultura, resultado do estabelecimento de mecanismos interativos da cultura, que por meio de uma diversidade de linguagens dialoga consigo e em certo grau de comunicação pode também dialogar com culturas distintas. O caráter dinâmico da cultura e ainda sua capacidade dialógica promovida a partir do uso de diversas linguagens torna evidente que “Os sistemas da cultura são, portanto, modelos ativos de mundo, [...]” (MACHADO; ROMANINI, 2010, p. 94).

Ademais, é necessário enfatizar que há diversas formas de expressão da cultura evidenciadas via linguagens como, por exemplo, na dança, na música no teatro, nas próprias

relações (na família, na escola, nas instituições religiosas). O próprio ato de comer revela um tipo de expressão cultural, isto é, uma linguagem com caráter peculiar que identifica um grupo social; assim como a forma de se vestir, o uso de determinadas indumentárias, o ato de verbalizar algo, as gírias, o uso de um idioma para o estabelecimento da comunicação entre os grupos etc.

Todas essas formas expressivas são também modos de se comunicar e por isso se distinguem pelo contexto cultural, isto é, pressupomos que as linguagens as quais são representadas por meio de expressões culturais, sejam estas a mais reservada, determinam o contexto e são determinadas pelo mesmo, pois passam por processos de ressignificação na medida em que são apropriadas por gerações posteriores.

Portanto, entendemos que o contexto é determinante para uma análise interpretativa de qualquer tipo de linguagem, e conseqüentemente de expressões culturais e ainda favorece um diálogo em tempo e espaço da cultura. O contexto torna-se elementar também para compreendemos a dinâmica simbólica existente nas expressões culturais.

As diversas linguagens produzidas e utilizadas no campo semiótico da cultura são instrumentos potencializadores. As linguagens possuem, então, sentido na dimensão expressiva, numa dimensão de conteúdo, pois são produzidas na própria dinâmica do espaço cultural e ainda possuem sentido comunicativo. Esses três sentidos podem tornar-se explícitos quando passamos a analisar os textos produzidos na cultura, isto é, as manifestações culturais. Diante disso, reconhecemos que:

Fora da linguagem não há, portanto, a menor possibilidade de organizar a informação, ou, melhor, as vagas de informações envolventes, como entende Lotman. Em última análise, sem linguagem não há como sair da entropia. Tal é o suporte teórico da modelização (MACHADO, 2003, p. 149).

Nesse sentido, a linguagem não se limita a uma única unidade, como por exemplo, ao signo verbal, emitido a partir da fala, palavra. No entanto, a Semiótica da Cultura não estabelece limites dos signos que forneçam apenas uma interação verbal, obedecendo a um único sistema de linguagem. A análise das linguagens feita por meio da Semiótica da Cultura

busca tornar evidente que as possibilidades sógnicas exercidas pelas linguagens são diversas, por isso é que se denominam os sistemas modelizantes de nível primário, a língua natural, e os sistemas modelizantes secundários, isto é, todas as linguagens desenvolvidas na cultura constituídas de uma diversidade comunicativa, expressiva e de conteúdo.

Ao mencionar sobre sistemas modelizantes é necessário explicitar que a modelização, isto é, sistema semiótico, muito enfatizado nos estudos da Semiótica da Cultura, como mecanismo para compreender a semiose dos sistemas culturais.

No contexto dos sistemas culturais, a capacidade modelizadora reveste-se do caráter sistêmico e evolutivo que se manifesta no mundo vivo como capacidade para a interação, para a luta, para a preservação da vida. Este raciocínio é outra forma de dizer que contexto e cultura implicam-se mutuamente no mundo das espécies vivas (MACHADO; ROMANINI, 2010, p. 94).

Contudo, nos sistemas modelizantes, a língua é destacada como sistema modelizante primário por constituir de uma estrutura codificada. A língua é compreendida como um sistema modelizante de nível primário, e isto implica aceitar que a língua é, em essência, um mecanismo semiótico de transmissão de mensagens. Sua estrutura se constrói, por exemplo, a partir da fonação, grafismo e convenções culturais (MACHADO, 2003).

No entanto, não podemos confundir a língua com linguagem. Conforme Saussure (1970, p. 22), a língua é tomada como um objeto de natureza concreta. A língua é considerada um sistema de signos estruturado, o que a torna um signo de caráter homogêneo, ao contrário da linguagem. A linguagem possui caráter heterogêneo e por isso se constitui em qualquer sistema de signos que sirva tanto à comunicação como também para a produção de cultura (MACHADO, 2007).

Desse modo, consideramos que a língua consiste no conjunto de frases percebidas e perceptíveis. A língua constitui o conjunto de todas as palavras percebidas e perceptíveis, quando conectadas entre si, considerando assim o estabelecimento prévio de regras (FLUSSER, 2007). Isso nos faz compartilhar da reflexão em torno da multiplicação de

línguas da cultura (LOTMAN; USPENSKI, 2007). Assim, a diversidade de línguas da cultura, bem como sua especificidade, é um fenômeno resultante de dificuldades de comunicação no âmbito da cultura. Tal aspecto dispõe à cultura uma vasta flexibilidade e complexidade que decorre de sua capacidade de modelizar a realidade, isto é, de transformá-la obedecendo à dinâmica existente em cada universo cultural.

Apontamos desse modo para uma abordagem semiótica a qual reconhece todas as linguagens possíveis, possibilitando a análise da constituição de diversos fenômenos de produção de significados e de sentido (SANTAELLA, 1983), em que a linguagem potencializa uma variedade de sentidos no campo da cultura, assim como das expressões culturais.

Para tanto, é preciso considerar que a cultura deve ser tomada como a totalidade de informação. Possui um caráter não hereditário e consiste num modo de organização e conservação (ZYLKO, 2005).

No âmbito das produções sógnicas da cultura, não se analisa apenas a capacidade expressiva e comunicativa das linguagens produzidas pelos complexos de signos da cultura, mas requerem dos sujeitos receptores a compreender as linguagens e por meio destas traçar diversos significados. Isto é, criar novos textos o que resulta numa produção infinita de sentidos revelada num contínuo semiótico que organiza e transmite conhecimentos na semiosfera.

Na próxima seção buscamos apresentar a noção de texto, contexto e diversidade linguística por considerarmos importantes problemas da Semiótica da Cultura. Outro propósito é demonstrar que o texto nos direciona ao entendimento dos contextos culturais assim como da diversidade de linguagens.

3.3 Textos, Contexto e Diversidade Linguística

Como verificado no tópico anterior as linguagens são dispositivos motivadores dos textos das diversas formas de cultura. Os textos na Semiótica da Cultura são produções

coletivas expressadas via diversas linguagens. São as linguagens responsáveis pelos textos processados no complexo de signos imbricados na cultura. Podemos presumir que na cultura, o processo de significação se evidencia por meio de diversas linguagens criadas e desenvolvidas pelos complexos de signos desenvolvidos e compartilhados.

As linguagens são mecanismos dialógicos imprescindíveis para o processamento dos sistemas culturais, isto é dos textos no complexo espaço da cultura. É necessário enfatizar que no âmbito dos estudos russos, qualquer investigação que for orientada pela compreensão da linguagem é considerada semiótica (MACHADO, 2003). O papel exercido pela linguagem no espaço da cultura nos possibilita compreender as expressões culturais e linguísticas como texto na medida em que reconhecemos suas peculiaridades simbólicas, podemos alcançar diversos significados.

Consideramos que as diversas formas de comunicação são processadas por diversos mecanismos de expressão, isto é, linguagens. Por sua vez, as linguagens são mecanismos geradores de textos.

[...] o texto é a manifestação simultânea de várias linguagens. Assim, a relações complexas, dialógicas e probabilísticas, que constituem o texto poliglota e o torna mecanismo gerador de significado (LOTMAN, 2003, p. 3 tradução nossa).

As características expressas na relação dialógica as quais apresentam o texto como um mecanismo gerador de novos textos, enquanto manifestação de linguagens favorece uma dimensão ampliada do texto. Contudo, pensamos que o texto constitui um processo mutante, isto é, em essência, possui predisposição para sofrer alterações passa por um processo contínuo de recodificação e, conseqüentemente, dispõe de diversos significados. O texto, no espaço da cultura, revelado pelas linguagens possuía potência de transformar-se, isto é, de gerar textos novos na cultura. Portanto, temos que "O texto, em sua leitura "normal" se identifica com o que é "aberto", e em seu estado inverso - com a esfera" esotérica "da cultura" (LOTMAN, 2005, p. 223 tradução nossa).

Diante disso, é necessário esclarecer a ideia de texto, "O texto não é a realidade, mas o

material para a sua reconstrução” (MIHAYCHUK; USPENSKY; LOTMAN, 1979, p. 216 tradução nossa). Para tanto, compreendemos que o texto não retrata uma realidade fixa. Enquanto parte de um organismo dinâmico que é a cultura, o texto é um elemento em constante construção no complexo de signos da cultura. Todo esse complexo de signos, cada qual constituído por diversas linguagens, desenvolvidas no universo da cultura, sobre uma infinidade de signos pode ser compreendido como manifestações culturais, isto é, como um texto constituído no espaço semiótico da cultura.

Desse modo, consideramos que qualquer expressão cultural pode ser denominada texto. “O texto possui um mecanismo dinâmico da cultura” (MACHADO, 2007, p.31). Assim, podemos dizer que as expressões culturais são processos dinâmicos da cultura desenvolvidas num dado contexto resultante das linguagens compartilhadas entre os sujeitos da cultura.

As expressões culturais são eventos e não podem ser confundidas como coisas (MERRELL, 2003). Elas são constituídas por uma dinamicidade e em constante alteração. É relevante dizer que possuem traços culturais que resistem e dão um tom peculiar e distingue das demais manifestações, mas como estamos tratando aqui de complexos de signos na cultura é preciso enfatizar que há uma mobilidade constante dos signos no espaço cultural.

Enquanto processos dinâmicos, as expressões culturais são também processos sociais, pois o homem é participante ativo dos espaços da cultura, mais precisamente da natureza; ele cria e/ou modeliza expressões culturais resultante de um processo interativo e dialógico com outros sujeitos. É no diálogo que os sujeitos podem desenvolver processos de significação. Assim, “A vida é permeada por ações, reações e interações com itens efêmeros que nos cercam, com indícios, itens que aparecem no palco à nossa frente, no palco sobre o qual nos encontramos” (MERRELL, 2003, p. 177).

A vida simbólica é a cultura tendo sua essência na natureza dos complexos sîgnicos. A dinamicidade das linguagens é determinante, pois não há como pensar a cultura a partir de uma única linguagem. É necessário compreender que os sujeitos no seu espaço sociocultural desenvolvem capacidades para se expressarem. Tais capacidades não são fenômenos do acaso meramente, mas partem de um repertório que talvez não tenha sido despertado de forma clara

na natureza.

O dispositivo utilizado para tal comunicação são as múltiplas linguagens que ao mesmo tempo em que possibilitam a comunicação em sociedade também apresentam como um fenômeno de alta complexidade. As linguagens desenvolvidas no espaço da cultura revelam as necessidades amplas de expressão. O campo da cultura permite, desse modo, que as linguagens deem conta de manifestar por diversas unidades os signos que compõe o espaço semiótico da cultura.

Ademais, consideramos que as unidades explícitas pelas linguagens são diversas e partem da necessidade dos sujeitos e por isso dependem do contexto no qual se inserem, podendo ser transformadas, isto é, passam por processos de adaptação com a finalidade de se tornarem os mais expressivos possíveis. Dessa maneira, ressaltamos que as linguagens possuem caráter heterogêneo, sendo esta uma característica típica da cultura (MACHADO, 2003).

As linguagens desempenham alguns sentidos no espaço da cultura. As linguagens como formas de expressão representam também o conteúdo do texto da cultura e, por conseguinte dos demais textos desenvolvidos na cultura. As linguagens são responsáveis pelos processos de comunicação na cultura, pois são elas os mecanismos potencializadores da comunicação no espaço da cultura. Portanto, as linguagens como mecanismos expressivos de manifestação dos textos da cultura pressupõem interpretações, que se dão em um processo de encadeamento contínuo, de múltipla interação entre os complexos de signos da cultura. Ainda, as linguagens possuem um papel de agregar sentidos e desenvolver novos sentidos e, por conseguinte, gerar significados a partir dos textos.

Considerando que a linguagem é heterogênea, podemos dizer que a linguagem no contexto do sistema da cultura é um “sistema social” (HALLIDAY, 1982). Podemos compreender que as linguagens determinam ou ainda constroem identidades.

A identidade só poderá ser construída no interior de contextos sociais e, por sua vez, determinam a posição dos sujeitos e os orientam nas suas representações e escolhas (CUCHE, 2002). Vale destacar que, ainda que as identidades sejam construídas no interior dos contextos

sociais, elas tomam como referência o que lhe é externo a esse espaço social. Nesse sentido, as identidades são formadas por consequência das experiências múltiplas dos sujeitos em interação com demais contextos.

Pensamos que os textos são expressões das linguagens (LOTMAN, 2003), produções sociais e frutos da constituição de linguagens mediadas pelos sujeitos. Portanto, os textos manifestados por meio das linguagens possibilitam interpretações diversas, pois cada sujeito, em utilização de um repertório de signos que lhe é particular, faz com que processem leituras diversas sobre o texto.

As interpretações, nesse caso, também dependem do tempo e espaço em que os sujeitos fazem parte. Por isso, sublinhamos mais uma vez o caráter dinâmico da cultura. As representações e os sentidos produzidos num determinado contexto, mudam em outro, pois a esfera da cultura é dinâmica e seus complexos de signos carregam consigo tal característica. Sendo assim, consideramos que:

Há sempre várias leituras possíveis de conjuntos textuais que circulam dentro de uma sociedade, a partir do ponto de vista da produção. O mesmo texto pode ser sujeita a várias interpretações. Lendo cada tipo de conceituação refere-se a uma das condições de produção específicas (VERÓN, 1996, p. 18 (tradução nossa).

O texto como uma manifestação processada a partir de linguagens no espaço da cultura, podendo estes ser produzidos pelos sujeitos são expressões desenvolvidas pela própria cultura, reconhecidas como a própria natureza em que atuam independente de qualquer que seja os complexos infinitos de signos. Portanto, a cultura reconhece em seu amplo complexo de signos, sejam estes humanos e não-humanos, uma multiplicidade de linguagens que transformam a todo o momento a natureza. A cultura é então evidenciada em seu sentido amplo como representação, transformação e criação de significados, a partir de um conjunto de signos.

Enquanto texto maior, a cultura cria textos e são apropriados e utilizados em contextos diversos, com finalidades distintas. Os textos da cultura se auto-organizam na medida em que são agregados em contextos distintos daquele pelo qual foi criado. A criação dos textos pode

ser caracterizada por um ato dialético, em que os participantes da cultura criam os seus textos e também a cultura desenvolve outros textos. Podemos dizer que:

Não são somente os participantes da comunicação que criam textos; os textos também contêm a memória sobre os participantes da comunicação. Portanto, a assimilação dos textos de outra cultura leva a transmissão, através dos séculos, de certas estruturas da personalidade e tipos de comportamento. O texto pode aparecer como um programa condensado de toda a cultura. A assimilação de textos de outra cultura resulta no fenômeno da *policulturalidade*, na possibilidade - permanecendo dentro de uma cultura - de escolher um comportamento convencional no estilo de outra (MACHADO, 2003, p.120).

Para a Semiótica da Cultura, o texto é compreendido como um espaço semiótico em que se evidencia uma constante interação. É ainda, o espaço semiótico por onde as linguagens interferem-se e auto-organizam-se em processos de modelização (MACHADO, 2007, p.31). A cultura é um infinito complexo de signos e encontra-se no espaço da semiosfera sendo evidenciada por sua dinamicidade em torno dos elementos sógnicos que compõe o campo da cultura.

Por sua vez, a cultura potencializa as diversidades de signos na medida em que cria outros signos no universo cultural, espaço de “coexistência e coevolução” (MACHADO, 2003) dos signos da cultura. Segundo Lotman (2005, p. 219 tradução nossa) "O desenvolvimento dinâmico de elementos da semiosfera (subestruturas) é ditado por suas especificações e, conseqüentemente, o aumento da diversidade interna".

Por conseguinte, temos que as expressões culturais são textos e como tais, procedem de um texto maior que é a cultura mediada a partir das linguagens, adotadas e compartilhadas num determinado contexto sociocultural. Sublinhamos que a cultura é percebida em sua dimensão plural e por isso não a consideramos apenas particular do indivíduo, pois se compreendemos a cultura como a própria natureza, esta por sua vez, também compõe um espaço semiótico do coletivo que por meio de um processo dialógico criam novos textos, isto é, novas formas expressivas da cultura.

Não podemos definir a cultura como algo particular do indivíduo, ela é, sobretudo, um

complexo de textos constituídos por uma memória coletiva, por isso podemos dizer que a cultura é também social. Sendo assim, a cultura compartilha de uma realidade produzida pelo homem que se desenvolve a partir da formação de ideias e de práticas sociais as quais se referem por uma composição de signos, símbolos, condutas e fazeres (LINDOSO, 2005, p. 22).

As expressões diversas da cultura compreendem as expressões que possibilitam a constituição de uma identidade cultural, mas não podemos deixar de enfatizar que tal identidade é construída a partir de um coletivo e por isso compreendemos que toda identidade é definida em relação ao que é exterior, pois ela constitui uma diferença (ORTIZ, 1986). As identidades são resultantes das intervenções, entre os grupos, assim como os diversos métodos utilizados para efetivação de suas relações (CUCHE, 2002). Acrescentamos que os processos interativos compreendidos no complexo espaço da cultura, por si já possibilita a utilização de linguagens variadas e conseqüentemente a manifestação de textos novos.

Compreendemos que o papel das linguagens nesse contexto é considerado relevante para a composição da diversidade linguística existente no espaço híbrido da cultura.

As linguagens são os mecanismos utilizados para expressar o conteúdo da consciência, isto é, sentimentos, emoções, desejos, pensamentos. No entanto, exigem um repertório de símbolos, assim como palavras, sons, gestos, sinais, organizados e relacionados a partir de um sistema com o propósito de expressar e comunicar significados (ZILLES, 2005).

Devemos reconhecer ainda que a cultura tem capacidades sígnicas diversas e possibilita a composição de diversas expressões culturais, isto é, de inúmeros textos, os quais são reconstruídos a partir de processos modelizantes do sistema da cultura, de recodificação dos complexos de signos da cultura. Desse modo, o texto é “[...] um processo de signos que tendem a eludir seus referentes, tornando-se referentes de si mesmo e criando um campo referencial próprio” (PIGNATARI, 1965, p. 28). Para tanto, é necessário apontar que os significados produzidos, são resultantes de processos contínuo dos signos da cultura. Tal processo corresponde à semiose dos signos imbuídos no sistema da cultura. A semiose é um processo de veiculação dos signos e/ou a própria evolução dos signos. Isso quer dizer que a

semiose seria a constante no percurso continuum percorrida pelo signo.

Nas espécies vivas, semiose se manifesta como ato de conhecimento do mundo e, portanto, um processo de modelização que se inicia na percepção e atravessa os processos de representação (MACHADO; ROMANINI, 2010, p. 93).

Tal raciocínio nos permite sustentar a ideia de cultura como um texto no texto, o que implica a constante construção de textos culturais, e possibilita que todo o texto desenvolvido na cultura seja codificado, no mínimo por dois diferentes sistemas (MACHADO, 2003). Todo texto da cultura é um complexo de signos que se modeliza, isto é, possui a capacidade de transformação. Podemos perceber os seus processos evolutivos.

A Semiótica da Cultura por sua vez, examina semioses específicas: processos de cultivos da mente pelas civilizações. Ou, dito de outro modo: as semioses que transformam a informação em texto e este em estrutura pensante, em memória (MACHADO, 2003, p. 52-53).

O processo de semiose no sistema da cultura implica uma complexidade, pois é resultante de processos dinâmicos que ora podem estabelecer entre os textos uma relação de complementaridade, ora podem se excluir. Vale ressaltar que, o diálogo proporcionado entre os diferentes modos de linguagens pode se dar tanto pelo contexto como também pelos significados atribuídos. Tais significados podem ser alterados na medida em que se estabelecem os processos de modelizações por onde serão realizadas as possíveis traduções sobre os textos.

Em torno disso, podemos compreender que a semiose para Semiótica da Cultura desenvolve-se por meio dos sistemas modelizantes da cultura. Os sistemas modelizantes são como visto, caracterizados como primários e secundários. Os que correspondem a sistemas modelizantes de nível primário, são aqueles dotados de estruturalidade, como por exemplo, a língua, e os sistemas modelizantes secundários, são todas as manifestações das linguagens desenvolvidas no complexo semiótico da cultura.

O texto passa por processos de transformações, isto é, de semioses. Na concepção de Lotman (2003), o texto possui três funções: a comunicativa, a função geradora de sentidos e a

função mnemônica. Sobre a primeira função, temos que esta corresponde à natureza comunicativa do texto, como processo de realização da língua natural, isto é, a linguagem aqui atuaria como mecanismo de transmissão de mensagem de um ponto a outro.

Por outro lado, enquanto gerador de sentidos, o texto é heterogêneo e constituído pela manifestação de várias linguagens. Não há por meio dessa segunda função a intenção de dispor de uma comunicação em que o emissor determina o que será transmitido ao receptor. O foco do texto com caráter heterogêneo é justamente de proporcionar uma relação dialética entre as partes, de modo que não haja prioridades no estabelecimento da comunicação. A terceira função está ligada à memória da cultura, isto é, o texto possui uma tendência à simbolização. Entendemos que o conceito de texto atribui “[...] um novo domínio de ideias científicas onde operam as mais radicais formas de semiose” (MACHADO, 2003, p.53). Em outras palavras, podem ser considerados textos constituídos e organizados a partir de um complexo de texto de ampla compreensão, que é a cultura.

De todo modo, podemos pensar também que o texto cultural pode ser denominado conjunto de informação. O texto não é informação dada, mas informação processada. No entanto, tal informação não se encontra formada e nem tão pouco é algo acabado. O texto, nesse sentido, possui relação com a ideia de pertencimento (texto) e não-pertencimento (não-texto) (MACHADO, 2007). Isso implica dizer que o texto passa a ser compreendido enquanto informação a partir do instante em que é integrado no contexto do espaço da cultura.

Nessa medida, não podemos afirmar que o texto cultural não possa ser submetido a mecanismos de alteração, supondo significações diversas. A condição de alteridade é um elemento presente nos complexos de signos da cultura e isso se deve a compreensão do espaço da semiosfera, “[...] a "semiosfera 'em dizer todo o mundo semiótico e talvez até mais do que isso (ou melhor, corresponde a um conceito amplo de semiose que incluem o mundo físico)” (SONESSON, 2005, p. 3 tradução nossa).

Sobre isso podemos dizer que as mais variadas interpretações feitas a partir do texto cultural são resultantes de um processo de semiose no campo da cultura, pois percebemos que a cultura tem a capacidade criativa de gerar novos textos (ZILKO, 2005), isso viabiliza a

produção de significados sobre os textos culturais. Assim, também pensamos que deva ocorrer com as manifestações culturais, pois se são consideradas produções da cultura, os textos, também requer processos interpretativos.

Compreendemos que o campo semiótico possibilita o contato com diversos textos em níveis variados e isso favorece traçarmos possibilidades diversas de significação. Cada texto, em seu nível simbólico, exigirá abordagens diferentes sobre seu conteúdo e conseqüentemente nos remete a variadas formas de interpretação. Para isso é necessário a sensibilidade para a utilização de diversas linguagens, pois não há como traçar interpretações de algo sem o uso de uma leitura mais ampliada, por meio de variadas linguagens. Portanto, ressaltamos que o texto como elemento imbuído de diversas características e funções no espaço semiótico da cultura propõe análises diversas, em que cada leitura fornecerá um grau de interpretação distinto. Desse modo, destacamos que:

O espaço semiótico aparece-nos como os níveis de um cruzamento de vários textos, que juntos formarão um determinado estrato, com correlações internas complexas e diferentes graus de espaços traduzibilidade traduzibilidade (LOTMAM, 1999, p. 41 (tradução nossa).

O complexo espaço da cultura através do qual transitam vários signos requer de seus observadores diversos graus de interpretação, assim como de diversas linguagens. O texto no espaço semiótico da cultura, expressados via múltiplas linguagens, só possui sentido, se possuímos a capacidade mínima para denominar significados e isso requer de cada pessoa uma competência semiótica. De acordo com Machado (2003, p. 143) “Se existe um fazer semiótico, existe uma competência semiótica que o torna possível. A competência semiótica encontra-se na origem de qualquer processo de semiotização ou do fazer semiótico”.

Sendo assim, é coerente pensar que a tradução da tradição se apresenta como uma atividade precisa para que possamos realizar as leituras de expressões culturais. Esse processo de tradução da tradição não implica uma mera codificação sobre os sistemas de signos. Ao contrário, o propósito desse mecanismo semiótico é possibilitar a construção de diversos textos. Em síntese, não podemos deixar de considerar que esse é um movimento que visa um

contínuo, isto é, uma semiose dos textos culturais em constante evolução.

Para traçarmos processos de significação em qualquer contexto é necessário compreender as narrativas expressas pelas diversas linguagens as quais podem nos permitir a construir, numa perspectiva do contínuo semiótico, amplas interpretações atentando ainda para a diversidade linguística existente em inúmeros contextos socioculturais. Seria, pois, uma maneira de partirmos duma semiose, de construção de significado, isto é, dos mecanismos de modelização do texto cultural e posteriormente realizarmos interpretações diversas e ampliar os processos de significação, dispor de outras dimensões.

Considerando que a cultura é um texto de amplas possibilidades sígnicas e ainda que as linguagens enquanto expressões diversas possuem a capacidade de manifestar vários textos, pensamos então no encadeamento da cultura por meio das expressões culturais. Desse modo, devemos, *a priori*, compreender que essa tessitura dada a partir das expressões culturais, constitui de um processo de compleição motivado não somente pelo espaço semiótico (a natureza), mas também entre os sujeitos. Por isso, reconhecemos que é um processo que se dá não somente num nível de compreensão cultural como também social.

Os textos construídos a partir da cultura são extensões da própria cultura e alcançam uma dimensão maior na medida em que são transformados e modelizados no espaço semiótico. Podemos ainda dizer que os textos culturais são reflexos da cultura e também do coletivo que os compõe. Pensando dessa maneira temos que os textos são realizações infinitas, pois se os próprios sujeitos e também a natureza são seres inacabados (FREIRE, 1998), assim também compreendemos que são os textos no sistema da cultura.

Os textos não são eventos processados no acaso, pelo contrário são construções fruto de relações de intervenção dos signos da cultura. “Na perspectiva da semiótica sistêmica, nenhum sistema modelizante é dado, pelo contrário, é construído por uma intervenção cultural” (MACHADO, 2003, p. 152). Desse modo, o texto processado no sistema da cultura é resultado de uma intervenção cultural em que os textos de culturas distintas interagem entre si e criam novos textos.

Nesse sentido, podemos dizer que a cultura, no contexto dos sistemas de signos, isto é,

no espaço semiótico, atua como um mecanismo de memória da natureza e por isso ressaltamos que a "Cultura, por sua própria essência é contra o esquecimento. Ela supera esquecimentos transformando-o em um dos mecanismos de memória "(MIHAYCHUK; USPENSKY; LOTMAN, 1979, p. 216 tradução nossa). A cultura está sempre a processar uma memória coletiva no espaço semiótico. Desse modo, a cultura, em sua pluralidade, isto é, em suas amplas formas representação e atribuição de significados dados por uma memória coletiva, é informação desde que os sistemas de signos da cultura compartilhem de linguagens diversas e estabelecem por meio dos textos derivados do sistema da cultura, o encadeamento de variadas interpretações. Desse modo, teremos uma tessitura da cultura, mas uma tessitura inacabada, isto é, pode alterar-se a qualquer instante que houver demais intervenções entre os signos da cultura.

A cultura possui sentido e atribui sentido na medida em que interage com outras culturas, isto é, com outros textos, podendo desse modo sofrer alterações. Contudo, admitimos que a cultura não se limita apenas ao homem, pois ela é a própria natureza e por isso a cultura possui a capacidade de atribuir significados e contribuir no sentido de estabelecer o diálogo entre os textos elaborados a partir da mesma. Para tanto, percebemos que as linguagens são necessárias no estabelecimento desse diálogo. As linguagens condicionam a interação entre textos distintos.

Desse processo interativo podemos pensar que é possível perceber a cultura concebida enquanto informação, isto é, uma informação processada e transformada, possuindo, por conseguinte o caráter de texto da cultura. Dessa forma, percebemos que há uma relação recíproca de completude, em que ambos podem dialogar cada qual fornecendo elementos, isto é, linguagens diferentes com a finalidade de possibilitar que as expressões culturais possam ser mais bem compreendidas.

No entanto, é necessário por em prática uma competência semiótica, tendo em vista que a partir dela podemos processar diversas semioses em torno dos sistemas de signos da cultura.

A competência semiótica é, evidentemente, uma capacidade dialógica de

criação de s linguagem. Nesse sentido, não se trata de considerar a mensagem no eixo de sua emissão e recepção, mas no processo de codificação ou recodificação da informação, nunca de mera descodificação. Antes de ser interpretada, a mensagem é codificada por algum sistema semiótico - a informação é modelizada em linguagem. Competência semiótica é uma atividade modelizante (MACHADO, 2003, p. 147).

Desse modo, dizemos que o texto da cultura por meio das manifestações culturais ocorre por meio das linguagens em sua compreensão dinâmica. As linguagens extrapolam a esfera individual de compreensão da cultura, isto é, do texto, alcançando uma dimensão de compreensão no coletivo.

Nesse contexto, compreendemos a cultura enquanto texto. No entanto, isso implica discorrer sobre a existência de uma memória coletiva que não apenas armazena informações, mas funcionando como um programa gerador de textos, o que garante uma continuidade (MACHADO, 2003, p. 53). Logo, consideramos que a semiosfera condiz em um espaço dinâmico e contínuo de interação, isto é, de relações entre os textos produzidos a partir da cultura.

A semiosfera é marcada por sua heterogeneidade. As línguas que enchem o espaço semiótico são vários, e eles se relacionam entre si ao longo do espectro que vai de traduzibilidade mútua completa para intraduzibilidade mútua tão completo (LOTMAN, 1990, p. 125 (tradução nossa)).

Entendemos o caráter heterogêneo da semiosfera e de que a cultura de fato é informação que requer processos de tradução. Para tanto, partimos do princípio de que por meio da cultura enquanto texto “[...] é possível alcançar as relações entre os diferentes sistemas” (MACHADO, 2003, p. 31). Contudo, a cultura como informação supõe uma organização em pelo menos algum sistema de signos.

É necessário processarmos os signos no intuito de poder compreendê-lo. Só por esse movimento é que podemos considerar a cultura como informação.

[...] a cultura como um texto é uma rede de signos cujo entrelaçamento de articulações é escolhido em nódulos críticos [...]. Esses nódulos críticos são escolhidos diferentemente em graus diferentes em casos individuais, mas eles são também, como escolhidos, separados de fato das escolhas iniciais e naturalizados através dos hábitos-padrões de uma comunidade como

“convenções” no sentido forte de “o modo como fazemos as coisas (de preferência sem pensar) por aqui (DEELY, 1990, p. 85).

Os textos da cultura possuem amplas redes de signos que se interconectam com os outros, favorecendo uma constante rede de signos. Desta relação provocada por mecanismos modelizantes é possível sustentar que a cultura mantém uma interação contínua com outros textos desenvolvidos na cultura.

Buscamos apresentar a teoria da Semiótica da Cultura não como uma teoria restrita ao estudo da cultura, mas sim enquanto reflexão sobre a linguagem e demais sistemas de signos desenvolvidos na cultura. Assim, compreendemos que a Semiótica da Cultura deixa em aberto espaços de discussões e questionamentos e nesse aspecto atua como uma teoria de caráter aplicado que segundo Machado (2003, p.35), é um campo de estudo aplicado, isto é, como uma prática semiótica, pois essa teoria não se propõe em transportar teorias para a análise do objeto. A Semiótica da Cultura deriva teorias do exame das propriedades a partir do próprio objeto. Enquanto uma semiótica aplicada é um exercício de questionamentos.

A sistematização deste capítulo, assim como o anterior, que contempla as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento buscou atingir os objetivos da pesquisa. Com a abordagem da Semiótica da Cultura buscamos alcançar um dos objetivos específicos propostos nesta pesquisa que foi a identificação dos fundamentos teórico-conceituais da Semiótica da cultura.

A seguir apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Basta falarmos de um objeto para nos acreditarmos objetivos. Mas, por nossa primeira escolha, o objeto nos designa mais do que o designamos, e o que julgamos nossos pensamentos fundamentais são amiúdes confidências sobre a juventude do nosso espírito. Às vezes nos maravilhamos diante de um objeto eleito; acumulamos hipóteses e os devaneios; formamos assim convicções que tem a aparência de um saber. Mas a fonte inicial é impura: a evidência primeira não é uma verdade fundamental. De fato a objetividade científica só é possível se inicialmente rompemos com o objeto imediato, se recusamos a sedução da primeira escolha, se detemos e refutamos os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda objetividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contato com o objeto.” (BACHELARD, 1989)

No campo das investigações científicas é necessário ressaltar que a metodologia possui o papel de conduzir a pesquisa levando em conta as exigências científicas (THIOLLENT, 2000, p. 13). A metodologia apresenta-se como o modo de conduzir a pesquisa, isto é, de nortear os pesquisadores a escolher de modo preciso os procedimentos para o desenvolvimento da mesma.

Consideramos que os procedimentos metodológicos podem ser ainda compreendidos como conhecimentos e habilidades os quais são indispensáveis ao pesquisador. Nesse escopo, consideramos que o propósito da metodologia consiste em nortear o pesquisador sobre todo o processo de investigação. Dessa maneira, a metodologia orienta o pesquisador no intuito de capacitá-lo a tomar decisões oportunas, na medida em que este possa selecionar conceitos, hipóteses, assim como o uso de técnicas e dados adequados (THIOLLENT, 2000, p. 25).

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico (DIETRICH, 1999; GIL, 2009, p. 50; LAKATOS; MARCONI, 2008, p. 185), pois reconhecemos que tal abordagem nos permite ter condições de conhecer a literatura com foco no tema da pesquisa, permitindo desse modo identificação e consulta de diversos materiais com enfoque ao tema da pesquisa.

Esta pesquisa é também de natureza qualitativa, pois levamos em consideração o tipo de interpretação dos dados que como diz Gil (2009, p. 178) “o pesquisador precisa ir além da

leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido”. Neste aspecto, entendemos que ao nos direcionarmos a processos de análises e interpretações dos materiais pretendeu-se verificar as aproximações entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Dessa maneira, delineamos uma pesquisa exploratória que em acordo com Gil (2009, p. 27) possui a finalidade em esclarecer sobre um assunto ainda pouco abordado ou até mesmo desconhecido. O aspecto exploratório desta pesquisa se deve aos objetivos da mesma, já descritos em outro momento deste estudo.

O procedimento escolhido para a fase de análise dos dados nesta pesquisa foi a análise de conteúdo. O método de análise de conteúdo consiste, segundo Bardin (2011, p. 48), em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Compreendemos que a análise de conteúdo enquanto método ou conjunto de técnicas permite uma análise diversificada sobre o conteúdo dos materiais. Esta técnica pressupõe processos de inferência sobre o conteúdo analisado seja por um aspecto quantitativo ou não e dessa maneira é responsável pela representação do material analisado e ainda destaca o contexto de produção do seu conteúdo. A análise de conteúdo objetiva tanto a superação de incertezas tendo em vista o julgamento feito sobre o conteúdo analisado assim como da visão de quem está executando a análise. Outro objetivo é propor o enriquecimento da leitura, isto é, ir além das aparências do que está exposto de imediato no conteúdo dos materiais escolhidos para análise.

Após expor os objetivos da análise de conteúdo é necessário ressaltar sobre suas funções. A primeira é a “função heurística” implica na tentativa de explorar o conteúdo para verificar seu resultado. Outra função é a de “administração da prova” são as hipóteses que servem de diretrizes para o método de análise sistemática e desse modo representam a tentativa de confirmação ou não, isto é, “para servir de prova” (BARDIN, 2011, p. 35-36).

Entendemos que a utilização da análise de conteúdo nesta pesquisa expõe o nosso olhar enquanto sujeitos pesquisadores sobre as diversas compreensões de linguagem e cultura no contexto tanto da Organização do Conhecimento como na Semiótica da Cultura. No entanto, não desconsidera demais olhares e deixa em aberto para demais processos de inferência e interpretações.

O método de análise de conteúdo divide-se em três fases: a) *a pré-análise*; b) *exploração do material* e c) *tratamento dos resultados, inferências e interpretações*. A pré-análise consiste na fase de organização cujo objetivo é operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais de modo que seja possível conduzir as demais fases de análise (BARDIN, 2011). A pré-análise constitui na composição do corpus de análise, isto é, a criação do corpus de análise da pesquisa.

No contexto desta pesquisa consideramos o método de análise de conteúdo importante por possibilitar uma análise criteriosa do material selecionado, além de pressupor várias interpretações sobre o conteúdo analisado. Nesse sentido, e com base nos objetivos da pesquisa entendemos que a análise de conteúdo é o método adequado à pesquisa.

No momento de pré-análise, a constituição do corpus de análise é o momento de fazer a escolha dos documentos, delimitar o universo da pesquisa, isto é, de destacar os materiais que iremos estabelecer nossas análises. O corpus desta pesquisa compõe artigos que abarcam o campo da Organização do Conhecimento e a Semiótica da Cultura.

Conforme Bardin (2011, p. 126) o *corpus* representa o conjunto de documentos eleitos para serem submetidos a procedimentos analíticos. A constituição do corpus implica em escolhas seleções e regras. Em atenção a esta etapa houve a necessidade de atentar para algumas regras da análise de conteúdo como, por exemplo, a *exaustividade* (ao definir o campo do *corpus* há a necessidade em considerar todos os elementos desse *corpus*. Esta regra se complementa pela de não *seletividade*, *regra de representatividade* (a análise pode proceder por meio de uma amostra desde que o material possa ser representativo do universo), *regra da homogeneidade* (deve considerar que os documentos devem possuir caráter homogêneo e assim obedecer a critérios precisos de escolha) e a *regra de pertinência*

(os documentos devem ser adequados e reconhecidos enquanto fonte de informação, e desse modo deve corresponder aos objetivos que suscita a análise). Com base no exposto, e baseada nos objetivos e abordagem do problema desta pesquisa consideramos para mesma a *regra da representatividade e regra de precisão*.

Realizamos o levantamento bibliográfico na base de dados EBSCO e na Ergon-Services for ISKO members. A EBSCO é uma base de dados que em conjunto com a EBSCO Information Services fornecem periódicos e livros eletrônicos, bases de dados em texto entre outros serviços relacionados com bibliotecas e organizações de pesquisa. A Ergon é uma editora com sede em Würzburg e fornece serviços para diversas áreas e também contribui com as publicações de membros da Society for Knowledge Organizations - ISKO. A partir disso consultamos os periódicos da Knowledge Organization, Advances in Knowledge Organization e na Sign Systems Studies.

Traçamos alguns critérios para a sistematização do *corpus* teórico desta pesquisa. Os critérios foram: *tema, língua e acesso ao material*. O primeiro critério se refere ao *tema*, isto é, priorizamos pelos materiais que tivessem relação com a temática da pesquisa. Realizamos a leitura dos textos nos quais destacamos os temas como: ética transcultural, hospitalidade/garantia cultural e multilinguismo (temas presentes no núcleo de abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento); linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes (temas discutidos na Semiótica da Cultura). Ressaltamos que a especificação dos textos teve o intuito de auxiliar no tratamento e análise do conteúdo dos textos selecionados. O critério *língua* revela que diante das nossas limitações quanto a compreensão e domínio em demais idiomas foi possível nesta pesquisa apenas a leitura de materiais na língua portuguesa, inglesa e espanhola. No entanto, identificamos uma diversidade de textos em outros idiomas como, por exemplo, o francês, italiano, russo, mas que não fazem parte da análise. Outro critério se refere o *acesso ao material*, tendo em vista que para esse acesso é necessário a disponibilidade dos materiais. Por exemplo, no caso do periódico Sign Systems Studies, o volume um de 1964 até o volume 21 (vinte um) de 1987 não se encontram disponibilizados online apenas é possível seu acesso por assinatura.

O *corpus* teórico desta pesquisa se constitui de dois grupos:

O primeiro possui trabalhos relacionados às abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento tendo como base os artigos disponíveis nos volumes do periódico “Advances in Knowledge Organization”¹⁴ e do “Knowledge Organization (Journal)”¹⁵. A Knowledge Organization é o jornal oficial bimestral da ISKO. Foi fundada em 1973 pela Dra. Ingetraut Dahlberg. Tal revista iniciou suas publicações em 1974 com o título Classificação Internacional. Em 1989, tornou-se o órgão oficial da ISKO e desde 1998 está sendo publicada por Ergon Verlag de Würzburg.

O segundo grupo foi formado pelos artigos do periódico “Sign Systems Studies”¹⁶ uma revista internacional de semiótica e processos sógnicos sobre cultura e natureza, criada em 1964 por Juri Lotman. A revista é considerada o mais antigo periódico internacional de semiótica. Até 1992 a revista foi publicada na língua russa, porém publica recentemente artigos em inglês. Esta revista tornou-se uma instituição central na Semiótica da Cultura. A partir de 1998, a Sign Systems Studies é publicada como uma revista internacional. A revista é publicada regularmente um volume por ano e está indexada nas principais bases de dados científicas. Relativamente a Sign Systems Studies, a escolha se deu primeiramente por ser o periódico mais antigo na área da Semiótica da Cultura existente desde 1964 vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica da Cultura da Universidade de Tártu-Moscou na Estônia. Vale ressaltar que boa parte de seus volumes encontram-se disponíveis com acesso

¹⁴ O período compreendido foi de 2000 a 2012, com os seguintes volumes com artigos selecionados para análise: v.8, 2002; v.10, 2006; v. 11, 2008 e v. 12, 2010. Ressaltamos ainda que não tivemos acesso aos volumes de 1 a 7.

¹⁵ O período compreendido foi de 1993 a 2013, com os seguintes volumes com artigos selecionados para análise: v.20, n. 4, 1993; v.24, n. 2, 1997; v.40, n.2, 1997; v.30, n.2, 2003; v.31, n.1, 2004; v.31, n.3, 2004; v.33, n.1, 2006; v.35, n. 2/3, 2008; v.27, n. 3, 2000 e v.37, n.1, 2010. É importante destacar que tivemos acesso livre aos artigos publicados a partir do ano 2000, por isto foi dado ênfase aos materiais compreendidos neste período com a inclusão de outros artigos fundamentais, os quais foram publicados entre 1993 e 1999.

¹⁶ O período compreendido no levantamento foi de 1998 a 2012, destacando os seguintes volumes com artigos selecionados: v.27, 1999; v.29, n.2, 2001; v.30, n.1, 2002; v. 30, n. 2, 2002; v. 33, n. 1, 2005; v.39, n. 1, 2011; v. 39, n. 2/4, 2011 e v.41, n. 2/3, 2013. Devemos informar que os volumes anteriores a este período não possuem acesso aberto, sendo somente na versão impressa, por isso não foram relacionados no levantamento. Também destacamos novamente que não incluímos os artigos em russo.

via bases de dados como a base EBSCO¹⁷, utilizada por esta pesquisa.

A escolha por este corpus é justificada pelo mesmo contemplar a temática e ainda por reunir materiais considerados significantes tanto na Organização do Conhecimento como na Semiótica da Cultura e que dessa maneira apresentam discussões e reflexões de caráter socioculturais.

Com respeito aos materiais que compõem o corpus, foi realizada a leitura dos resumos (abstracts) e das palavras-chave (keywords) dos textos relacionados ao tema da pesquisa para definir os artigos selecionados. Dos materiais levantados, reunimos um total de 27 (vinte sete) artigos pertencentes aos três periódicos. Após a análise dos textos chegamos a um número de 7 (sete) artigos relevantes para a pesquisa¹⁸.

Ao escolher o método de análise de conteúdo é necessário o estabelecimento de categorias de análise para cada um dos grupos de materiais correspondentes ao *corpus* teórico escolhido à pesquisa. Guiamos-nos por cinco unidades de registro (UR) utilizadas na descrição dos documentos: 1 - Referência; 2 - Termo; 3 - Conceito; 4 - UR(citação); 5 - Observação. As categorias que determinamos com base em dois grupos apresentadas no quadro a seguir.

¹⁷<http://web.b.ebscohost.com.ez87.periodicos.capes.gov.br/ehost/search/basicid=f83f2867-b58e-4ab6-8900-0e219b67d066%40sessionmgr114&vid=3&hid=118>

¹⁸ Ressaltamos que também caberia utilizarmos de uma pesquisa censitária, tendo em vista que toda a população cabe em uma pesquisa exploratória. Ver BARBETTA, Pedro A. Estatística aplicada as ciências sociais. 7. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

GRUPO 1 Abordagens Socioculturais da Organização do Conhecimento	GRUPO 2 Semiótica da Cultura
Ética transcultural	Linguagem
Transculturalismo	Cultura
Garantia cultural	Texto
Hospitalidade cultural	Contexto
Multilinguismo	Tradução
	Sistemas modelizantes

QUADRO 1- Descrição das categorias de análise

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a realização de uma análise de conteúdo foi necessário a exploração do material. Esta fase consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração com base em regras previamente estabelecidas (BARDIN, 2011, p. 131). Cabe na fase de exploração do material a leitura dos textos que o *corpus* de análise da pesquisa. O propósito foi a extração de elementos que subsidiassem tanto a análise como a descrição dos conteúdos relacionados com as unidades de registro (UR) e as categorias utilizadas para a análise de conteúdo.

Para o tratamento dos resultados foi necessário especificar o pólo de análise e as variáveis de inferências selecionadas para análise. Com base em Bardin (2011, p. 165) “A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico da mensagem”. Nesse sentido, as palavras propõem na medida do possível, o distanciamento desse leitor da sua leitura 'aderente' no intuito de conhecer mais sobre o conteúdo do texto.

Os pólos de análise numa análise de conteúdo são destacados por Bardin (2011) e são esses: emissor (produtor da mensagem); o receptor (indivíduo ou grupo); a mensagem (constitui o material); o medium (instrumento, canal, suporte material). No entanto, o pólo de análise escolhido à esta pesquisa foi a mensagem. Neste caso, Bardin (2011) destaca a existência de dois planos: o código (serve como indicador com capacidade de revelar capacidades subjacentes; a significação (consiste no significado). Para as variáveis de inferência sua escolha se deu através das leituras. As categorias estão dispostas nos quadros

que se encontram nos apêndices deste trabalho como mencionado em momentos anteriores.

A partir das leituras foi possível a elaboração de quadros criados para a descrição dos elementos necessários à análise de conteúdo como as categorias e unidades de registro (UR) dos materiais selecionados. Os referidos quadros encontram-se nos apêndices deste trabalho (Apêndices B e C). O próximo capítulo explora os resultados das aproximações entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.

5 UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE SEMIÓTICA DA CULTURA E ABORDAGENS SOCIOCULTURAIS DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

O método de análise de conteúdo utilizado neste trabalho favoreceu o desenvolvimento da análise dos materiais e nos permitiu traçar aproximações entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do conhecimento.

Ao traçar os objetivos buscamos na análise de conteúdo interpretações que correspondessem aos objetivos propostos nesta pesquisa e através desses pudéssemos apresentar algumas contribuições para a Organização do Conhecimento, tendo em vista a necessidade de resgatar sob uma perspectiva sociocultural um olhar abrangente dos profissionais que trabalham com a representação do conhecimento nesse campo.

Nesse escopo os resultados encontram-se ordenados da seguinte forma: No primeiro momento com base nas categorias de análises, e nos materiais utilizados retomamos a discussão das abordagens socioculturais e seus conceitos como também da Semiótica da Cultura e seus conceitos. Nesse percurso outros textos foram acrescentados na discussão, principalmente nas reflexões do campo da Semiótica da Cultura. Em seguida buscamos apresentar uma síntese dos conceitos destacados tanto nas abordagens socioculturais como também dos conceitos da Semiótica da Cultura. Com base nisso é que elaboramos um quadro¹⁹ que descreve sobre as potenciais contribuições da Semiótica da Cultura às abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.

Destacamos que, dos materiais recuperados para a análise os quais reuniram um total de 27 (vinte e sete) textos, apenas 7²⁰ textos fizeram parte da análise. Os materiais selecionados enfatizam o tema da pesquisa, cujo direcionamento encontra-se para concepções de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes discutidas pela Semiótica da Cultura e os conceitos de ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural,

¹⁹ Encontra-se na subseção 5.3 desse trabalho.

²⁰ As referências dos textos utilizados estão apresentadas nos quadros dos apêndices os quais compreendem as categorias de análises das abordagens socioculturais e da Semiótica da Cultura além de constar nas referências do trabalho.

hospitalidade cultural e multilinguismo destacados das Abordagens Socioculturais da Organização do Conhecimento.

Vale destacar que o levantamento feito nos auxiliou na configuração da análise por dispor de materiais cujo conteúdo apresentasse aproximações com a discussão proposta neste estudo. Os conceitos escolhidos tanto das abordagens socioculturais como da Semiótica da Cultura se justificam pelo foco das discussões, isto é, destacam aspectos culturais e linguísticos que consideramos necessários para a organização e representação do conhecimento.

Dessa maneira, consideramos que o campo da Organização do Conhecimento, mais precisamente a linha de investigação que reúne os estudos dos aspectos socioculturais do conhecimento, pode ser analisado em conjunto com a abordagem da linguagem por meio da Semiótica da Cultura.

Este estudo buscou contribuir com a compreensão de algumas concepções como, por exemplo, de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes, na intenção de fornecer possíveis diálogos com a Organização do Conhecimento, mais precisamente com as discussões que envolvem as abordagens socioculturais desse campo.

Considerando que diante das relações entre algumas perspectivas culturais defendidas nesses dois campos de estudo objetivou-se apresentar aproximações e diálogos entre as abordagens socioculturais do campo da Organização do Conhecimento e a Semiótica da Cultura. Buscamos ênfase nas concepções de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução, com destaque na denominação “tradução da tradição,” e sistemas modelizantes como elementos norteadores para que pudéssemos verificar as aproximações entre as duas linhas interpretativas.

Nesse escopo, presumimos que no domínio das discussões traçadas pela Semiótica da Cultura há elementos como a concepção de linguagem, cultura, tradução, texto, contexto e sistemas modelizantes os quais são visualizados como elementos com potencialidade de diálogos, isto é, podem ser agregados e favorecer aproximações de ordem, teórico-conceitual, com o campo da Organização do Conhecimento.

Contudo, objetivamos apresentar os resultados por meio do conteúdo analisado e também pelas categorias selecionadas as quais se encontram nos apêndices do trabalho. As categorias escolhidas foram: apêndice b - ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural, hospitalidade cultural e multilinguismo; apêndice c – linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes que visam contemplar não somente diálogos entre a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais, mas também nos permitem identificar as aproximações entre as ideias dos autores que representam as investigações socioculturais na Organização do Conhecimento.

Para a efetivação desta fase de apresentação dos resultados tomamos como base as fichas de análise em que estão dispostas as categorias. As categorias serviram como instrumentos orientadores para esta pesquisa, e contribuíram com desenvolvimento da análise. Vale ressaltar que as observações apresentadas em cada uma das categorias tomaram como base a leitura e compreensão sobre os conteúdos selecionados à esta análise.

Os 7 (sete) artigos utilizados na análise foram importantes para a análise pela ênfase nas questões da diversidade cultural e linguística discutidas na Organização do Conhecimento. Desse modo, contribuíram com as perspectivas de discussões voltadas as abordagens socioculturais e a Semiótica da Cultura, tendo em vista os possíveis diálogos.

Visando a possibilidade de diálogo entre as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento com a Semiótica da Cultura, tratou-se de apresentar as concepções dadas a alguns desses elementos de interseção sobre os quais se buscou aproximações. Assim, iniciamos pelas abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e posteriormente a exposição dos conceitos da Semiótica da Cultura.

Nesse sentido, retomamos brevemente alguns conceitos os quais deram margem para a escolha da temática desta pesquisa e se relacionam às categorias analisadas. Dos conceitos apresentados, o primeiro grupo foi considerado como forma de representar as investigações socioculturais da Organização do Conhecimento e o segundo grupo representa por um viés da Semiótica da Cultura os conceitos destacados por esse campo.

5.1 Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento

As abordagens socioculturais são consideradas como um núcleo de estudo que, no âmbito da Organização do Conhecimento reúne investigações com perspectivas socioculturais e propõem diversas reflexões as quais retomam os aspectos éticos, políticos, linguísticos e socioculturais nos processos de representação do conhecimento.

Os conceitos: ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural, hospitalidade cultural e multilinguismo foram selecionados, primeiro por identificarmos que estes apresentam uma relação entre si, e destacam nas suas discussões sob o aspecto sociocultural da representação no campo da Organização do Conhecimento. Também, entendemos que estes conceitos podem ser interpretados tendo em vista a contribuição de algumas das concepções da Semiótica da Cultura.

Tais conceitos são apresentados em sequência, e ao fim buscamos a construção de um quadro que busca sintetizar os conceitos discutidos em cada um dos campos investigados.

5.1.1 *Ética transcultural*

O primeiro conceito que retomamos neste momento corresponde à concepção da “ética transcultural da mediação” de Antônio García Gutiérrez. No entanto, utilizamos apenas a expressão “ética transcultural” para ressaltar esta categoria de análise e isso não implica a desconsideração do termo “mediação”, pois este se encontra imbuído na discussão da ética transcultural, sobretudo por representar atenção quanto à postura ética com foco na prática e/ou ação do profissional e suas tomadas de decisões nos processos de representação do conhecimento. Desse modo, consideramos que o conceito “ética transcultural”, como apresentamos consegue representar a proposta de García Gutiérrez nas abordagens socioculturais.

A ética transcultural condiz em um tratamento transcultural à representação do conhecimento. Assim, a noção da ética transcultural busca refletir a complexidade existente nas culturas e permite considerar a diversidade de elementos culturais que de forma direta ou

indireta estão imbuídos em processos de representação do conhecimento.

A abordagem de uma ética transcultural encontra-se relacionada com a temática da “epistemografia interativa” também discutida por Antônio García Gutiérrez. A epistemografia interativa consiste em uma proposta de abordagem crítica que se opõe à epistemologia em seu caráter tradicional, a qual destaca o conhecimento em um plano ordenado e elitista como entendido pelo autor. Nesse sentido, a epistemografia interativa visa a consideração e a integração de elementos éticos, culturais e políticos no conhecimento à sua organização. (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1998, 2002, 2004, 2005, 2006).

A epistemografia interativa é assim denominada por García Gutiérrez (2006) como um novo paradigma cujo propósito é introduzir reflexões que abarquem uma dimensão ética, política e sociocultural a uma organização e representação de um conhecimento. Compreendemos que tal proposta busca também introduzir na prática do profissional mediador uma visão alargada, isto é, transcultural sobre questões de ordem sociocultural, o que implica em uma consciência frente ao que será representado, sem deixar escapar uma consciência ética sobre os aspectos que caracterizam a pluralidade cultural em diversos contextos das comunidades.

A discussão da epistemografia interativa retoma também às Linguagens Epistemográficas de García Gutiérrez (1998) destacada em estudos como de Vogel (2007, p.111) que contempla o tema das linguagens documentárias. As linguagens epistemográficas são consideradas linguagens associativas cujo objetivo é a representação plural de elementos como culturas e línguas diversas.

Em nosso entendimento, a linguagem epistemográfica visa ainda uma prática consciente por parte do profissional, mediante o auxílio aos usuários como também na representação dos diversos conteúdos informacionais. Desse modo, em acordo com García Gutiérrez (2004, p. 18) consideramos que a linguagem codifica o pensamento e isso implica considerarmos que

O organizador do conhecimento tão pouco escapa de mecanismos estéticos, emotivos, passionais e cognitivos que se impõem sobre sua formação

técnica, habitualmente isenta da capacitação metacognitiva, e se superpõem sobre boa parte de suas práticas (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2004, p.51).

Compreendemos que em um processo de organização e representação do conhecimento o profissional, mediador, como queiram denominar, não é um sujeito omissor, e por isso no domínio de suas decisões e escolhas para a representação este carrega consigo valores, crenças, os quais estão imbuídos na própria linguagem natural da qual os profissionais possuem.

À noção de linguagem, esta se relaciona a perspectiva de García Gutiérrez (2006), sobre as linguagens epistemográficas, sendo estas entendidas como sinônimos das linguagens documentais. Nesse aspecto, as linguagens epistemográficas são linguagens associativas com base em estruturas de organização, mas que em sua representação visam ultrapassar tais estruturas, tornando-se um instrumento complexo de representação.

Segundo García Gutiérrez (1998) as linguagens epistemográficas possuem duas funções: a normalização do vocabulário e a sugestão de alternativas na representação de informações. Vale ressaltar que o nome linguagem epistemográfica foi cuidadosamente escolhido para representar todo esse mundo de convergência. Por um lado, inspirada pelo adjetivo expressivo de 'Epistemologia prática' de Gardin, que reflete tanto seus métodos de construção assim como suas áreas de aplicação. A epistemografia envolve uma representação formalizada com fins documentais em uma base de conhecimento (com recuperação de informação), de uma construção cognitiva (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1998, p. 15).

Dessa maneira, entendemos que as linguagens epistemográficas consistem em instrumentos de representações cognitivas processadas a partir de construções lógico-semânticas e discursivas. As linguagens epistemográficas compartilham de uma base léxica se aproximando da linguagem natural, o que propõe superar a redução da língua e ainda permitir o uso de substantivos, adjetivos etc., em busca de introduzir no instrumento de representação um caráter transcultural que garanta o respeito frente às questões socioculturais como as de caráter étnico, de gênero entre outras.

Com respaldo às questões linguísticas, o conceito da ética transcultural também se

aproxima da abordagem multilíngue, esta que mais adiante será destacada. Desse modo, nos direciona às investigações sobre os tesouros multilíngues. Compreendemos que tal aproximação se deve pela atenção às questões da diversidade linguística e cultural, assim como da questão das barreiras linguísticas, isto é, das dificuldades de compreensão e acesso de informações causadas por limitações não somente geográficas, mas de interesses políticos e econômicos.

Consideramos que a ética transcultural relaciona-se a um tratamento transcultural à representação de um determinado conhecimento, isto é, deve-se considerar a diversidade de elementos complexos (éticos, políticos, linguísticos, históricos e socioculturais) que estão imbuídos nas culturas/contextos das comunidades/usuários e, dessa maneira, necessita ser contemplados na representação do conhecimento.

Podemos dizer que a noção de uma ética transcultural busca propor um olhar aberto sobre a cultura no que correspondem as investigações socioculturais no campo da Organização do Conhecimento.

Guimarães et al. (2005) compreendem que a ética transcultural como um fundamento, não somente implica em uma desconstrução do campo teórico da Organização do Conhecimento, mas pressupõe possibilidades de surgimento de um novo paradigma que se mostra capaz de garantir o suporte necessário para a emergência de novas construções. A ética transcultural surge como uma proposta teórica no contexto da Organização do Conhecimento, tento em vista a compreensão de cultura.

A ética transcultural nos direciona para reflexão sobre o conceito de transculturalismo que não se encontra deslocado dessa abordagem. A noção de transculturalismo é mencionada também nas abordagens da ética transcultural de García Gutiérrez, com a qual é possível analisar a transculturalidade em diversas culturas, isto é, permite entender a cultura como um sistema aberto, dialógico e dinâmico, propondo nesse sentido, uma análise crítica sobre a ideia de multiculturalismo.

É necessário destacar que tal análise passa a enxergar o multiculturalismo não em seu sentido múltiplo de diversidades culturais e étnicas, mas um multiculturalismo que

compartilha de ideias e posições conservadoras e preconceituosas. Na esteira dessa discussão e refletindo dessa forma sobre os sistemas de organização e representação do conhecimento, Garcia Gutiérrez propõe um conceito que supere a noção de multiculturalismo. Desse modo, defende a necessidade de uma mudança de paradigma proposta por meio do conceito de transculturalismo.

Em síntese a ética transcultural é um conceito que provoca uma reflexão no âmbito da Organização do Conhecimento e das abordagens socioculturais. A questão da diversidade cultural, isto é, da fusão cultural, que busca compreender a cultura em um plano mais abrangente, sem priorizar particularidades culturais. Nesse sentido a cultura é vista como um campo híbrido que ao mesmo tempo destaca suas mais diversas peculiaridades simbólicas.

5.1.2 *Transculturalismo*

O transculturalismo é uma proposta de fusão cultural, isto é, considera a mistura de diversas culturas e sua dinâmica na contemporaneidade. Antônio García Gutiérrez (2002a, 2004) considera que o transculturalismo propõe um olhar crítico e transversal sobre os fenômenos culturais, considerando a dinâmica de construção de conhecimento a partir dos contextos culturais.

O transculturalismo apresenta uma distinção com a noção de multiculturalismo. Multiculturalismo remete a questão das diferenças culturais com base em questões étnicas, raciais, de religião, etc. O transculturalismo permite um olhar crítico sobre a ideia de multiculturalismo, pois se posiciona contra uma perspectiva fragmentada e demarcacionista como no caso do multiculturalismo, visto como uma medida de demarcação de território a partir de categorizações étnicas, raciais e culturais e com interesses políticos.

O conceito de transculturalismo tem sua reflexão guiada sobre uma crítica do multiculturalismo, e assim discute que a representação das culturas deve ocorrer a partir de modo que suas diferenças, características ultrapassem o local e alcancem desse modo uma representação global. Na perspectiva do transculturalismo, García Gutiérrez (2004) considera

a cultura como um sistema aberto e dinâmico, e por isso não se deve pensá-la como zonas circunscritas.

Vale ressaltar que o multiculturalismo se trata de um conceito com vastas interpretações como, por exemplo, no âmbito das ciências de modo geral e não é diferente nas ciências sociais aplicadas. No entanto, a transculturalidade, evidenciada por García Gutiérrez (2004), demonstra também sua posição sobre a concepção de cultura que envolve uma diversidade de elementos como, por exemplo, raça e etnia. O multiculturalismo demonstra sua “herança semântica” perigosa na qual se mantém, por exemplo, o conceito de raça como forma de respeito ao que é denominado multirracial. O transculturalismo ao contrário do multiculturalismo valoriza não uma diversidade cultural, mas a hibridez cultural destacando que a ideia do transculturalismo pode possibilitar um acesso aberto à cultura sem restrições.

Na análise do autor, o tratamento multiculturalista feito para a questão da raça não ocorre apenas com o intuito de identificação de uma determinada raça, mas, sobretudo para manter um conceito inútil de raça que acaba por ocultar interesses sociais, econômico e de poder. Tais categorizações feitas no âmbito de discussões multiculturais destacam o fenômeno do “preconceito”.

Para exemplificar esse tipo de tratamento multicultural podemos dizer que, quando nos reportamos ao termo “remanescentes quilombolas”, para nos referir a comunidades, grupos de indivíduos que caracterizam a cultura dos quilombos,²¹ em uma determinada região do Brasil, estamos inconscientemente reforçando interesses econômicos e políticos de um período de opressão sem necessariamente buscar entender o quê, quais os motivos e intenções para tal expressão.

Tal expressão retoma, em algumas situações, um significado pejorativo de “restos” e “sobras” de uma cultura, quando deveríamos refletir com mais precisão o sentido da

²¹ O termo corresponde a comunidades, que durante o período da escravidão no Brasil, séculos (XVII e XVIII) concentrou centenas de famílias (escravos refugiados) e assim constituíram diversas comunidades quilombolas por várias regiões no Brasil. Segundo Dicionário de Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009, p. 1679), a palavra quilombo tem origem Angola e quer dizer “esconderijo, aldeia, cidades ou conjunto de povoações em que se abrigavam escravos fugidos”.

expressão a partir do próprio grupo/comunidade, pois é necessário entender que a expressão quilombo identifica um determinado grupo e dessa maneira é a expressão de uma cultura representada por diversas comunidades em várias regiões do Brasil.

De modo geral o conceito de transculturalismo discutido por García Gutiérrez, enfatiza que a noção de multiculturalismo se mostra frágil diante da compreensão de cultura. Para tanto, o autor deixa evidente com essa proposta transcultural que antes de propor categorizações sobre elementos culturais, é necessário entender a cultura como um sistema aberto com capacidade de interação e que não se trata de algo limitado frente uma análise reducionista. A cultura apresenta-se dinâmica tanto no aspecto da sua memória como de sua capacidade de gerar conhecimentos.

De modo específico, o conceito de transculturalismo incita um olhar que parte do local para o global, e dessa maneira propõe repensar as formas de representação da cultura e de seu contexto. Nesse sentido, é necessário conhecer as comunidades para que tal olhar possa ser materializado no momento do tratamento da informação e da representação.

O conceito de transculturalismo caminha junto à noção de uma garantia cultural e também da hospitalidade cultural, desde o instante em que explicita sua atenção para o caráter ético da representação, assim como considera as questões culturais e linguísticas das comunidades.

5.1.3 Garantia Cultural

A concepção de garantia cultural proposta por Clare Beghtol possui uma preocupação de caráter ético sobre os sistemas de classificação e representação do conhecimento. A garantia cultural implica na reflexão crítica sobre os conteúdos informacionais representados, ou ainda aqueles sujeitos à representação.

Vale relembrar que o termo garantia cultural deriva de “garantia literária”, destacada por Hulme (1911). A garantia cultural requer que cada sistema de classificação como, por exemplo, CDU, represente certa cultura, independente que esta seja a cultura de um país, ou

alguma unidade social menor como, por exemplo, uma etnia, um grupo, um domínio de artes, um partido político, uma religião e/ou língua (BEGHTOL, 1986, 2001). O cuidado para com a integração de uma diversidade de culturas demonstra o quão a proposta de garantia cultural pode tornar complexas as discussões no âmbito dos processos e sistemas de organização e representação do conhecimento.

Beghtol (2002) afirma que representar e organizar não consistem em processos simples. Nesse sentido, a garantia cultural está voltada necessariamente para questões do acesso do conteúdo. A garantia cultural promove este acesso a partir do reconhecimento das diversas culturas mediante procedimentos de representação que primem por um tratamento ético dos conteúdos culturais.

Um ponto que chama a atenção na discussão da garantia cultural é justamente o cuidado com o qual trata alguns conceitos para sua reflexão sobre a garantia cultural. Portanto, Beghtol estende a análise para o entendimento de determinados conceitos como, por exemplo, globalização e cultura. Sobre a globalização, a autora sustenta que este conceito retoma a questão das tecnologias de informação, assim como seu desenvolvimento e velocidade em regimes capitalistas.

Em atenção ao conceito de cultura, destaca a análise transdisciplinar por reconhecer que a ideia de cultura é parte de uma diversidade de elementos que retratam a história, os valores, as línguas, práticas sociais, a memória coletiva, etc. Nesse sentido, Beghtol apresenta sua preocupação não apenas com o conceito de cultura, mas também com a dimensão que este sugere quando do tratamento deste e de demais elementos que devem ser considerados no momento de uma representação.

A noção de garantia cultural se torna relevante por provocar reflexões em torno das questões socioculturais, pois não podemos pensar em representação sem antes atentarmos para a diversidade de culturas, linguagens e contextos das comunidades.

Por meio da garantia cultural é possível considerar que a cultura não possui carácter estático. A cultura possui peculiaridades simbólicas, linguísticas, valores que compartilham de crenças. Em sua essência entende-se que a cultura é dinâmica transformadora e ao mesmo

tempo em que cria conhecimentos ela transforma-os. Estas características da cultura que devemos atentar ao buscar estabelecer sistemas de organização e representação do conhecimento.

Nesse escopo, entendemos que a garantia cultural permite tanto o olhar transcultural como prevê que os indivíduos pertencentes a culturas distintas tenham acesso a informações diversas. Em outras palavras, entende-se que os indivíduos precisam enxergar eles próprios a partir das representações feitas sobre suas culturas e contextos.

A garantia cultural destaca que toda cultura é constituída por diversos elementos e estes devem ser reconhecidos principalmente quando buscamos organizar e representar as culturas das comunidades, os seus contextos.

5.1.4 Hospitalidade cultural

O conceito de hospitalidade cultural retoma a discussão da garantia cultural. A hospitalidade cultural, nesse sentido, surge em reforço da noção de garantia cultural e se estende a uma reflexão que preze por uma dimensão ética, respeitando a diversidade cultural e linguística em consideração aos contextos culturais. A garantia cultural é um conceito que prevê uma garantia de acesso de informações, enquanto que a hospitalidade cultural está para o cuidado com a diversidade cultural e também linguística tendo em vista a recepção de informações sobre diversos contextos culturais de comunidades.

O conceito de hospitalidade se estabeleceu como uma das capacidades que possui uma notação de admitir novos conceitos de forma adequada e para acomodá-los nas relações corretas com outros conceitos. Ainda, tal conceito possui o ideal de fornecer um método para avaliar a aceitabilidade de provisões feitas em sistemas de organização do conhecimento para diferentes culturas, em qualquer nível da sociedade que essas culturas possam estar. (BEGHTOL, 2002, p.47)

Nesse contexto, o conceito de hospitalidade cultural busca uma garantia cultural sobre as diversas culturas, em respeito de suas particularidades, éticas, linguísticas e simbólicas. Com base nisso, retomamos ao conceito de ética transcultural e de transculturalismo. Tais

conceitos enfatizam sobre uma análise da cultura, isto é, da dinâmica cultural que permitam a organização e a representação do conhecimento.

Desse modo, não podemos deixar de reconhecer que na configuração de um determinado sistema de organização e representação é necessária atenção às questões culturais, ou melhor, as diferenças culturais. Conforme Smith (2001, p. 534), “[...] as diferenças culturais formam os modos com os quais as pessoas se relacionam com a informação e o seu papel na sociedade.” As diferenças culturais evidenciam cada vez mais a dimensão cultural que os indivíduos em suas comunidades e contextos possuem e, dessa maneira, estabelecem interações.

Beghtol (2002, p. 518) ressalta que o conceito de hospitalidade cultural deve permitir a escolha pessoal e comunitária, portanto, parece ser um termo útil e uma base conceitual adequada para o quadro teórico da garantia cultural que podem auxiliar os sistemas de organização e representação do conhecimento.

Portanto, retomamos a noção de multilinguismo vinculado às questões éticas, transculturais, de garantia e hospitalidade.

5.1.5 Multilinguismo

O multilinguismo é um termo que corresponde ao domínio sobre diversas línguas. Na esteira da discussão sobre o enfoque multilíngue, mencionaremos o conceito de multilinguismo que destaca as reflexões dos tesouros multilíngues propostas nos estudos de Michèle Hudon. O multilinguismo²² destaca a diversidade de línguas e de culturas que devem ser reconhecidos nos processos de representação.

De acordo com a proposta dos tesouros multilíngues retomamos a questão exposta por Hudon (1999), que considera a língua como um dos fatores que influenciam as propostas científicas, culturais e de negócios. Nesse contexto há a predominância da língua

²² “Diz-se que um indivíduo é multilíngüe (bi, trilingüe...) se domina várias línguas [...]”(DUCROT; TODOROV, 1988, p. 67).

correspondente de uma nação dominante. Desse modo, os interesses das autoridades se apoiados e disponibilizados em uma língua que predomina política e economicamente e que, em geral, não é compreensível pelos demais sujeitos.

Hudon (1997.p. 84) ressalta que há uma dimensão cultural definida para o processo de elaboração dos tesouros multilingues. Nesse sentido, eles podem posteriormente se tornar mais apropriados para se referir a tesouros multiculturais; ao invés de tesouros multilingues. Há também uma dimensão política para a construção de tesouros multilingues, especialmente ao lidar com línguas que não se apresentam contextualmente, com o mesmo prestígio, isto é, que apresentam uma condição superior a demais línguas.

Para tanto, entende-se que os tesouros multilingues visam um tratamento igualitário entre as línguas. Nesse aspecto, buscam contemplar a questão da diversidade linguística e destacam-se por possibilitar um tratamento ético quanto os demais instrumentos de representação. Tal proposta reflete também na possibilidade de conexão entre várias línguas.

Além de refletir e sugerir instrumentos que conectem e facilitem a comunicação entre culturas e línguas distintas, Hudon (1999) menciona que no contexto das tecnologias de informação têm-se conseqüentemente o aumento do fluxo informacional. Nesse sentido evidencia-se também as barreiras geográficas as quais já se encontram de algum modo superadas pela dinâmica das tecnologias de informação, porém outra também ainda necessita ser enfrentada: as barreiras linguísticas.

Vale ressaltar que os tesouros multilingues possuem a intenção em servir principalmente como indexação, como instrumentos auxiliares na recuperação em sistemas de informação multilingues, ou seja, sistemas de informação com o domínio em diversas línguas. A disposição de um tesouro multilingue permite que os documentos sejam indexados em uma ou em várias línguas dispostas em um centro de informação. Nesse sentido, as buscas podem ser realizadas em diversos idiomas, na maioria das vezes utilizando uma linguagem do usuário. Tal instrumento pressupõe a conexão entre diversas culturas e busca facilitar a “comunicação interlinguística” (HUDON, 1997. p.85).

A partir dessa breve apresentação buscou-se resumir as ideias dos autores que

contemplam as abordagens socioculturais, com base nos conceitos apresentados pelos mesmos. O propósito foi destacar que os conceitos, embora se alarguem nas suas discussões no campo da Organização do Conhecimento, conseguem estabelecer conexões entre si. Assim, destacamos interações percebidas entre os conceitos, as quais ao nosso olhar representam diálogos comuns que caracterizam as abordagens dos autores direcionadas á questões de ordem sociocultural no âmbito da Organização do Conhecimento.

A partir das leituras realizadas identificamos conexões entre as investigações dos autores apresentados. Notou-se a partir dos próprios conceitos utilizados, que retomam à uma reflexão crítica sobre as questões socioculturais. Na tentativa de expor essas conexões elaborou-se um quadro no qual representamos a síntese dos conceitos das abordagens socioculturais, tendo em vista as suas aproximações com os autores e suas respectivas abordagens de estudos.

O quadro a seguir possui o objetivo de sintetizar em uma linha horizontal na qual estão dispostas respectivamente as interpretações sobre os conceitos de ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural, hospitalidade cultural e multilinguismo.

Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento	
Conceitos	Síntese
Ética transcultural	É uma proposta conceitual que busca agregar elementos éticos, políticos e socioculturais nos processos de organização e representação do conhecimento.
Transculturalismo	Reforça sobre a diversidade cultural, mas também da fusão entre culturas. Nesse aspecto, se opõe a perspectiva do multiculturalismo.
Garantia Cultural	Consiste na proposta de uma garantia de acesso ao conhecimento e desse modo considera os valores, as línguas e as crenças de diversas culturas e comunidades.
Hospitalidade Cultural	Prevê, necessariamente, além da garantia de acesso à informação, a recepção dos conteúdos culturais representados.
Multilinguismo	Refere-se ao domínio de várias línguas.

QUADRO 2 – Conceitos das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento

Fonte: Elaborado pela autora

De modo geral, em cada linha em que se concentram as propostas investigativas dos autores é possível perceber que as propostas se conectam e por consequência se complementam. Ao finalizar sobre as abordagens socioculturais seguiremos com o resgate dos conceitos de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes.

5.2 Conceitos da Semiótica da Cultura

Esta seção busca retomar as concepções de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes apresentados na Semiótica da Cultura. Selecionamos estes conceitos por consideramos necessários para a proposta da pesquisa.

Neste segundo grupo, apresentou-se as noções de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes expondo alguns dos inúmeros autores os quais colaboraram

ao desenvolvimento das discussões sobre linguagem e cultura direcionadas pelo campo da Semiótica da Cultura, como por exemplo, Uspenski, Jakobson, Bakhtin, Saussure, entre outros. No entanto nos focamos para as análises de Lotman e alguns de seus comentadores como é o caso de Peeter Torop e Irene Machado, que por estes foi possível entendermos a ideia proposta por Lotman nas abordagens da Semiótica da Cultura.

5.2.1 Linguagem

A linguagem na Semiótica da Cultura consiste em qualquer sistema de signos que sirva de veículo para a comunicação, assim como para a produção de cultura em seu sentido amplo (MACHADO, 2007, p. 28).

Considera-se a linguagem como elemento primordial para representação de um determinado contexto em que passa a atuar como potencializadora da cultura. Dessa maneira também se considera a linguagem um elemento definidor do conhecimento, pois partimos da questão de que sem linguagem não é possível criar e comunicar conhecimento.

No universo da semiosfera para explicar linguagem precisa-se da própria linguagem, assim como um signo necessita ser explicitado por outro signo (MACHADO, 2007). A linguagem é também um dispositivo dialógico utilizada pelos sujeitos em virtude do estabelecimento de interações. Lotman (2011) em seu artigo “*The place of art among other modelling systems*” afirma que a linguagem ocorre no espaço da semiosfera não apenas em substâncias materiais (objetos tangíveis). A linguagem pode apresentar-se por meios cinéticos. Em outro artigo, “*On the semiosphere*” (2005) o autor acrescenta que sem semiosfera uma linguagem não só não funciona, como nem sequer existe.

Segundo Torop (2005, p.166), a abordagem de linguagem que se evidencia na Semiótica da Cultura, é resultante de uma ampliação da concepção de linguagem verbal discutida por Jakobson (1985)²³. Assim, para a escola fundadora da Semiótica da Cultura,

²³ JAKOBSON, R. Metalanguage as a linguistic problem. In: Jakobson, R. Selected Writings. v. 7. p. 113–12. The Hague: Mouton, 1985.

como para os integrantes da Escola de Tártu-Moscou, a linguagem verbal passa a configurar-se como um sistema de nível primário (seria a própria língua).

No entanto, entende-se que as demais formas de linguagens da cultura só podem ser analisadas de um ponto de vista teórico, por meio de uma estruturalidade, isto é, por um princípio organizador com base numa língua, mas que não chega a ser a única forma para análise da linguagem, porém torna-se relevante por possuir uma organização do sistema (MACHADO, 2007, p. 28).

Assim, as linguagens no sentido da Semiótica da Cultura podem ser compreendidas como sistemas modelizantes. Os sistemas modelizantes são “sistemas relacionais constituídos por elementos e por regras combinatórias no sentido de criar uma estruturalidade que se define, assim como uma fonte ou um modelo” (MACHADO, 2003, p. 167).

Em suma, a linguagem de um ponto de vista da Semiótica da Cultura é um dispositivo que se expressa por signos que não possuem necessariamente uma relação direta com os signos linguísticos, mas estes são relevantes para a expressão dos signos de caráter não linguístico. Em análise disso, a língua como uma instituição social (SAUSSURE, 1970), deve ser considerada, pois esta possibilita a construção e o desenvolvimento das linguagens.

A linguagem é uma forma de comunicação e organização do conhecimento humano. A linguagem, independente de sua unidade expressiva (seja por meio de palavras, de sons ou até imagens) é um sistema de símbolos. Nesse sentido, a linguagem permite que as relações humanas sejam objetivadas. Tais relações são estabelecidas por uma ordem social, isto é, se baseiam nas necessidades humanas da relação uns com os outros e, desse modo, a linguagem acaba por anteceder a ação comunicativa (CALEFO, 2009, p. 71-72).

A linguagem em um sentido dinâmico e expressão híbrida, principalmente se observada por uma perspectiva dialógica e de domínio sociocultural. Sobre tal perspectiva recordamos Bakhtin (2004), em sua obra “Marxismo e filosofia da linguagem” em que apresenta a linguagem como uma entidade, um signo ideológico-social, o qual compartilha um processo de interação social e acaba por refratar determinadas realidades.

Linguagem é compreendida como sistema simbólico que promove a comunicação.

Dessa maneira, a comunicação pode partir por meio da palavra expressa na língua utilizada em cada realidade²⁴, isto é, evidenciada em um determinado contexto trabalhando a língua materna, o idioma reconhecido pelos sujeitos por gestos e sons os quais implicam no modo dos indivíduos enxergarem a realidade.

Todo e qualquer elemento simbólico utilizado pelo homem é decorrente de uma necessidade de interação, de comunicação, isto é, requer o relacionamento com os outros. Por isso ressaltamos a função da linguagem no sentido da Semiótica da Cultura. Portanto, no sentido de comunicação, a linguagem acontece a partir do diálogo entre os sujeitos e das interações socioculturais estabelecidas entre grupos.

É por meio da linguagem que construímos o cotidiano, na medida em que dispomos uma interpretação da realidade. Assim, como a linguagem significa e ganha sentido na construção do conhecimento, o contexto e a cultura, e todos os seus processos de tradução e criação de textos, atuam como transformador das linguagens. Nesse sentido, tanto os aspectos socioculturais da linguagem, e dos textos, como o conhecimento implicam numa construção dinâmica e inacabada.

De outro modo podemos dizer que também ocorre de maneira espontânea, mas é preciso que haja correspondência de ambas as partes para que a comunicação aconteça. Pois, o homem por si só é um conjunto complexo de linguagens, e sua interpretação se dá pelo outro e decorre do espaço sociocultural em que este faz parte, e depende da compreensão de elementos culturais que interferem na configuração de um conhecimento através da interpretação das linguagens.

Em suma, a linguagem é a expressão da cultura, assim como dos textos produzidos na mesma. No sentido da Semiótica da Cultura, a linguagem é uma forma de expressão ampla que não se restringe apenas a expressão de signos linguísticos, mas por uma diversidade de signos, seja pela arte, por imagem, por um som, entre outros.

²⁴ Sobre a compreensão de língua enquanto uma forma de expressão da linguagem explicitada por meio da palavra, do idioma, ver a obra de FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007.

5.2.2 *Cultura*

Outro elemento em destaque na Semiótica da Cultura é a concepção de cultura como um “conjunto de informações não hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem” (SCHNAIDERMAN, 2010, p. 31). A cultura em seu aspecto funcional é acumulativa, pois organiza as informações, possui a função de conservar, preservar tradições e possibilita a construção do conhecimento.

A cultura é entendida como um texto de ampla complexificação. É definida também como o espaço semiótico em constante transição dos signos culturais que interagem por meio de linguagens. A Cultura seria a “memória coletiva não-hereditária [...]”. Para a semiótica, a cultura é um conjunto de informações não-hereditárias que são armazenadas e transmitidas por grupos em domínios diferenciados de manifestação da vida” (MACHADO, 2003, p. 157).

De modo geral, a cultura é algo peculiar ao homo sapiens, como discorre Barát (2008, p. 92). Sobre isso a autora continua afirmando que a cultura é própria do homo sapiens, justamente pelo uso de objetos materiais usados como parte integrante do seu comportamento. A cultura compreende a linguagem, ideias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, técnicas, obras de arte, rituais, cerimônias, entre outros elementos.

A cultura é tanto homogeneidade como heterogeneidade. De todo modo, a cultura possui uma complexidade de definição, mas é percebida como um sistema complexo em que interage linguagens, textos, códigos e uma diversidade de símbolos. De acordo com Torop (2002), a cultura tem seus próprios sistemas de signos ou linguagens com base no que comunicam seus membros. Assim, uma possibilidade para entender uma cultura é aprender suas linguagens. As línguas da cultura tendem a mudar e os seus sinais são ambíguos. Outra possibilidade é se aproximar da cultura através de eventos e textos que ligam diferentes sistemas de signos, mas tem um significado geral ou tema que pode ser descrito.

A cultura também pode ser percebida como um processo e entendida como tal, a cultura encontrar-se-á sempre em constante transformação resultante das relações entre os indivíduos e suas necessidades humanas de relação e interações. Como afirmou Lotman

(1999, p.109 tradução nossa) “A cultura em seu conjunto pode ser considerada como um texto”. Ao considerar a cultura como texto, ao mesmo tempo afirmamos que, os textos são produções dinâmicas e dependem de uma cultura, uma língua e das linguagens, assim como do contexto para que sejam compreendidos.

A cultura como um processo dialógico e interpretativo em que o conhecimento humano encontra condições de ser construído e aprimorado; o que vai depender dos interesses, tanto dos indivíduos como dos interesses políticos, sociais e econômicos, os quais estão de modo direto ou indireto imbricados nas diversas culturas.

A cultura é um elemento dinâmico, dialógico. Também consideramos a cultura um sistema aberto e desse modo, nos faz refletir não apenas nas linguagens enquanto expressões definidas por uma cultura, mas nos permite também considerar outros elementos como texto, contexto, tradução, enquanto um processo interpretativo, como parte constitutiva de toda e qualquer cultura. A seguir retomamos a uma breve noção de texto.

5.2.3 Texto

O texto consiste em um elemento semiótico criado com linguagens diversas, isto é, são construídos e expressados a partir da conceptualização de linguagens. Nesse sentido, possui caráter dinâmico e busca ser a representação de uma cultura. O texto é produto da cultura e pode ser algo materializado ou não. O texto, do ponto de vista da Semiótica da Cultura é uma obra de arte, assim como é também uma música, um romance desde que transmita mensagens.

Com base nessa perspectiva podemos dizer que o texto implica uma construção individual e coletiva, no instante em se põe à análise e interpretações. Tal texto se estende para a criação de diversos novos textos que ocorre na medida em que um texto, como por exemplo, uma obra de arte é interpretada por sujeitos distintos. Lotman (1999) considera que um texto pode ser construído dentro de outro texto, e tal construção evidencia um mecanismo de interpretação que envolve o autor do texto “original” e o leitor do mesmo.

Diante disso, temos que o eterno fluxo na cultura de reservas específicas de texto com

perda de códigos, ou seja, com a ausência de características que identificam uma cultura leva a processos de criação de novos códigos, muitas vezes entendido subjetivamente como reconstruções (lembranças). (LOTMAN, 2005, p. 215). A noção de texto evidenciada por Lotman (1999, p. 109) é um espaço organizado de maneira homogênea, mas que considera a introdução de múltiplos elementos que são agregados de outros textos.

A característica sistêmica da cultura é favorável à construção de textos expressados por diversas linguagens. Nesse sentido, o texto pode apresentar-se tanto em um nível verbal, como em um nível de abstração, o qual procede da interpretação dos sujeitos envolvidos com o texto, sendo deste modo mais complexa sua interpretação em relação ao texto escrito.

Lotman (1990, p. 9-19) *apud* Machado (2011, p. 92) entende texto um mecanismo de geração de sentidos caracterizado por três funções: a função comunicativa, a função memorial e a função criativa. Vale lembrar que a função comunicativa corresponde à capacidade que as linguagens possuem para a comunicação dos textos. A função memorial do texto implica a restauração da memória da cultura, das lembranças de um passado cultural. A função criativa retrata justamente a capacidade que o texto possui de produzir significados, isto é, de transformar as mensagens, dadas no texto, em outras mensagens atribuindo novos sentidos ao texto. Para esta última função é considerada a manifestação simultânea de várias linguagens.

Tendo em vista suas funções, o texto reproduz um contexto, sendo este contexto a própria representação do texto desenvolvido na cultura. Parece confusa esta exposição, mas é talvez a definição mais compreensível sobre a relação entre texto e contexto que podemos apresentar. Assim, retomaremos em algumas linhas o entendimento sobre contexto com base na abordagem de texto proporcionada pelos estudos da Semiótica da Cultura.

5.2.4 Contexto

O contexto recebe um tratamento próximo da noção de texto, pois na Semiótica da Cultura, contexto é entendido a partir da concepção de texto. O contexto representa um determinado texto onde este último ao mesmo tempo o representa. Poderíamos dizer que há

uma relação simultânea entre ambos. Entende-se que o contexto também representa o momento histórico, político, social e cultural no qual os textos da cultura são produzidos e comunicados.

Entendemos que o contexto possui uma relação com a ideia de espaço semiótico, isto é, um espaço em que os sistemas de signos da cultura se comunicam. Segundo Lotman (1990, 2002, 2005 e 2013) a semiosfera é então esse espaço no qual a semiose acontece.

Segundo Torop (2005, p. 169) a semiosfera é um conceito que permite que a Semiótica da Cultura possa chegar a uma nova compreensão do holismo, isto é, de uma análise holística dos processos dinâmicos. Na Semiótica da Cultura, o termo semiosfera converge a tudo que recentemente nas ciências estuda cultura, a cultura converge em semiótica – o desejo de encontrar uma linguagem de descrição que poderia ser traduzida para unificar diferentes linguagens disciplinares e interdisciplinares.

Para tanto, a semiosfera é o espaço semiótico, fora da qual a semiose em si não pode existir. [...], em resumo sem atos semióticos distintos não obtemos um universo semiótico. No contrário, só a existência de um tal universo - a semiosfera - faz o verdadeiro ato signatário específico (LOTMAN, 2005, p. 208).

A partir do exposto, o contexto, enquanto elemento que precede e, ao mesmo tempo depende do texto produzido em uma determinada cultura a partir de uma linguagem, é compreendido como o momento histórico, social e cultural de representação dos textos da cultura. Por essa razão, entendemos o contexto como um espaço de identificação dos textos, de produção e (re) construção de novos textos que é possível em consequência de um processo recepção e interpretação que é a tradução.

5.2.5 Tradução

O conceito de tradução na Semiótica da Cultura nos remete a noção de “tradução da tradição” como um mecanismo de tradução da própria cultura. Consideramos a tradução uma atividade interpretativa e a própria cultura como tradução dessa atividade semiótica. Nesse sentido, a tradução não ocorre apenas em um nível linguístico, tradução entre línguas, por

exemplo. Segundo Torop (2002, p. 603) a Semiótica da Cultura vem naturalmente dizer que a cultura é a tradução, e também que a tradução é cultura. A tradução consiste em uma atividade que explica os mecanismos da cultura.

No universo teórico da Semiótica da Cultura, destaca-se a ideia de uma tradução intra-códigos e não meramente o transporte de uma língua para outra. Assim, ressaltamos a concepção de tradução da tradição que segundo Machado (2003, p. 30) “[...] é o encontro entre diferentes culturas a partir do qual nascem códigos culturais que funcionam como programa para posteriores desenvolvimentos”. A tradução da tradição implica num processo interpretativo sobre os aspectos culturais; em outras palavras, é uma ação semiótica que possibilita tanto a interpretação como a compreensão de uma determinada cultura.

Torop (2002 p. 593) nos apresenta sua análise quanto a noção de tradução na Semiótica da Cultura. O autor destaca que traduzir é uma atividade e tradução como um resultado desta atividade são conceitos inseparáveis da cultura. A capacidade que a cultura tem de traduzir é uma especificidade da própria cultura. A cultura opera através da atividade de tradução.

De modo geral, a tradução em termos da Semiótica da Cultura diz respeito a um processo e/ou atividade interpretativa de alta complexidade. Lotman entende que um "elementar ato de pensar é a tradução", e diante de uma perspectiva lógica considera que "o mecanismo elementar de traduzir é o diálogo" Lotman (1990, p. 143). O diálogo evidencia-se na própria relação entre os indivíduos em uma determinada cultura. No diálogo a linguagem assume a função de potencializar a representação dos textos da cultura. A representação é uma atividade de tradução.

É necessário conhecer a cultura, isto é, buscar compreender como os seus sistemas de signos funcionam, pois a cultura tem seus próprios sistemas de signos ou linguagens com base nos quais os membros da cultura possam se comunicar. Assim, uma possibilidade para entender uma determinada cultura é aprender as linguagens da cultura, assim como os sistemas de sinais que operam dentro da cultura. Outra possibilidade seria se aproximar da cultura através de eventos e textos que ligam diferentes sistemas de signos, mas que possuam

um significado geral que este pode ser descrito (TOROP, 2002, p.600).

Exposto isso, buscamos a seguir comentar o conceito de sistemas modelizantes, os quais buscam contemplar a dinâmica dos sistemas de signos da cultura.

5.2.6 Sistemas modelizantes

Podemos dizer que são sistemas de representação nos quais se destacam as linguagens, os códigos culturais etc., por não se restringirem de uma mesma estrutura como no caso dos sistemas primários em que se destacam pela língua. Segundo Lotman (1978) *apud* Machado (2007, p.29) a linguagem, além de um sistema de comunicação é também um sistema modelizante. Com base nessa definição e no aspecto da representação do texto em análise de sua função comunicativa, por exemplo, a linguagem enquanto um sistema modelizante e de comunicação, é responsável pela transmissão da mensagem do texto da cultura.

A linguagem dentro da esfera cultural²⁵ é quem executa a representação, isto é, ela comunica a mensagem, tendo em vista a comunicação do texto da cultura. Esse sistema modelizante secundário, que é a linguagem, estabelece relações entre os indivíduos/comunidades e a comunidade receptora, os quais se encontram em uma mesma esfera cultural, fazem uso da mesma língua, porém os valores, costumes, crenças e mitos imbuídos nessa mesma esfera cultural possuem uma complexa variedade e nesse contexto o desenvolvimento de linguagens. Contudo, seu uso necessita contemplar uma diversidade de expressões que não somente a expressão verbal, mas também a expressão visual, sonora, gestual.

A linguagem nesse contexto é entendida como o instrumento mediador. Tal instrumento deve facilitar os processos de interpretação dos textos da cultura. Vale destacar que é necessário mesmo havendo o uso de apenas um código como, por exemplo, da língua é preciso que tal código seja passível de tradução que contemple o conteúdo do texto, pois entendemos que a cultura possui em seu sistema complexo de signos uma variedade de

²⁵ No contexto da discussão de sistemas modelizantes, consideramos o termo esfera cultural como o espaço semiótico que identifica uma determinada cultura, isto é, um grupo, uma comunidade etc.

sistemas como códigos, linguagens, símbolos etc. No entanto, para compreender as mensagens produzidas, isto é, os textos, é necessário o compartilhamento de todos os sistemas de códigos, de linguagens, de símbolos, que garantam a diversidade cultural presente nesses textos.

Na Semiótica da Cultura os sistemas modelizantes são classificados como sistemas modelizantes de nível primário e de nível secundário. No primeiro está a língua a qual se identifica por sua estrutura verbal. A língua atua como um sistema modelizante primário porque a partir deste é possível o desenvolvimento de diversos outros sistemas como literatura, mitos os quais são construídos em analogia dos sistemas primários, a língua (MACHADO, 2003, p. 167-168).

A linguagem verbal, por exemplo, é entendida como um sistema modelizante primário por constituir uma base estrutural. Outros tipos de linguagens como a arte, o mito, entre outras são sistemas secundários, porém possuem uma estrutura²⁶ distinta da estrutura verbal, e possuem a capacidade de desenvolver posteriormente uma estruturalidade²⁷ (MACHADO, 2007, p. 29).

A língua, por exemplo, para Jakobson é o código que permite a comunicação, e sem um código comum não há comunicação efetiva. Nesse contexto, o autor propõe a função metalinguística dos discursos, e afirma que os enunciados só podem ser alcançados se o “emissor e destinatário” compartilham o mesmo código (JAKOBSON, 1975).

Sobre o outro sistema modelizante, a linguagem, em seu aspecto dinâmico e expressivo é denominada um sistema modelizante secundário, como já mencionado. Nesse aspecto, a linguagem caracteriza-se como um sistema modelizante de segundo grau por não possuir uma estrutura como a língua, mas estruturalidades, que implicam em expressões diversas e que contemplam os diversos fenômenos da cultura.

Com base em Torop (1999, p. 10) a linguagem natural, por exemplo, consiste em um

²⁶ Destacamos a noção de estrutura mencionada por Saussure que compreende a estrutura como um sistema que se define pela organização inerente a toda língua (DUCROT; TODOROV, 1988, p. 27).

²⁷ Na Semiótica da Cultura, estruturalidade corresponde a qualidade textual da cultura sem a qual as mensagens não podem ser reconhecidas, armazenadas e divulgadas (MACHADO, 2003, p. 158).

sistema de modelagem primária em relação à realidade, isto é, seu contexto, enquanto que o sistema de modelagem secundário, como uma linguagem de descrição, relaciona-se com todas as outras linguagens e línguas da arte, e em línguas em seu sentido mais amplo da cultura como, por exemplo, mitologia, religião, normas de comportamento, etc. Consideramos que as linguagens se traduzem em sistemas abertos da e na cultura.

De modo geral, entende-se que os sistemas modelizantes pressupõem processos de tradução dos textos da cultura, isto é, ocorrem na construção de novos textos da cultura. Ao expor isso, resumimos a seguir um quadro dos conceitos da Semiótica da Cultura anteriormente apresentados a saber, as noções de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes.

Semiótica da Cultura	
Conceitos	Síntese
Linguagem	É sistema modelizante de nível secundário com a função de expressar os textos da cultura por diversas formas; visuais, verbais, sonoras, etc.
Cultura	É um sistema complexo de signos onde estão presentes os códigos, as linguagens e todos os elementos simbólicos da cultura. Para a Semiótica da Cultura, a cultura é informação, independente que seja materializada ou não, mas desde que possa ser transmitida por meio da memória coletiva.
Texto	É consiste na produção da cultura e se expressa por meio de diversas linguagens aprimoradas na dinâmica das culturas e suas comunidades.
Contexto	Representa o momento histórico, social, político, cultural em que o texto da cultura é produzido. O contexto favorece o conhecimento das culturas e nos permite a partir de diversas perspectivas compreender os textos culturais.
Tradução	É um processo interpretativo da cultura. Implica tanto em uma atividade, tradução, como no resultado da atividade interpretativa que é traduzir.
Sistemas modelizantes	São sistemas de representação da cultura. Tais sistemas atuam na representação da cultura assim como de todos os sistemas de signos desenvolvidos na cultura. Os sistemas modelizantes são caracterizados sistema de nível primário, língua e os secundários são as linguagens.

QUADRO 3 – Conceitos destacados da Semiótica da Cultura

Fonte: Elaborado pela autora

Entendemos a partir desse quadro que os conceitos apresentados estão conectados, pois esses se completam no diálogo da Semiótica da Cultura. Por exemplo, linguagem não está deslocada da concepção de cultura, visto que toda e qualquer cultura consiste em um sistema complexo de signos, e neste está a linguagem em suas variadas formas de expressão.

Desse modo, a cultura implica em sua dinâmica uma diversidade de “mecanismos pensantes”, os textos. Estes são o produto da cultura, e por isso encontra-se em um determinado contexto que caracterizam a própria cultura. Os contextos evidenciam o espaço e tempo em que os textos da cultura são desenvolvidos. O contexto explicita os momentos históricos, políticos e socioculturais em que o texto cultural é produzido e desse modo permite sua compreensão. Nesse sentido, dado o contexto é possível o entendimento sobre os textos concebidos em uma determinada cultura.

Linguagem, cultura, texto e contexto são elementos sujeitos a processos de tradução em um sistema semiótico cultural. A cultura é ela própria tradução, pois nesta transita uma infinidade de sistemas de signos, os quais traduzem a própria cultura. A cultura enquanto sistema semiótico pressupõe que sua representação ocorra por meio dos sistemas modelizantes, seja pela comunicação de um único código ou mesmo por linguagens diversas.

Diante da concepção de sistemas modelizantes é possível entender o funcionamento dos signos, por exemplo, da linguagem como um sistema primário a qual veicula mensagens e textos produzidos na cultura. Na medida em que são assimilados estes podem ser traduzidos, isto é, podem ser atribuídos novos sentidos, e com isso se concretiza a criação de novos textos.

Ao recordar os conceitos dos dois campos de investigações, a Semiótica da Cultura e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, busca-se na seção seguinte a apresentação dos diálogos entre os dois campos de investigação.

5.3 Diálogos teórico-conceituais entre as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e a Semiótica da Cultura

É necessário dizer que na fase inicial da pesquisa, ao escolher a temática de estudo já pudemos identificar a possibilidade de uma relação entre as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e algumas ideias propostas pela Semiótica da Cultura.

Ambos apresentam um olhar sobre temas com enfoques socioculturais, mesmo entendendo que possuem interesses distintos cujo tratamento é decorrente dos campos de investigações vinculados. Vale ressaltar que as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento desenvolvem investigações em sistemas de organização e representação do conhecimento na criação de instrumentos que garantam o acesso da informação e do conhecimento observando o caráter ético que envolve a atuação do profissional.

Portanto, a Organização do Conhecimento deve respeitar as condições simbólicas destas esferas no momento de representar a informação e organizar o conhecimento. Um tesouro, por exemplo, somente pode ser elaborado respeitando a estrutura linguística dos conceitos e temas de uma comunidade discursiva. Tal comunidade dispõe de uma cultura materializada em texto, compreendidos como sistemas de signos sociais oriundos de uma diversidade de linguagens.

A Semiótica da Cultura tem como base as discussões sobre linguagem e todo o desenvolvimento de signos da cultura. Desse modo, inclina-se para abordagens socioculturais por subsidiar os conceitos de linguagem e cultura. Para isso, produz reflexões que abrangem a perspectiva, histórica, antropológica, sociológica e linguística.

Durante a construção dos capítulos e as discussões traçadas no desenvolvimento deste estudo verificamos que, a princípio, o diálogo se apresenta por uma perspectiva da temática.

Nesse sentido, entendemos que as abordagens destacadas nos dois campos de estudos não convergem necessariamente para uma relação conceitual. No entanto, estão envolvidas por temáticas que se aproximam e podem fornecer uma aproximação interdisciplinar futura.

Hjørland (2008, p. 98 tradução nossa) evidencia o caráter interdisciplinar da

Organização do Conhecimento.

A Organização do Conhecimento não é apenas algo que a Biblioteconomia pode fazer sem considerar a pesquisa em outros domínios, por exemplo, ciência da computação, lingüística e processo natural da língua, teoria do conhecimento, teoria da organização social, etc. Em particular, um entendimento da natureza do conhecimento, cognição, língua e organização social são decisivos para a compreensão da Organização do Conhecimento e, assim, para a habilidade de planejar, avaliar e usar os processos de organização do conhecimento e sistemas de organização do conhecimento. Muitos campos podem ter um interesse na definição de questões do conhecimento ou podem ser consideradas disciplinas relacionadas. Este assunto já foi introduzido anteriormente, por exemplo, o papel da sociologia do conhecimento, as ciências individuais e a metafísica/ontologia.

Entendemos que o campo da Organização do Conhecimento é um espaço com capacidade de produzir investigações, de caráter teórico e conceitual. Assim, consideramos que nesse campo transitam variados domínios que, em geral, contribuem com o seu desenvolvimento e sob uma perspectiva interdisciplinar trazemos os conceitos de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes porque tais ideias compartilham temas socioculturais como nos conceitos de ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural, hospitalidade cultural e multilinguismo.

Quando nos reportamos ao conceito de linguagem, por exemplo, consideramos não somente a língua como um elemento necessário para a comunicação e a representação de um conhecimento, mas também entendemos que as diversas formas de linguagem; visual, verbal, sonora, artística etc. devem ser consideradas pelo fato de estarem presentes em várias línguas.

Por isso, consideramos que traçar análises críticas que subsidiem uma visão ética e que promovam uma garantia cultural, demonstra não apenas o interesse no tratamento e organização de um conhecimento, mas implica também reconhecer a origem desse conhecimento.

Diante das análises propostas nas abordagens socioculturais compreendemos que é necessário cada vez mais conhecer as culturas, como também suas linguagens e contextos.

Para a Organização do Conhecimento, por exemplo, entender as culturas implica em um exercício de compreensão dos contextos das comunidades usuárias.

Quando examinamos os aspectos culturais do conhecimento, aceitamos que o conhecimento é consequência das relações sociais e encontra-se imerso a uma diversidade de valores, costumes, linguagens e códigos que devem ser contemplados para sua representação por um sistema de informação. O conhecimento pode ser entendido próximo da noção de texto da Semiótica da Cultura. O conhecimento como produto de uma cultura é reconhecido em sua dinâmica e contexto e permite sua recepção via a comunicação/representação.

Ao aproximar a ideia de conhecimento- como um produto fruto de uma construção social- com a de texto- produto cultural- temos que todo texto é passível de interpretações, isto é, de tradução, não sendo diferente com o conhecimento, pois na medida em que um conhecimento é representado este passa por um processo de tradução em termos semióticos. Tal processo interpretativo requer uma consciência ética sobre os valores e esquemas contidos no conhecimento.

O fenômeno da tradução na Semiótica da Cultura nos permite também uma conexão com as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, sobretudo ao que corresponde a noção da garantia cultural (BEGTHOL, 2002). Na garantia cultural, cada indivíduo/comunidade deve ter traduzida adequadamente sua cultura, de maneira que priorize os elementos que identificam a mesma, refletindo seu contexto a partir do sentido que este pode receber dos sujeitos, nas comunidades. Estes poderão apropriar-se das representações feitas sobre os elementos culturais próximos da sua realidade.

Posto isso, é necessário ressaltar que o processo de tradução, de maneira geral da Ciência da Informação, ainda implica passagem de uma língua para outra. Segundo Lancaster (1993, p. 16) “[...] o processo de tradução envolve a representação da análise conceitual mediante um termo ou termos extraídos de um vocabulário”.

É necessário ressaltar que o conceito de tradução deriva da linguística e entendemos que na área de análise documentária, por exemplo, a tradução é utilizada para explicar o processo de representação documentária (LARA, 1999). Tal representação busca o acesso aos

conteúdos documentais. A tradução é a passagem da língua do documento para a língua do sistema. Isso não significa um erro, pois o mecanismo de passagem de uma língua para outra também envolve uma atividade interpretativa, mas uma interpretação que se limita a um nível semântico e que considera mudanças em tempo e espaço sobre os sentidos atribuídos aos termos.

Nesse contexto, tradução acaba por não ser considerado em sua amplitude, como um processo de tradução de culturas, do texto e cultura dos autores e de sua comunidade discursiva para a cultura do sistema da informação e de sua comunidade usuária.

A noção de tradução, na Ciência da Informação, adquire um caráter reducionista e limitador, e pressupomos ser complicado, por exemplo, entender a configuração de novos textos na cultura, de novos conhecimentos. A tradução, na Semiótica da Cultura, enquanto uma atividade interpretativa deve ser compreendida como resultado da cultura, isto é, das trocas culturais, simbólicas entre os grupos e comunidades discursivas.

Nesse escopo, sobre a questão da tradução destacamos sobre as barreiras linguísticas tratadas por Hudon (1999), assim como sua defesa sobre o multilinguismo onde a autora considera ser a diversidade de línguas por isso há necessidade de propor condições para que os indivíduos não fiquem presos a determinismos linguísticos, de uma única língua. Sobre isso, esta autora expõe da necessidade de um instrumento de representação que disponha de uma diversidade linguística tendo em vista o acesso à informação.

Em relação a isso, também está outra reflexão pela qual é possível a garantia de acesso por parte dos sujeitos/usuários em respeito a sua cultura e seu contexto. A garantia cultural busca não somente o acesso a informação, mas também representar de modo democrático uma determinada cultura. Nesse contexto, o conceito de ética transcultural de García Gutiérrez (1998, 2002, 2004, 2005 e 2006) e a noção de transculturalismo é destacada pela proposta de análises transculturais sobre fenômenos culturais.

A noção de linguagem no sentido da Semiótica da Cultura é refletida, por exemplo, em relação à denominação de linguagem epistemográfica, linguagem documental, isto é, a linguagem como elemento expressivo do conhecimento e de uma cultura. É uma linguagem

que se modeliza no intuito de representar e comunicar um conhecimento, um texto com base nos contextos culturais.

De modo geral, consideramos que as noções destacadas tanto no que se refere às abordagens socioculturais como da Semiótica da Cultura nos direcionam para uma comparação interdisciplinar. Nesse intuito, a linguagem é elemento comunicador entre um sistema de signos culturais, traduzidos por meio de um sistema que venha representar o conhecimento dos indivíduos e grupos. Esta deve ser analisada não apenas por sua diversidade linguística, mais também de sua diversidade cultural imbuída na configuração do conhecimento. Dessa maneira, as comunidades em uso das linguagens requerem garantias, tendo em vista a apropriação tanto da cultura como do conhecimento.

Em síntese, a linguagem é um mecanismo potencializador do conhecimento, e em termos semióticos é um instrumento decodificador da cultura.

A seguir, buscamos resumir alguns diálogos entre a Semiótica da Cultura e as investigações socioculturais da Organização do Conhecimento. Vale ressaltar que existem várias outras concepções na Semiótica da Cultura que poderiam ser mencionadas no quadro e exploradas durante a discussão dos capítulos, porém buscamos destacar as que mais representavam a temática desta pesquisa. De todo modo, buscamos evidenciar diálogos entre as perspectivas investigativas. O intuito é verificar a partir das discussões socioculturais e da Semiótica da Cultura aproximações e contribuições de ordem teórico-conceituais.

O quadro foi gerado a partir da análise dos quadros 2 e 3 e tem o propósito de destacar a relação entre os conceitos das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e os conceitos da Semiótica da Cultura. Ressaltamos que o diálogo traçado está evidenciado pela temática de abordagem entre os dois campos de investigação.

Ressaltamos que conceitos de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes encontram-se próximos tematicamente das discussões de ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural, hospitalidade cultural e multilinguismo.

C O N C E I T O S	Abordagens Socioculturais da Organização do Conhecimento	Elementos da Semiótica da Cultura	Contribuições
	Ética transcultural	Cultura	O conceito de cultura revela uma abordagem cultural ampla que dialoga com a abordagem transcultural, pois esta permite analisar a cultura tanto em seu aspecto externo e interno das comunidades e desse modo enfatiza a dimensão simbólica das comunidades.
	Transculturalismo	Cultura	A noção de cultura no contexto do transculturalismo resgata sobre a diversidade existente nos contextos das comunidades e desse modo provoca reflexões que são guiadas sobre uma crítica a concepção de multiculturalismo. O transculturalismo reflete sobre uma representação da cultura que segue do local para o global.
	Garantia cultural	Tradução, Linguagem, Texto e Contexto.	Permitir um acesso a informação, implica em processos de interpretação, isto é, de tradução e por isso estes devem considerar, tanto a diversidade de linguagens, como os textos produzidos nas comunidades os quais revelam os contextos culturais.
	Hospitalidade cultural	Tradução, Linguagem, Texto e Contexto.	A recepção de informações implica o reconhecimento de uma diversidade cultural e linguística e por isso processos de tradução e as representações da cultura por meio de uma diversidade de linguagens podem contribuir.
	Multilinguismo	Tradução, Linguagem e Sistemas modelizantes.	No contexto da diversidade linguística e cultural das comunidades, os instrumentos de representação como, por exemplo, os tesouros necessitam de processos de tradução que busquem reconhecer as linguagens desenvolvidas pelas

		comunidades, pois é preciso garantir o acesso à informação em diversas estruturas que ultrapassem as verbais, como a língua, e que permitam por meio das estruturas não verbais como as linguagens um acesso e uso da informação.
--	--	---

QUADRO 4 – Diálogos teórico-conceituais

Fonte: Elaborado pela autora

Os diálogos evidenciados neste estudo se aproximam de uma perspectiva temática em um nível de análise interdisciplinar como já foi mencionado nesta análise. Entendemos que os conceitos tratados pelas abordagens socioculturais destacam reflexões em torno de aspectos culturais que merecem atenção no tratamento da representação do conhecimento, assim como dos textos na Semiótica da Cultura.

Em análise dos conceitos das abordagens socioculturais com a Semiótica da Cultura destacamos, por exemplo, na primeira linha em que relaciona a discussão da ética transcultural com a concepção de cultura. Na segunda linha ocorre a mesma situação com o transculturalismo, tendo em vista o entendimento de cultura como um sistema aberto de informações transmitido por meio da memória coletiva.

A busca por um conceito de cultura na abordagem transcultural pressupõe também a análise crítica sobre abordagens multiculturais, isto é, sobre a perspectiva do multiculturalismo enquanto uma expressão de caráter reducionista conforme destaca García Gutiérrez em seus estudos.

Na terceira linha, destacam-se a garantia cultural e a noção de tradução, linguagem texto e contexto em reflexão da garantia de acesso sobre o conhecimento produzido em respeito ao contexto das comunidades. O conceito de hospitalidade cultural também segue com a mesma aproximação com a noção de tradução, linguagem texto e contexto. A linguagem da Semiótica da Cultura, tendo em vista a diversidade linguística e cultural reflete sobre a recepção cultural que possibilite também a recepção de conteúdos informacionais. A garantia cultural em complemento da hospitalidade cultural discute sobre um viés da garantia de acesso a informação refletindo sobre o olhar ético por parte dos profissionais ao

disponibilizar conteúdos informacionais evidenciando a questão do acesso a informação. Este acesso deve então permitir agregar elementos culturais diversos e isso só pode tornar-se possível na medida em que reconhecemos os contextos, traduzimos a cultura e a partir disso elaboramos textos que busquem representar de forma democrática as culturas e suas comunidades.

Na quinta linha, destacamos a aproximação entre o multilinguismo e os conceitos de tradução, linguagem e sistemas modelizantes. Desse modo, a noção de tradução relaciona-se com a questão da diversidade linguística e requer de atividades interpretativas que auxiliem na elaboração representação de conteúdos que ao serem traduzidos possam revelar um olhar crítico e ampliado sobre a cultura e o conhecimento.

A linguagem, assim como os sistemas modelizantes permitem refletir sobre as possibilidades de expressão da cultura e nesse sentido entender como com que propósito utiliza de um idioma específico ou de vários para o estabelecimento da comunicação com diversos grupos sociais.

Constatamos que os diálogos ocorreram por uma relação temática, e não necessariamente conceitual. Propositalmente pusemos os conceitos das abordagens socioculturais paralelos com os conceitos da Semiótica da Cultura, pois presumimos que haja uma relação que ainda não se define em termos conceituais mais que caminha para uma análise interdisciplinar.

Portanto, o quadro buscou destacar uma relação temática que aproxima as abordagens socioculturais de alguns elementos da Semiótica da Cultura e dessa maneira nos motiva a refletir sobre o desenvolvimento de posteriores diálogos interdisciplinares entre o campo da Organização do Conhecimento e a Semiótica da Cultura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o conhecimento é um constructo social, e posto em uma dinâmica cultural torna-se um produto da cultura. Desse modo, o conhecimento como parte elementar de toda e qualquer cultura se estende em sua relação com o indivíduo, e com isso se dispõe a configuração de novos conhecimentos. Assim, entendemos que todo conhecimento é dinâmico e dialógico, e por isso sua organização e representação necessita a compreensão da cultura e dos contextos em que esta faz parte.

Organizar e representar um conhecimento são mais atividades de tradução da cultura e por isso é necessário considerar a diversidade linguística e cultural e dos contextos onde estes conhecimentos são produzidos. Em outras palavras, entender a origem de qualquer conhecimento implica uma atividade semiótica. Assim, conhecer os contextos é conhecer as culturas e as linguagens. É ainda ter o conhecimento dos elementos como códigos, símbolos e linguagens que não somente caracterizam, mas também identificam os indivíduos e as comunidades.

Entendemos que as discussões socioculturais, da ética transcultural, da transculturalidade, da garantia cultural, da hospitalidade cultural e multilinguismo são abordagens que se completam no âmbito das questões que envolvem os processos e sistemas de organização e representação do conhecimento. Tais abordagens destacam de maneira geral ideias sobre fenômenos culturais que interferem na organização e representação do conhecimento.

Identificamos que na literatura da Semiótica da Cultura, há uma complexidade de concepções, porém, muitas não foram inseridas neste estudo. Entendemos que tal complexidade é fruto da interdisciplinaridade nos estudos da Semiótica da Cultura com as áreas da linguística, da sociolinguística, antropologia, sociologia etc. No entanto, as concepções analisadas forneceram um potencial suporte teórico que nos sugere desenvolver posteriormente análises interdisciplinares da cultura sob um enfoque sociocultural.

Com base na análise feita, consideramos que a Semiótica da Cultura pode fornecer um

diálogo que não se limita a uma dimensão conceitual, mas também teórica. Para tanto, o diálogo evidenciado neste estudo pôde possibilitar uma análise interdisciplinar sobre as concepções destacadas pela Semiótica da Cultura tendo em vista a perspectiva sociocultural apresentada pelo núcleo de abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento.

O campo da Organização do Conhecimento, enquanto espaço que desenvolve processos de mediação deve possibilitar então a reflexão sobre o fenômeno da representação do conhecimento sob um olhar semiótico. Nesse sentido, as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento dão margem para diálogos teóricos que possam contribuir na configuração de processos de organização e representação do conhecimento que enfatizem abordagens socioculturais na atenção para cultura e aos contextos.

Assim, consideramos que o campo da Organização do Conhecimento contempla estudos que se aproximam em diversos aspectos e podem desse modo estabelecer inúmeros diálogos, sejam em um nível teórico ou conceitual, mas que implicam em análises interdisciplinares.

O objetivo central desta pesquisa foi analisar as possíveis aproximações de ordem teórico-conceituais fornecidas pela Semiótica da Cultura para as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Porém, com este estudo enfatizamos que o diálogo se destaca em um nível temático e não necessariamente conceitual. Os conceitos apresentados não convergem para um mesmo sentido, mas destacam em suas análises que pode haver relações teóricas de caráter interdisciplinar e podem desencadear a posteriori diversas análises com base nos aspectos socioculturais.

Para tanto, entendemos que o objetivo geral desta pesquisa foi atingido tendo em vista a identificação de alguns dos conceitos das abordagens socioculturais tratados neste trabalho. Por meio disso, os objetivos específicos foram alcançados, pois conseguimos identificar os elementos que fundamentam e caracterizam o campo da Semiótica da Cultura como as concepções de cultura, linguagem, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes.

A caracterização dos estudos das abordagens socioculturais também foi alcançada tendo em vista, o destaque deste trabalho as abordagens da ética transcultural, o

transculturalismo, a garantia cultural, a hospitalidade cultural e o multilinguismo.

Assim, a proposta de aproximação entre a Semiótica da Cultura, e as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento também foi alcançada sendo destacada a partir da elaboração do quadro 4, o qual representa os diálogos teórico-conceituais com base nos quadros 2 e 3 mencionados no capítulo de análise utilizados na explicitação da análise dos conceitos entre ambas.

Consideramos que a perspectiva da linguagem, introduzida nesta pesquisa assim, como os demais conceitos mencionados no desenvolvimento deste estudo com foco na teoria da Semiótica da Cultura podem atuar como elementos interdisciplinares e ainda podem sugerir diversos estudos, com caráter aplicado ou não, para o campo da Organização do Conhecimento. Mais precisamente, àqueles que estejam inclinados às abordagens socioculturais.

A concepção da linguagem, assim como as demais destacadas na Semiótica da Cultura podem ser entendidas como elementos de aproximação a nível da temática abordada, com as perspectivas socioculturais da Organização do Conhecimento. Desse modo, é necessário entender que em outros contextos, isto é, em outros campos de estudo, a linguagem é necessária para a produção e comunicação do conhecimento, tendo em vista a análise dos contextos culturais que possam permitir a interpretação dos sujeitos/comunidades/usuários.

A linguagem é destacada em várias discussões durante o estudo, como, nas discussões sobre “diversidade linguística” em seu aspecto multilíngue evidenciado por Hudon (1999), assim como a noção de “garantia e hospitalidade cultural” de Begthol (2002), e ainda na abordagem sobre ética transcultural da mediação, transculturalismo tratada por García Gutiérrez (2002a; 2002b; 2002c). Isso não quer dizer que as demais concepções não estejam conectadas no mesmo diálogo.

Entendemos que compreender a cultura e os contextos para a organização e representação do conhecimento é necessário não apenas para o registro, mas para que a cultura se encontre em tal registro, isto é, que seja contemplada tanto a sua diversidade cultural como linguística e, desse modo, seja garantida a comunicação dos conteúdos da

cultura, das comunidades e contextos.

A seguir relacionamos as principais contribuições da Semiótica da Cultura à Organização do Conhecimento.

Primeiramente, destacamos a concepção de cultura a qual destaca a dimensão simbólica existente no contexto das comunidades. O conceito de cultura sugere um tratamento igualitário dos sistemas de signos. Nesse sentido, no momento de elaboração de tesouros adaptados à comunidade discursiva, os especialistas devem considerar outros sistemas de signos que não estão limitados aos signos linguísticos para propor soluções em processos de organização do conhecimento;

Segundo, ressaltamos o conceito de tradução se estende a um processo interpretativo que ultrapasse a tradução de palavras no momento da transmissão dos conteúdos inseridos no sistema de representação, a tradução implica uma atividade interpretativa que considera a interpretação das comunidades de seus contextos. É necessário destacar que deve haver para os processos de tradução a clareza, por parte dos profissionais, dos contextos e das comunidades.

Por fim, a concepção de linguagem enfatiza a precisão sobre os processos de mediação tendo em vista, linguagens desenvolvidas nos contextos das comunidades. Assim, é preciso entender que são muitas as formas de mediação das linguagens. Assim, a inserção da variedade de linguagens nos processos de mediação torna complexa a representação. Por isso, a linguagem necessita ser representada para que no ato da representação os sentidos e a característica das comunidades não sejam alterados, para que não comprometa e dificulte na busca da informação por essas comunidades.

A Semiótica da Cultura pode em um nível teórico fornecer um contributo à Organização do Conhecimento, no sentido da valorização da cultura, da linguagem e da concepção de tradução. Sustentamos isso por considerarmos a possibilidade de desdobramento deste trabalho tendo como objetivos ampliar a temática abordada e contribuir desse modo com o campo da Organização do Conhecimento e a área da Ciência da Informação.

Destacamos que uma das dificuldades identificadas no desenvolvimento deste estudo foi justamente a impossibilidade de análise de textos na literatura da Semiótica da Cultura por estarem em russo. No entanto, entendemos que isso não inviabilizou a realização da análise.

Assim, pretendemos dar continuidade a temática na intenção de comunicar a comunidade acadêmica as possibilidades de diálogos que a Semiótica da Cultura pode favorecer a Organização do Conhecimento. Buscamos poder contribuir com o desenvolvimento de diversos outros estudos que pretendam uma discussão sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XI, 2010,b Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PPGCI/UNIRIO, 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/405/265>>.
- ASSIS, J. ; MOURA, M. A. Social networks indexing languages and organization of knowledge: a semiotic approach. En: GNOLI, C. ; MAZZOCCHI, F. (Ed.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Advances in Knowledge Organization Italy: ERGON VERLAG. v.12. 2010. p.291-298.
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BARÁT, Ágnes Hajdu. Knowledge Organization in the Cross-cultural and Multicultural Society. En: ARSENAUT, C. ; TENNIS, J. T. (Ed.). **Cultural and identity in knowledge organization**. Advances in Knowledge Organization. Canada: ERGON-Verlag, v. 11. 2008. p.84-90.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARITÉ, M. La garantía cultural como justificación en sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. **Palabra Clave** (la Plata. En línea), Universidad de la Sabana, v.1, n. 1, out. 2011.
- BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual em Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (Org.). **Educação, universidade e pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2001. p. 35-60.
- BARITÉ, M. (Org.). **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología / Mario Barité y equipo. 5. ed. Montevideo: PRODIC, 2013.
- BEGHTOL, C. Semantic Validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. **Library Resources & Technical Services**. v. 30, n. 2, p. 109-125, 1986.

BEGHTOL, C. Domain analysis, literary warrant, and consensus: the case of fiction studies, **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, 46, n. 1, p. 30-44, 1995.

BEGHTOL, C. Relationships in Classificatory structure and meaning. In C.A. Bean & R. Green, (eds.). **Relationships in the organization knowledge**. Dordrecht, Netherlands: Kluwer, 2001, p. 99-113.

BEGHTOL, C. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21 century**: integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag. 2002. p. 45-49. (Advances in Knowledge Organization, 8).

BEGHTOL, C. Ethical decision-making for knowledge representation and organization systems for global use. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York, v. 56, n. 9, p. 903-912, 2005.

BEUCHOT, M. **La semiótica**: teorías del signo y el lenguaje em la história. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

BÄRSCHER, B. M ; CAFÉ, L. M. A. . Organização da Informação ou Organização do Conhecimento. **Anais... IX ENANCIB**. São Paulo. 2008.

BOAS, F. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da informação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

BRAVO, Blanca Rodríguez. The Visibility of Women in Indexing Languages. En: **Knowledge Organization for a Global Learning Society**. BUDIN, G. ; SWERTZ, C. ; MITGUTSCH, K. (Ed.). Advances in Knowledge Organization. Austria: ERGON-Verlag, v. 10. 2006. p. 413-422.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CACALY, S. (Ed.). **Dictionnaire encyclopédique de l' information et de la documentation**. Paris: Nathan, 1997.

CAFÉ, L. M. A. ; BRÄSCHER, B. M. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudos e representação de conceitos. **Inf. Inf.**, Londrina, v.16. n.3. p. 25-51, jan./jun. 2011.

CALEFATO, P. Language in social reproduction: sociolinguistics and sociosemiotics. **Sign Systems Studies**. v. 37,n. ½. 2009.

CAMPBELL, G. Queer theory and the creation of contextual subject access tools for gay and lesbian communities. **Knowledge Organization**, v.27, n. 3, p. 122-131. 2000.

CAMPBELL, G. Tensions between language and discourse in north american knowledge organization, **Knowledge Organization**, v. 37, n. 1, p. 51-57. 2010.

CAMPOS, M. L. de A. Princípios teóricos da organização do conhecimento e sua influência nas novas tecnologias de informaçõ. In: **Organização do Conhecimento e sistemas de classificação**. Brasília: IBICT, 1996, p. 74-78.

CAMPOS, M. L. de A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Rio de Janeiro: Eduff, 2001.

CAMPOS, M. L. de A. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 22-32, 2004.

CAMPOS, M. L. de A. ; GOMES, H. E. Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangananthianos. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2003.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008.

CARLAN, E. **Sistemas de Organização do Conhecimento**: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. Dissertação. UnB, Brasília, Brasil. 2010.

CINTRA, A. M. et. al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2.ed. rev. ampl., São

Paulo: Polis, 2002.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO NETO, J.T. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COELHO NETO, J.T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Iluminuras, 2012.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, I. M. R. F. et. al. **Análise documentária**: considerações teóricas e experimentações. São Paulo: FEBAB, 1989.

DAHLBERG, I. Current trends in Knowledge Organization. In: GARCIA MARCO, F. J. **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación** 1. Actas del I Encuentro de ISKO-España de 1993, Madrid. Zaragoza: Librería General, 1995. pp. 7-25.

DAHLBERG, I. Current trends in knowledge organization. **INDEKS Verlag**, Frankfurt, 1995. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2341306.pdf>>.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scopes and possibilities. **Knowledge Organizational**. Frankfurt, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organizational**, Frankfurt, v.33, n.1. p.11-19, 2006.

DAHLBERG, I. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. **Journal of Documentation**, Toronto, v. 58, n. 5, 2002. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm>>.

DAL' EVEDOVE, P. R. **O tratamento temático da informação em abordagem sociocultural: diretrizes para definição de política de indexação em bibliotecas universitárias**. 2014. 259f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Faculdade de

Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

DEELY, J. **Semiótica básica**. São Paulo: Ática, 1990.

Diálogo. ABBGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes 2012.

DIETERICH, H. **Nueva, guía para la investigación científica**. México: Planeta, 2001. 237p.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 2.ed. rev. amp. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. [S.l.]: Cosac Naify, 2004.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ECO, U. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva. 2007.

ESTEBAN NAVARRO, M. A. El marco disciplinar de los lenguajes documentales: la Organización del Conocimiento y las ciencias sociales. **Scire**, v. 2, n. 1, p. 93-107. 1996,

FALCON, F.. **História cultural**: uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERNÁNDEZ-MOLINA, J. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Ethical aspects of knowledge organization and representation in the digital environment: their articulation in professional codes of ethics. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). **Challenges in knowledge representation and organization for the 21 st century**: integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002. p. 487-492. (Advances in Knowledge Organization, 8).

FERRER, E. **Información y comunicación**. 2. ed. México: FCE, 1998.

FLEURY, L. **Sociologia da cultura e das práticas culturais**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

FLUSSER, V. **Língua e realidade**. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2007.

FOGL, J. Relations of the concepts 'informations' and 'knowledge'. **International Fórum o Information and Documentation**, The Hague, v. 4, n. 1, p. 21-24, 1979.

FRANCELIN, M. M.; KOBASHI, N. Y.. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Inf. Inf.** Londrina, v.16, n.esp, p. 1-24, jan./jun.2011.Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10390>>

FRANCELIN, M. M.; MARTIN, M. T.; SOARES, M. S. B. Pluralismo lógico e epistemografia interativa como ferramentas desclassificadoras do conhecimento. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. Inf.** Campinas, v.11,n.1, p.55-71,jan./abr., 2013. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php>>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FUJITA, M. S. L. ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO NO BRASIL: análise de aspectos conceituais e da produção científica do ENANCIB no período de 2005 a 2007. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**,v. 1,n. 1 2008. Disponível em:<<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/4>>

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **Principios de lenguaje epistemográfico**: la representación del conocimiento sobre Patrimonio Histórico Andaluz. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 1998. (Cuadernos técnicos, 3).

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a “culture of the border”: towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M.J.(eds.).**Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century**: integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002a., p. 516-522. (Advances in Knowledge Organization, 8).

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **La memoria subrogada**: mediación, cultura y conciencia en la red digital. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2002b. Arquivo em meio magnético.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. **TransInformação**, Campinas, v.23, n. 1, p. 5-14, jan./abr., 2011.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Exomemoria y cultura de frontera: hacia una ética transcultural de la mediación. **VII Congreso Internacional sobre Organización del Conocimiento celebrado en Granada** (España), 2002c.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **Otra memoria es posible**: estrategias descolonizadoras del archivo mundial. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2004.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Proyectar la memoria: del ordo nacional a la reapropiación crítica. **TransInformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 7-13, 2003.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **Transinformação**, Campinas, v.18, n.2, p.103-112, maio/ago. 2006.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. **Outra memória é possível**: estratégias descolonizadoras do arquivo mundial. Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCÍA MARCO, F. J. Los contenidos y la secuencia docente de la Organización y Representación del Conocimiento: una propuesta interdisciplinar. In: GARCÍA MARCO, F. J. (Ed.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación**. Zaragoza: Librería General, p. 219-228, 1995.

GARDIN, J.-C. Eléments d'un modèle pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, v.11, n.5, p.171-182, 1966 Disponible en <bbf.enssib.fr/consulter/bbf-05-0171-001>

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

GUIMARÃES, J. A. C. Recuperação temática da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 112-130, jan./dez. 1990.

GUIMARÃES, J. A. C. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In:

VALENTIM, M. L. P. (Ed.). **Profissionais da informação: formação e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000a. p. 53-70.

GUIMARÃES, J. A. C. Políticas de análisis y representación de contenido para la gestión del conocimiento en las organizaciones. **Scire**, Zaragoza, v. 6, n. 2, p. 49-58, 2000b.

GUIMARÃES, J. A. C. **Ensino de tratamento temático da informação nos cursos de biblioteconomia do Mercosul**: análise e perspectivas de um core curriculum à luz dos avanços teóricos da área de organização do conhecimento. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, 2001.

GUIMARÃES, J. A. C. Aspectos éticos em organização e representação do conhecimento (O.R.C): uma reflexão preliminar. Marília, 2005. 24p. Conferência apresentada na mesa-redonda: Organização do conhecimento e interdisciplinaridade. In: **Seminário: Memória, informação e organização do conhecimento: cruzando fronteiras da identidade**. Rio de Janeiro, Unirio, 25 e 26 de agosto de 2005.

GUIMARÃES, J. A. C.; BOCCATO, V. R.; PINHO, F. A.; LIMA, M. L.; BORBA, E. A.; DAMAZO, A. C.; MONÇÃO, J. L. Aspectos éticos en organización y representación del conocimiento: un análisis de la bibliografía científica en busca de una categorización preliminar de valores. In: GASCÓN, J.; BURGUILLOS, F.; PONS, A. (Ed.). **La dimensión humana de la organización del conocimiento**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2005. p. 278-285.

GUIMARÃES, J.A.C.; DOBEDEI, V. (Orgs.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. [recurso eletrônico]. Marília: ISKO- Brasil: FUNDEPE, 2012.

GUIMARÃES, J. A. C. ; PANDO, D. A. O Profissional da informação e as atividades de organização da informação / conhecimento. **Interatividade**, v.1, n. 2, 2006.

GUIMARÃES, J. A. C.; PINHO, F. A. Reflexiones acerca de las teorías sobre ética en la representación del conocimiento. **Biblios**. Revista de bibliotecnología y Ciencias de la Información . Jul./set., p. 1-12, 2008.

GUIMARÃES, J. A. C; PINHO, F. A ; MILANI, S. O. Classification scheme for knowledge organization Literature: uma proposta de expansão. In: **XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**. São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, J. A. C.; PINHO, F. A.; MILANI, S. ; MOLINA, C. F. Os desvios na representação do conhecimento em um contexto multicultural: abordagens teóricas. **IX Congress Isko- Spain**. Valencia. 2009. pp. 204-218.

GUIMARÃES, J. A. C. ; MILANI, S. O. Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica. **DataGramZero**, v.12, n.1, fev./2011.

GUIMARÃES, J. A. C. ; MILANI, S. O. Bias in the indexing languages: theoretic approaches about feminine issues. En: GNOLI, C. ; MAZZOCCHI, F. (Ed.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Italy: ERGON VERLAG. 2010. p. 424-429. (Advances in Knowledge Organization, 12).

GUIMARÃES, J. A. C. ; SILVA, R. R. ; ALMEIDA, C. C. ; PINHO, F. A. ; ANTONIO, D. M. ; BASTOS, F. M. ; RIZZI, I. R. F. ; GONÇALVES, M. C. ; ALVES, R. C. V. ; CORREA, R. ; MILANI, S. O. Los valores éticos en organización y representación del conocimiento (ORC). In: Blanca Rodríguez Bravo; Maria Luisa Alvite Díez. (Org.). **La interdisciplinariedad y transdisciplinariedad en la organización del conocimiento científico**. León: Universidad de León, 2007 pp. 77-89.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Diccionario de semiótica**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. **El Lenguaje como semiótica social**: la interpretación social del lenguaje y del significado. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

HJORLAND, B. Concepts, paradigms and knowledge organization. En: GNOLI, C. ; MAZZOCCHI, F. (Ed.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Italy: ERGON VERLAG. 2010. p. 38-42. (Advances in Knowledge Organization, 12) .

HJORLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge Organization**, v.30, n. 2, p.87-111, 2003.

HJORLAND, B. Semantics and Knowledge organization. **Annual Review of Information Science and Technology**, v.41, n.1,p. 367-405. 2007. Disponível em:<http://www.academia.edu/1912560/Semantics_and_knowledge_organization>

HJORLAND, B. What is Knowledge organization (KO)?.**Knowledge Organization**,v. 35,n.

2/3 p. 86-101. 2008.

HJORLAND, B. Theories of knowledge organization-Theories of knowledge. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 3, p 169-181. 2013.

HUDON, M. Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. **Knowledge Organization**. v. 24, n.2, p.84-91. 1997.

HUDON, M. Accessing documents and information in a world without frontiers. **The Indexer**, London, v. 21, n. 4, p. 156-159, 1999.

HUDON, M. True and tested products: thesauri on the web. **The Indexer**, London, v. 23, n. 3, p. 115-119, 2003.

HULME, E. W. **Principles of book classification**. Library Association Record, London, v. 13, p. 354-358, 1911.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix.1995.

JAKOBSON, R. Metalanguage as a linguistic problem. In: **Jakobson, R. Selected Writings**. v. 7. p. 113-12. The Hague: Mouton, 1985.

KOBASHI, N. Y. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **DataGramZero, Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 6, dez./ 2007. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/dez07/Art_01.htm >

KROEBER, A. O superorgânico. In: Donald Pierson (Org). **Estudos de organização social**. São Paulo: Livraria Martins, 1949.

LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 1993.

LARA, M.L.G. de. **Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas**. São Paulo, 1999. 208f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação)-Escola

de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LARA, M.L.G. de. Conceitos de Organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo tema. **Inf.Inf.**, Londrina, v.16, n. 3. p.92-121, jan/jun. 2011.

LARAIA, R. de B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.

LINDOSO, D. **Interpretação da província**: estudo da cultura alagoana. Maceió: EDUFAL, 2005.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

LÓPEZ-HUERTAS, M. J. Cultural impact on Knowledge Representation and Organization in a Subject Domain. En: ARSENAUT, C. ; TENNIS, J. T. (Ed.). **Cultural and identity in knowledge organization**. Advances in Knowledge Organization. Würzburg: ERGON VERLAG. v.11. p. 304-346. 2008.

LÓPEZ-HUERTAS, M. J. Análisis del dominio interdisciplinar para la representación y organización del conocimiento. En: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. **Políticas de memória e informação: reflexões na organização do conhecimento**. Natal: EDUFRN, 2006, p. 209-235.

LÓPEZ-HUERTAS, M. J. Epistemological dynamics in scientific domains and their influence in knowledge Organization. En: GNOLI, C. ; MAZZOCCHI, F. (Ed.). **Paradigms and conceptual systems in knowledge organization**. Italy: ERGON VERLAG. 2010. p. 91-97. (Advances in Knowledge Organization, 12).

LOTMAN, Y. M. **Universe of the mind**: a semiotic theory of culture. London: I.B. Tauris & CO. LTD, 1990.

LOTMAN, Y. M. Umwelt and semiosphere. **Sign Systems Studies**. v. 30, n.1, p. 33-40. 2002.

LOTMAN, I. M. On the semiosphere. **Sign Systems Studies**. v.33, n.1 p. 205-229. 2005.

LOTMAN, J. The place of art among other modelling systems. **Sign Systems Studies**. v. 39,

n. 2/4 p. 249-270. 2011.

LOTMAN, J. On the dynamics of culture. **Sign Systems Studies**. v. 41, n. 2/3 p. 355-370, 2013.

LOTMAN, Y. M. Sobre el concepto contemporáneo de texto. Entretextos. **Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura**, (2). nov. 2003
Disponível em:<<http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/pdf/entre2/lotman.pdf>>

LOTMAN, Y. M. **Cultura y explosión**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. España: Gedisa editorial, 1999.

LOTMAN, I, M. El símbolo en el sistema de la cultura. **Entretextos. Revista Eletrónica Semestral de Estudos Semióticos de la Cultura**. n. 2, Nov. 2003. Disponível em:<<http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/pdf/entre2/escritos/escritos4.pdf>>

LOTMAN, I, M. ; USPENSKI, Boris A. Heterogeneidad y homogeneidad de las culturas. Entretextos. **Revista Eletrónica Semestral de Estudos Semióticos de la Cultura**. n. 9, maio de 2007. Disponível em:<<http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/entre9/posticriptum.pdf>>

MACHADO, I. **Escola de Semiótica**: a experiência de Tártu - Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, I. Projections: semiotics of culture in Brazil. **Sign Systems Studies**. v. 29, n.2, p. 463-177. 2001.

MACHADO, I. **Semiótica da Cultura e Semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

MACHADO, I. The semiosphere as a critical theory of communication in culture. **Sign Systems Studies**. v. 39, n. 1. p. 81-104. 2011.

MACHADO, I. Cultura em campo semiótico. **Revista USP**: São Paulo, n.86, p. 157-166, jun/ago2010. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13822>>
Acesso em: 24 maio de 2012.

MACHADO, I. Existe lugar para o signo na história da mídia? **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v.35. p. 61-68. abril de 2008.

MACHADO, I. A comunicação de sínteses em perspectiva semiótico-evolutiva: modelização de linguagens, de formato, do signo informativo, de temporalidades. **Revista Fronteiras, estudos midiáticos**. v. 12, n. 2, p. 95-104, maio/ago. 2010.

MACHADO, I. ; ROMANINI, V. Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 17 n. 2, p. 89 – 97, maio/agosto, 2010 Disponível

em:<<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/.../5411>> Acesso em: 24 maio de 2012.

MAI, J. -E. Clasificación in context: relativity, reality, and representation. **Knowledge Organization**. v.31, n. 1, p. 39-48. 2004.

MAI, J-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, London, v.57, n. 5, p. 591-522, sep. 2001.

MAI, J-E. The concept of subject in a semiotic light. In: SCHWARTS, C.; RORVIG, M. (ed.). **Digital collections: implications for users, funders, developers and maintainers**. Medford, NJ: Information Today, p. 54-64.1997a..(Proceedins of the ASIS Annual Meeting; 34).

MAI, J-E. The concept of subject: on problems in indexing. In: McILWAINE, I. C. (ed.). **Knowledge organization for information retrieval: 6 th International Study Conference on Classification Research**. The Hague: FID, 1997b. p. 60-67. (FID, n. 716).

MALHEIRO, A. ; RIBEIRO, F.. **Paradigmas, serviços e mediação em Ciência da Informação**. Recife: Nectar, 2011.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4.ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

MELLO, L. G. de. **Antropologia cultural: iniciação teoria e temas**. 3.ed. Petrópolis: Vozes,1986. 526 p.

MENDONÇA, E. S. **Linguística e ciência da informação: estudos de uma intersecção**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez., 2000.

MERRELL, F. **Viver aprendendo: cruzando fronteiras dos conhecimentos com Paulo Freire e Charles S. Peirce**. Rio grande do Sul: UNIJUÍ, 2008.

MERRELL, F. Iúri Lótman, C. S. Peirce e semiose cultural. **Galáxia**, n.5, p. 163-185, abr. 2003.

MIHAYCHUK, G. ; USPENSKY, B. A.; LOTMAN, Y. M. On the semiótic mecanism of culture. **New Literary History**, v. 9, n. 2, Soviet Semiotics and Cricicism: An Antology. 1978, pp. 211-232. Disponível em:<<http://links.jstor.org/sici?sici=0028-6087%28197824%299%3A2%3C211%3AOTAMOC%3E2.0.CO%3B2-J>>

MILANI, S. O. **Estudos éticos em representação do conhecimento**: uma análise da questão feminina em linguagens documentais brasileiras. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

MIRANDA, M.L.C. de. A Organização do Etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da informação. **Anais...** Salvador, 2007.

MONTEIRO, S. D. Semiótica peirciana e a questão da informação e do conhecimento. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2o n. especial, p. 43-57, 2º sem. 2006a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

MONTEIRO, S. D. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2006b.

MOURA, M. A. Interoperabilidade semântica e ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. **Inf. Inf.**, Londrina, v.16. n. 3. p. 165-179, jan./jun. 2011.

MOURA, M. A. Leitor-Bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade em processos de representação informacional. In: KURAMOTO, H.; NAVES, M. M. L. (Orgs.). **Organização da informação**: princípios e tendências. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 2006a. p 22-35.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, 2o n. especial, p. 1-17, 2o sem. 2006. Disponível em:< <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006b.

MOURA, M. A. Signi-fica ou signi-vai? As teorias da significação no campo da Ciência da Informação. In: REIS, A. S.;CANRAL, A. M. (org.) **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007, p. 61-80.

MOURA, M. A. ; SILVA, A. P.; AMORIM, V. R. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da Semiótica e da Semiologia. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, PB, v. 12, n.1,p.1-22, 2002.Disponível em:<<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev12n102.htm>>. Acesso em: 13 out. 2005.

MONTAGU, A. **Introdução à antropologia**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MORRIS, C. W. **Fundamentos da teoria do signo**. Rio de Janeiro : Eldorado ; São Paulo : Universidade de São Paulo, 1976.

MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NEVEU, F. **Dicionário de ciências da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NÖTH, W. **A semiótica do século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

OLSON, H. A. **The power to name: locating the limits of subject representation in libraries**. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2002.

OLIVEIRA, M. O. E. de. Knowledge Representation Focusing Amazonian Culture. En: ARSENAUT, C. ; TENNIS, J. T. (Ed.). **Cultural and identity in knowledge organization**. Canadá: ERGON VERLAG. p. 91-97. 2008. (Advances in Knowledge Organization, 11).

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PIGNATARI, D. **Informação, linguagem, comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1965.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio García Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol**. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo:Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, L. **Assinatura das coisas**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970

SCHNAIDERMAN, B. **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SCHNAIDERMAN, B. **Semiótica Russa**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SEMPRINI, A. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SMIRAGLIA, R. P. The progress of theory in knowledge organization. **Library Trends**, v. 50, n. 3, p. 330-349, 2002.

SMITH, M. M. Global information justice: rights, responsibilities, and caring connections. **Library Trends**, Champaign, v. 49, n. 3, p. 519-537, 2001. Disponível em:<
<http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=440dacb2-5035-4c36-b6c2-23920712b55f%40sessionmgr113&vid=2&hid=126>>

SIGEL, A. **The knowledge organization on internet**: mini-faq. 2000. Disponível em:<
<http://index.bonn.iz-soz.de/~sigel/ISKO/wiss-org.faq.html>>.

SOUSA, B. P. de. ; ALMEIDA, C. C. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.22, n. 2, p. 23-34, maio/ago. 2012.

SONESSON, G. La semiosfera y el dominio de la alteridad. **Revista Eletrónica Semestral de Estudos Semióticos de la cultura**. Granada, n. 6, nov 2005. Disponível em:<<http://www.ugr.es/local/mcaceres/entretextos.html>>

THELLEFSEN, T. L. Semiotic knowledge organization: theory and method development. **Semiotica**, v. 142, n. 1 / 4, p. 71-90, 2002.

THELLEFSEN, T. L. The fundamental sign. **Semiotica**, v. 149, n.1/4, p. 245-259, 2004a.
THELLEFSEN, T. L. Knowledge profiling: the basis for knowledge organization. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 507-514, winter 2004b.

THELLEFSEN, T. L. **Pragmaticism and the role of terminology**. Impact: an electronic journal on formalisation in text, media and language, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.impact.hum.auc.dk>>. Acesso em: 05 maio 2007.

THELLEFSEN, T. L. **Fundamental signs and significance-effects**: a semeiotic outline of fundamental signs, significance-effects, knowledge profiling and their use in knowledge organization and branding. 2009. 284 f. Doctoral Dissertation – Departament of internationale Culture and Comunication Studies. Copenhagen Business School.

THELLEFSEN, T. L.; THELLEFSEN, M. M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 31, n. 3, p. 177-187, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2000.

TOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOROP, P. Cultural semiotics and culture. **Sign Systems Studies**. v. 27. p. 9-23, 1999.

TOROP, P. Translation as translating as culture. **Sign Systems Studies**. v.30, n.2, p.593-605, 2002.

TOROP, P. Semiosphere and/as the research object of semiotics of culture. **Sign Systems Studies**. v. 33, n. 1, p. 159-173. 2005.

VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Rev. Estud. Comun.** Curitiba, v.10, n.23, p. 249-257, set/dez, 2009.

VERÓN, E. **La semiosis social**: fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona, Espãna: Gedisa editorial, 1999.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus lógico-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade

de São Paulo, 1968.

ZILLES, U. **Teoria do conhecimento e teoria da ciência**. São Paulo: Paulus, 2005.

ZYLKO, B. La cultura y la semiótica: notas sobre la concepción de la cultura de Lotman. Entretextos, **Revista Eletrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura**. n. 5, maio 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A
MODELO DA FICHA DE ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Referências	
Termo	
Conceito	
UR (citação)	
Observação	

APÊNDICE B
CATEGORIAS ANALISADAS EM
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

ÉTICA TRANSCULTURAL

Referência	GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a “culture of the border”: towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M.J.(eds.). Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries . Würzburg: ERGON-Verlag, 2002a., p. 516-522. (Advances in Knowledge Organization, 8).
Termo	Ética transcultural
Conceito	A ética transcultural condiz em um tratamento transcultural na representação de um determinado conhecimento. A ética transcultural considera a complexidade de elementos culturais que estão imbuídos em processos de organização e representação do conhecimento.
UR (citação)	The knowledge organizer is also trapped by these inconveniences. That is why, rather than simplify cultural realities, scholars and practitioners have to work together to build a transcultural ethics which gives legitimate support to the social construction of the exomemory, using categories transculturally acceptable, and a body of rules helping to detect racial, ethnic, gender or any other prejudices of the like. This deontological code should be linked to an <i>ad hoc</i> propedeutics of mediation that do not need to deny mediation, as a real presence, but must foresee a way of making it explicit and prepare wide-awake participants (p.519).
Observação	Nesta discussão é possível notar que o autor destaca a necessidade de entender o que é cultura. O propósito é distinguir a concepção de transcultural com a ideia de multicultural onde esta última, entende e apresenta a cultura de forma fragmentada.

TRANSCULTURALISMO

Referência	GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Knowledge organization from a “culture of the border”: towards a transcultural ethics of mediation. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J.(eds.). Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century : integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002a., p. 516-522. (Advances in Knowledge Organization, 8).
Termo	Transculturalismo
Conceito	Reflete sobre um olhar crítico da cultura e nesse sentido questiona a ideia de multiculturalismo, pois se posiciona contra uma perspectiva fragmentada e demarcacionista como no caso do multiculturalismo analisado pelo autor, visto como uma medida de demarcação de território a partir de categorizações étnicas, raciais e culturais e com interesses políticos.
UR (citação)	The history of the organization of knowledge has been the history of a process of rationalization of knowldge that has forced other real and modal ways of cognition to the exile, ruling out, for instance, the actuality of a irrational mind which cannot be simply excluded either from participation in our representation of nature or from decision-making (p. 516).
Observação	O transculturalismo implica uma reflexão que se encontra guiada sobre uma crítica ao multiculturalismo e desse modo reflete a noção de uma representação da cultura que permita um conhecimento que ultrapasse o local e se expanda à uma dimensão global.

GARANTIA CULTURAL

Referência	BEGHTOL, C. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). Challenges in knowledge representation and organization for the 21 century : integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag. 2002. p. 45-49. (Advances in Knowledge Organization, 8).
Termo	Garantia cultural
Conceito	A garantia cultural ou “cultural warrant” é um conceito que busca nos sistemas de organização do conhecimento uma garantia em relação ao reconhecimento das culturas e seu acesso. A garantia cultural destaca que toda cultura é constituída por diversos elementos e estes necessitam ser reconhecidos no contexto dos sistemas de organização do conhecimento.
UR (citação)	The concept of cultural warrant implies that a knowledge organization system is more likely to be useful and appropriate for those who are members of a culture and that it is less likely to be useful and appropriate for those who belong to some different culture, at whatever level of society that culture or domain may reside. Thus, a knowledge organization system that is appropriate for the elements of one culture may not recognize elements that are highly important for some other culture, and such exclusions pose problems because we need to integrate knowledge across cultural, geographic, and linguistic boundaries (p.45)
Observação	A proposta de uma garantia cultural, implica em formas de representação do conhecimento que se adequem as diferentes culturas e desse modo sejam úteis para os sujeitos que fazem parte de tais culturas.

HOSPITALIDADE CULTURAL

Referência	BEGHTOL, C. Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: LÓPEZ-HUERTAS, M. J. (Ed.). Challenges in knowledge representation and organization for the 21 century : integration of knowledge across boundaries. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002. p. 45-49. (Advances in Knowledge Organization, 8).
Termo	Hospitalidade cultural
Conceito	Corresponde a uma garantia ética e cultural mediante o uso de termos que primem por uma representação das diversas culturas tendo em vista o reconhecimento dos contextos nos quais tais culturas estão inseridas.
UR (citação)	The concept of "hospitality" has long been established as one of the ability of a notation to admit new concepts appropriately and to accommodate them in the correct relationships with other concepts. Cultural hospitality complements and extends the idea of cultural warrant. It posits that making provisions for specific aspects of different cultures in knowledge organizations systems will increase the appropriateness and usefulness of those knowledge organization systems in different settings for the purposes of world-wide information flow. (p. 47)
Observação	Como trata de uma concepção que se estende a noção de garantia cultural, a hospitalidade cultural nos dá condições para refletir sobre inúmeras possibilidades de representação que por meio de uma ética passe a considerar as diversas culturas e também reconhecer a importância destas no momento de representação do conhecimento.

MULTILINGUISMO

Referência	HUDON, M. Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. Knowledge Organization . v. 24, n.2, p. 84-91, 1997.
Termo	Multilinguismo
Conceito	Implica reconhecer uma diversidade de línguas (idiomas). O sujeito multilingue é aquele que consegue desenvolver a capacidade de falar e compreender mais línguas que a sua língua materna.
UR (citação)	There is a definite cultural dimension to the process, and in fact it might soon be more appropriate to refer to multicultural thesauri, rather than to multilingual thesauri. There is also a political dimension to multilingual thesaurus construction , especially in dealing with languages which are not, contextually, on the same “standing”(p.84).
Observação	Consideramos que o conceito de multilinguismo torna-se relevante na discussão sobre os tesouros multilingues pelo fato de tal conceito destacar a capacidade que um indivíduo pode ter e/ou de desenvolver para a manipulação de diversas línguas. Nesse sentido, a ideia de thesaurus multilingues encontra-se próxima de tal conceito por considerar a diversidade de línguas e ainda de contextos no intuito de ampliar a comunicação em respeito da diversidade linguísticas.

APÊNDICE C
CATEGORIAS ANALISADAS EM
SEMIÓTICA DA CULTURA

LINGUAGEM

Referência	LOTMAN. The place of art among other modelling systems. Sign Systems Studies . v. 39, n. 2/4. p. 249-270, 2011.
Termo	Linguagem
Conceito	É um sistema modelizante secundário, possui o caráter expressivo da cultura e dos textos produzidos na mesma.
UR (citação)	Language can be realized not just in material substance (sounds, visual tangible objects), but in other languages too. That means, one language is a field for another, and forms the spots on this field where elements of another language can place themselves (p.25).
Observação	A linguagem é sobretudo um mecanismo social que é parte de toda e qualquer cultura, sem linguagem na cultura, não haveria expressões diversas como através da arte, da música, da dança, do texto escrito, do texto da cultura etc.

CULTURA

Referência	TOROP, P. Translation as translating as culture. Sign Systems Studies . v.30, n.1, p.593-605, 2002.
Termo	Cultura
Conceito	A cultura é um sistema complexo de signos. É um mecanismo gerador de textos.
UR (citação)	Culture has its own sign systems or languages on the basis of which the members of the culture communicate. Thus, one possibility to understand a culture is to learn the languages of the culture, the sign systems operating within the culture. The languages of culture are, however, apt to change and their signs are ambiguous. Thus another possibility remains to approach the culture via events and texts that bind different sign systems, yet have a general meaning or theme that can be described (p. 600).
Observação	Em seu aspecto funcional a cultura é acumulativa na medida em que organiza as informações, conservar e preserva tradições com o objetivo de possibilitar a construção de conhecimento.

TEXTO

Referência	LOTMAN, I. M. On the semiosphere. Sign Systems Studies . v.33, n.1 p 205-229, 2005.
Termo	Texto
Conceito	O texto é um espaço organizado e a princípio possui o caráter homogêneo, mas que torna-se heterogêneo quando considera a introdução de múltiplos elementos que são agregados de outros textos.
UR (citação)	The text in its “normal” reading identifies itself with that which is “open”, and in its reverse state — with the “esoteric” sphere of culture. The use of palindromes in spells, magical formulas, on the gates of tombs, is significant i.e. its use on the boundaries and magically active places of cultural space — areas where earthly (normal) and infernal (inverse) forces meet (p.223).
Observação	O texto pode apresentar-se tanto em um nível verbal, como também pode ser criado e representado por outros sistemas como a linguagem e deste modo sua interpretação torna-se mais complexa em relação ao texto escrito.

CONTEXTO

Referência	LOTMAN, I. M. Umwelt and semiosphere. Sign Systems Studies . v. 30, n.1, p. 33-40, 2002.
Termo	Contexto
Conceito	Representa o momento histórico, político, social e cultural. É por meio dos variados contextos que o texto é produzido.
UR (citação)	[...] the context for Lotman does not precede text, being its preliminary condition, but, vice versa, text produces its context in the widest sense, including all the participants in the communicative act.(Lotman,1982, 1990; M. Lotman 2000) (p.34-35).
Observação	Esse espaço dialógico interage com os textos e pode potencializar a construção de outros textos na cultura pelo fato deste favorecer um referencial a quem produz o texto e ao mesmo tempo ao sujeito que se dispõe interpretá-lo.

TRADUÇÃO

Referência	TOROP, P. Translation as translating as culture. Sign Systems Studies . v.30, n.2, p. 593-605, 2002.
Termo	Tradução
Conceito	É uma ação semiótica que possibilita tanto a interpretação como a compreensão de uma determinada cultura.
UR (citação)	In the discipline of semiotics of culture it comes naturally to say that culture is translation, and also that translation is culture. However, in the present context it should be added that translation activity is also an activity that explains the mechanisms of culture and that translation itself is a concept that is extremely loaded metho-dologically. Still, the fact that translation as a concept is loaded does not mean it is metaphorised. Translation and translating are concepts concurrent with an active culture and allow us in the situation of the scarcity of culture theoretic means to approach the essence of cultural mechanisms in a way that the analysis of both translation and ranslating as well as culture are enriched (p.603).
Observação	A noção de tradução busca ultrapassar uma tradução entre códigos. A tradução no sentido da Semiótica da Cultura é uma atividade interpretativa que prevê a dinâmica dos sistemas da cultura, assim como os códigos, as linguagens, a forma com os textos se apresentam na cultura, tendo em vista favorecer uma interpretação digna aos contextos culturais, assim como aos textos da cultura.

SISTEMAS MODELIZANTES

Referência	TOROP, P. Cultural semiotics and culture. Sign Systems Studies . v. 27. p. 9-23, 1999.
Termo	Sistemas modelizantes
Conceito	São sistemas de representação que no contexto da Semiótica da Cultura evidenciam o caráter dinâmico da cultura e dos textos (produtos da cultura). São responsáveis pela comunicação de todo texto produzido nos contextos culturais.
UR (citação)	[...] the status of a secondary modeling system is obtained by poetic language in relation to written language, or the language of pictorial arts in relation to the language of consciousness, i.e. natural language into which it is translatable or by which it is describable. According to this logic, natural language is the primary modeling system in relation to reality, and secondary modeling system, as a language of description, relates to all other languages of art and in wider sense languages of culture (mythology, religion, behavioral norms, etc.) (p.9-10).
Observação	Os sistemas modelizantes enquanto sistemas de representação do texto na cultura, buscam representar os textos da cultura com o propósito potencializar a construção de novos textos na cultura.

APÊNDICE D - GLOSSÁRIO

DA SEMIÓTICA DA CULTURA

C

Código- “Signo convencional ou uma organização de caráter genérico a partir da qual é possível a constituição dos sistemas e, conseqüentemente da linguagem” (MACHADO, 2003, p.155).

Códigos culturais- “criadores de linguagem e, conseqüentemente, de textos culturais se dão a entender como som, imagem, movimento, textura, cheiro, paladar”(MACHADO, 2003, p.156).

Competência semiótica- “[...] capacidade de compreender os sistemas semióticos como produtos da culturalização, isto é, como resultado da transformação da informação em linguagem e, conseqüentemente, em sistema da cultura” (MACHADO, 2003, p. 142).

E

Estruturalidade- “[...] é a qualidade textual da cultura sem a qual as mensagens não podem ser reconhecidas, armazenadas e divulgadas” (MACHADO, 2003, p. 39).

G

Gestão semiótica- Ato de compreender como os diversos complexos sígnicos se relacionam mediante os espaços culturais e ainda como exercem significados a partir de um contexto de leitura, isto é, de análise dos signos da cultura (MACHADO, 2008, p. 66).

M

Modelização- “[...] é a chave para compreender a produção de mensagens resultantes das relações entre as mais variadas linguagens ou os mais variados sistemas semióticos da comunicação social” (MACHADO, 2003, p. 150).

Modelizar- “[...], um esforço de compreensão da signicidade dos objetos culturais, Modelizar é semioticizar” (MACHADO, 2003, p. 163).

S

Semiose- Processos de cultivo da mente pelas civilizações. A semiose ou semioses transformam a informação em texto e este em estrutura pensante, isto é, em memória (MACHADO, 2003).

Semiosfera- “Espaço de produção da semiose na cultura, portanto, de coexistência e de coevolução dos sistemas de signos” (MACHADO, 2003, p. 163).

Sistema- “Unidade aberta traduzida em termos de um conjunto de variantes que se constituem graças às relações complementares com as invariáveis e, por conseguinte, aberta às mudanças” (MACHADO, 2003, p. 165).

Sistemas modelizantes- “[...] entendem-se as manifestações, práticas ou processos culturais cuja organização depende da transferência de modelos estruturais, tais como aqueles sob os quais se constrói a linguagem natural” (MACHADO, 2003, p. 49).

Sistema modelizante primário- A língua atua como um sistema modelizante primário porque é a partir desta é possível o desenvolvimento de diversos outros sistemas como literatura, mitos os quais são construídos em analogia dos sistemas primários, a língua (MACHADO, 2003, p. 167-168).

Sistemas modelizantes secundários- literatura, mito, religião, arte. São sistemas modelizantes secundários, pois tem na linguagem verbal uma estrutura referencial, com base na qual se reconhece, num dado sistema, sua estruturalidade (MACHADO, 2007, p. 29).

T

Texto- Atua como a unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. O texto pode ser uma obra de arte, uma dança, uma música etc. (MACHADO, 2003). O texto é um espaço semiótico em que há a interação, onde as linguagens interferem-se e se auto-organizam-se em processos de modelização (MACHADO, 2007, p.31).

Texto cultural- É um espaço organizado e a princípio possui o caráter homogêneo, mas que torna-se heterogêneo quando considera a introdução de múltiplos elementos que são agregados de outros textos da cultura enquanto um sistema aberto.

Tradução da tradição- “[...] um encontro entre diferentes culturas a partir do qual nascem códigos culturais que funcionam como programas para ulteriores desenvolvimentos” (MACHADO, 2003, p. 30).

Tradução intersemiótica- Consiste na interpretação dos signos verbais via sistemas de signos

não-verbais (JAKOBSON, 1995, p. 65).

Transcodificação- “[...] operação” (ou conjunto de operações) pela qual um elemento ou um conjunto significativo é transposto de um código para outro, de uma linguagem para outra”(GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 509).